
PIRATAS DO
PRIVILÉGIO

PIRATAS DO PRIVILÉGIO

Por Walter Rea

PIRATAS DO PRIVILÉGIO

Entenda como a elite financeira e administrativa da IASD encontrou o mapa da mina e se apropriou do tesouro sagrado

O manuscrito proibido de Walter Rea sobre o escândalo Davenport, os conflitos de interesse e a crise de responsabilidade na liderança adventista

Piratas do Privilégio ocupa um lugar singular na história contemporânea do adventismo porque não nasceu como um livro de análise escrito décadas depois dos acontecimentos, mas como uma tentativa de registrar, quase a quente, aquilo que seu autor, o pastor Walter Rea, considerava uma das mais graves crises morais, administrativas e financeiras já enfrentadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Redigido em 1984, o manuscrito reconstrói o chamado **Caso Davenport**, acompanha relações financeiras entre Donald J. Davenport, administradores, instituições e dirigentes denominacionais, reproduz correspondências, listas, referências a processos judiciais, documentos internos e reportagens da época, e formula acusações severas sobre conflito de interesses, omissão administrativa, favorecimento e ausência de prestação de contas.

A importância histórica da obra começa precisamente aí. Rea não escreve como observador neutro nem pretende fazê-lo. Ele escreve como pastor adventista que afirma ter encontrado documentação comprometedora e que, a partir dela, passou a confrontar a administração denominacional. Sua linguagem é frequentemente dura, acusatória e polêmica. Isso exige do leitor discernimento e confronto documental. Mas é justamente essa característica que transforma o manuscrito em uma fonte histórica indispensável: ele preserva a percepção de um protagonista da controvérsia, apresenta nomes, datas, cartas, valores, decisões administrativas e pistas documentais que podem — e devem — ser comparadas com atas oficiais, arquivos da Associação Geral, processos judiciais, matérias da imprensa e investigações independentes.

O próprio histórico material de *Pirates of Privilege* aumenta seu valor documental. O texto original permaneceu sem publicação comercial. A edição que chegou à internet foi reconstruída a partir de um manuscrito datilografado e de uma versão obtida por OCR. Em 2009, Kerry Wynne explicou que conseguiu comparar o arquivo eletrônico com uma cópia impressa e encadernada do manuscrito original de Walter Rea, corrigindo erros de reconhecimento e recuperando boa parte da formatação perdida. O editor deixa claro que o texto preservado correspondia a um **rascunho que ainda passaria por revisão antes de eventual publicação**, circunstância fundamental para que o leitor compreenda a natureza do documento que tem em mãos.

Há também uma razão histórica para não deixar esse material restrito a pesquisadores que dominem o inglês ou a arquivos especializados. O manuscrito reúne elementos que ajudam a compreender não apenas Donald Davenport, mas o funcionamento de uma estrutura denominacional em momento de crise. Entre as questões que atravessam o texto estão a mistura

entre investimentos particulares de dirigentes e recursos institucionais, a responsabilidade fiduciária de administradores, os limites entre amizade pessoal e função denominacional, a circulação de advertências antes do colapso e a maneira como a Igreja reagiu quando o problema deixou de poder ser tratado internamente. No próprio início do manuscrito, Rea já apresenta o escândalo como um episódio envolvendo numerosas entidades, dirigentes e investidores adventistas, deixando evidente que sua intenção era investigar não apenas um empresário, mas a rede de relações que o cercava.

É por isso que decidimos colocar esta tradução à disposição do público de língua portuguesa. **Não a publicamos porque consideramos Walter Rea infalível, nem porque cada acusação presente em suas páginas possa ser aceita sem verificação. Publicamos justamente porque documentos históricos não devem ser protegidos do exame público apenas porque são desconfortáveis.** Uma comunidade religiosa amadurece quando seus membros podem conhecer não somente seus relatos oficiais de vitória, expansão e fidelidade, mas também os episódios em que suas instituições, seus administradores e seus mecanismos de controle foram colocados à prova.

Para o público adventista brasileiro e lusófono, o acesso ao texto integral permite algo que durante décadas esteve praticamente reservado a leitores de língua inglesa: acompanhar a argumentação de Rea em sua sequência original, verificar suas fontes, distinguir documentos de interpretações, conferir nomes, comparar datas e investigar por conta própria. Isso é particularmente importante porque o Caso Davenport continua sendo mencionado de forma fragmentária, geralmente reduzido à afirmação de que “um empresário enganou a Igreja”. *Piratas do Privilégio* mostra que a controvérsia foi muito mais ampla e envolveu questões de governança, fiscalização, confiança, conflito de interesses e responsabilidade de líderes que administravam recursos entregues por membros que acreditavam estar sustentando a missão da Igreja.

Nossa decisão de disponibilizar esta tradução, portanto, é também uma decisão editorial sobre **memória e transparência**. Não queremos substituir uma versão oficial por uma versão acusatória. Queremos devolver ao leitor uma peça documental que durante muito tempo circulou de maneira limitada e difícil de consultar. O leitor deve ter acesso ao texto e formar sua própria avaliação, confrontando-o com outras fontes.

Piratas do Privilégio não é confortável. Tampouco deveria ser. Seu valor histórico está justamente em obrigar o adventismo a olhar para uma parte de sua história em que fé, poder, dinheiro, amizade, autoridade e responsabilidade institucional se cruzaram de maneira perigosa. Disponibilizá-lo em português é permitir que essa história seja examinada, discutida e documentada por uma nova geração de leitores.

O que está em jogo aqui não é apenas o passado de Donald Davenport ou de alguns administradores. É uma pergunta que continua atual em qualquer organização religiosa: quem vigia aqueles a quem a comunidade entrega confiança, autoridade e dinheiro?

POR QUE O TÍTULO “PIRATAS DO PRIVILÉGIO”?

O título *Pirates of Privilege* — **“Piratas do Privilégio”** — é uma metáfora escolhida por Walter Rea para condensar a acusação central do livro: a de que determinados dirigentes e pessoas bem posicionadas dentro da estrutura adventista teriam usado **acesso, confiança institucional, informação privilegiada e posição administrativa** para participar de negócios financeiros dos quais o membro comum estava distante.

A palavra **“piratas”** não significa que Rea esteja falando literalmente de ladrões no sentido jurídico. É uma linguagem deliberadamente provocativa. Para ele, alguns administradores comportavam-se como homens que se aproximavam dos recursos da Igreja, das oportunidades de investimento e das relações com Donald Davenport como quem se apropria de um tesouro que deveria estar sob proteção. Já na abertura do manuscrito, a edição descreve credores de Davenport entre entidades da Igreja, líderes e outros adventistas privilegiados, inclusive presidentes da Associação Geral e presidentes de uniões.

O termo **“privilégio”** é ainda mais importante. Rea insiste que os envolvidos não eram, em sua maioria, membros comuns. Eram pessoas que ocupavam posições de poder, participavam de comissões, conheciam administradores, tinham acesso a informações e, em alguns casos, podiam influenciar decisões sobre dinheiro institucional. No capítulo em que apresenta a lista de investidores, ele chega a dizer que ela parecia um verdadeiro “quem é quem” do adventismo e observa que se concentrava na elite financeira e administrativa da denominação.

Por isso, **“Piratas do Privilégio” significa, na lógica de Rea, pessoas que teriam explorado as vantagens proporcionadas pela própria posição privilegiada dentro da Igreja**. O título reúne duas ideias: de um lado, a apropriação ou exploração indevida de recursos e oportunidades; de outro, a existência de uma elite protegida por relações internas, prestígio e acesso que o membro comum não possuía.

Há ainda uma ironia no título. A Igreja pregava sacrifício, mordomia, simplicidade e responsabilidade no uso dos dízimos e ofertas, enquanto Rea procura demonstrar que parte da liderança participava de operações financeiras sofisticadas, pessoais e institucionais, justamente com o homem que depois estaria no centro do maior escândalo financeiro adventista daquele período. O contraste entre **o sacrifício do membro e o privilégio do administrador** é praticamente a espinha dorsal retórica do livro.

> **“Piratas do Privilégio” são, na acusação de Walter Rea, os homens que teriam transformado posições de confiança dentro da Igreja em acesso privilegiado a dinheiro, investimentos, influência e proteção institucional.**

Há um detalhe editorial importante: **o título é uma acusação de Rea, não uma sentença judicial**. Isso não diminui sua força. Pelo contrário, ajuda o leitor a compreender desde a capa que está diante de um manuscrito de denúncia, deliberadamente combativo, e não de uma história institucional neutra.

Por Robson Ramos

PIRATAS DO PRIVILÉGIO

Dr. Walter Rea / dezembro de 1984

Editado e reformatado em 2/7/2009 por Kerry Wynne

NOTA DO EDITOR

Walter Rea, autor do explosivo livro anti-Ellen G. White A Mentira Branca (1982-1983), viu-se em uma situação incomum, na qual pôde acompanhar o desenvolvimento da corrupção financeira da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Caso Davenport. Então, em um conjunto extraordinário de circunstâncias, chegou às suas mãos uma cópia da sentença de divórcio do Dr. Donald Davenport. A esposa separada do Dr. Davenport frequentava por acaso a igreja adventista na qual o Dr. Rea era pastor naquela época e, ao procurar sua orientação sobre o assunto, mostrou-lhe a sentença. Esse documento jurídico trazia, entre outras coisas, uma relação dos muitos credores do Dr. Davenport, que incluía um número surpreendente de entidades da Igreja, dirigentes e outros adventistas privilegiados, entre eles mais de um presidente da Associação Geral e seis presidentes de uniões. A Igreja e os dirigentes da Igreja que investiram com o Dr. Davenport perderam algo em torno de 77 milhões de dólares - uma soma enorme no fim da década de 1970 e no início da década de 1980 - nesse escândalo de tipo Ponzi.

Piratas do Privilégio, que revela os detalhes quase inacreditáveis desse capítulo sórdido da história do adventismo, nunca foi publicado. Quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia demitiu Rea, retirou-lhe os benefícios de aposentadoria. Os dirigentes da Igreja gostariam que o mundo acreditasse que a razão da demissão foi a exposição que ele fez do amplo plágio de Ellen White; mas sabemos agora que isso ocorreu tanto por ele ter exposto a corrupção adventista quanto pelo modo como tratou a questão de Ellen White. Ele tinha 60 anos quando seu emprego na Igreja foi encerrado e, a essa altura, já havia dedicado muitas décadas de serviço à denominação. Rea levou a Igreja à Justiça e recuperou seus benefícios de aposentadoria, mas foi obrigado a concordar em não publicar Piratas do Privilégio para assegurar essa renda. Assim, em sentido muito real, cada centavo de aposentadoria que Rea recebeu da Igreja nas décadas seguintes representa "dinheiro para comprar silêncio", destinado a calar a história da corrupção adventista e do escandaloso desperdício do dinheiro da Igreja. A maior parte dos milhões de dólares perdidos por dirigentes adventistas no Caso Davenport chegou à Igreja na forma de dízimos dados com sacrifício por fiéis adventistas que lutavam para sobreviver de um salário ao outro. Piratas do Privilégio mostra dirigentes adventistas agindo como se não acreditassem que há um Céu a conquistar ou um inferno a

evitar, muito menos nos ensinos peculiares da própria Igreja acerca do sábado, do Juízo Investigativo ou da inspiração divina de Ellen White. Quer seus escritos fossem inspirados por Deus, quer não, esses dirigentes repetidamente desconsideraram seus conselhos específicos tanto no que diz respeito à administração dos dízimos quanto às práticas de investimento da Igreja em geral.

Piratas do Privilégio esteve disponível por muitos anos na World Wide Web na forma de um documento produzido pela digitalização, com um programa de OCR, de uma cópia do manuscrito datilografado do livro. O programa utilizado não reconheceu corretamente muitos caracteres, e grande parte da formatação de parágrafos e quadros se perdeu nesse processo. Fiquei surpreso ao descobrir que poderia obter uma cópia impressa e encadernada em espiral do manuscrito datilografado original do Dr. Rea por meio do ministério Good News Unlimited, do Dr. Desmond Ford, na Austrália. Comparando a cópia impressa do manuscrito original com a cópia eletrônica obtida por OCR, consegui criar um arquivo em WORD que está completo. Esse processo, embora trabalhoso, exigiu muito menos tempo do que seria necessário para redigitar o livro inteiro.

A versão impressa de Piratas do Privilégio é um fac-símile do que era, na realidade, um rascunho que teria passado por novas revisões antes de ser submetido a uma editora. Evidentemente não foi preparada uma versão final, porque a possibilidade de publicação do livro foi imediatamente sufocada pelo acordo judicial. Havia alguns erros tipográficos nesse rascunho. Na maioria dos casos, optei por corrigi-los. Alguns erros podem ter sido introduzidos nesta versão restaurada em razão de equívocos cometidos por mim durante o processo de edição. Em alguns casos, acrescentei notas para explicar certas decisões editoriais que tomei. Os leitores podem ajudar a aumentar a precisão deste documento enviando suas correções sugeridas para amazing-lies@sbc.global.net. - Kerry Wynne, 24 de junho de 2009.

CAPÍTULO I

QUEM MANDA NA LOJA?

O Wall Street Journal chamou-o de "um dos reis dos proprietários de imóveis alugados ao serviço postal do país. [...] O Dr. Davenport, colecionador da agência postal de Long Beach, afirma que nem o alto rendimento nem os benefícios fiscais o motivaram. O que o atrai é a concorrência das propostas, diz ele. 'Adoro entrar apenas um pouquinho abaixo do outro sujeito.'" [1]

Pode ter sido assim, mas, quando seu império desmoronou em 1982, milhões haviam desaparecido na fraude de 69 a 70 milhões de dólares, e nem Davenport nem sua esposa

disseram ao tribunal onde haviam gasto ou enviado a parte deles nesses milhões. Além disso, o verdadeiro proprietário daqueles imóveis dos correios revelou-se ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com várias centenas de seus dirigentes e pastores ajudando o Doutor a lavar seus atos e seu dinheiro na lavanderia da Igreja. [2]

É uma história inacreditável, até mesmo para um povo que acabara de ser surpreendido com sua profetisa mentindo sobre seus dons e seu material. [3] Em dimensão, o caso se equipara ao escândalo financeiro da Igreja Católica e talvez tivesse recebido atenção ainda maior se as duas histórias não tivessem chegado às notícias aproximadamente na mesma época. O Doutor e sua parceira, a Igreja, arrancaram milhões de bancos, companhias de seguros, instituições financeiras, do Internal Revenue Service e dos idosos pobres da Igreja; contudo, ninguém envolvido no crime foi multado, ninguém foi para a prisão e nenhuma pessoa de importância foi demitida de seu cargo, embora o furto de um pão ou de uma bicicleta possa resultar, e de fato resulte, em multa ou prisão.

O Doutor ainda dirige seu Mercedes 380SL, e a Igreja continua falando de santidade, enquanto os pastores implicados na trama ainda conservam os mesmos cargos, continuam sustentando sua inocência e continuam exercendo autoridade e controle sobre o dinheiro de seus membros.

A descrição das atividades de Davenport já é bastante bizarra por si só, mas, comparada às manobras de bastidores dos dirigentes e pastores da Igreja Adventista, empalidece até parecer insignificante. Para compreendê-las plenamente e perceber a enormidade do engano praticado e da fraude da qual participaram a Igreja, seus dirigentes e seu clero, é preciso considerar as alegações feitas por esses religiosos e por sua Igreja.

Em primeiro lugar, é preciso observar que esses dirigentes eram responsáveis por manter diante dos membros a ideia de que o tempo e a história deste mundo estavam próximos do fim. Cada acontecimento mundial, grande ou pequeno, era apontado por eles como um sinal do fim. Isso frequentemente assumia uma perspectiva apocalíptica mensal ou anual. Entretanto, esses mesmos dirigentes estavam investindo seu dinheiro pessoal, bem como o dinheiro da Igreja, em contratos de arrendamento de agências postais que podiam durar, e muitas vezes duravam, vinte ou até trinta anos, sem possibilidade de cancelamento. Esses homens realmente acreditavam no que pregavam aos outros, isto é, que cada dia, semana, mês ou ano poderia trazer o fim de todas as coisas?

Esses dirigentes estavam entre os primeiros a pregar a pobreza de Cristo - pelo menos para os outros. Quando foi divulgada a lista de credores da falência, revelou-se que muitos desses homens haviam investido, para si próprios ou para a Igreja, não milhares ou dezenas de

milhares, mas até centenas de milhares e milhões. De onde esses homens, que pregavam pobreza para si mesmos e para a Igreja, tiraram tanto dinheiro? Estariam utilizando recursos da Igreja em benefício próprio e depois devolvendo-os após receber os juros produzidos por esses recursos? Teriam pago impostos federais sobre seus valores pessoais, ou estariam lavando o próprio dinheiro junto com o da Igreja, de modo que nenhum imposto fosse pago? Nenhuma dessas perguntas jamais foi respondida publicamente.

A Igreja e seus dirigentes ensinam que seus pastores não devem ter conflito de interesses enquanto servem ao povo. Entretanto, as provas mostrarão - e mostram - que a maior parte dos investidores que especulavam com o dinheiro da Igreja também tinha valores pessoais investidos com o mesmo homem que era parceiro comercial ou fornecedor da própria Igreja. Muitas vezes, os pastores recebiam "comissões de indicação" simplesmente por transferirem o dinheiro da Igreja de uma conta da própria Igreja para outra conta de Davenport, sendo que ambas estavam sob seu controle por meio de seus votos ou de suas decisões; ou, como as provas mostraram na audiência judicial, utilizavam contas conjuntas com o Doutor nessas transações.

Durante anos, a Igreja se opôs à especulação financeira por parte de seus membros. Falou contra investimentos no mercado de ações, ao mesmo tempo que investia e perdia milhões nele. Pregou que todos os recursos excedentes, tanto pessoais quanto coletivos, deveriam ser empregados para "terminar a obra" da Igreja, e não colocados em risco em busca de lucro individual. No entanto, o tempo e as provas mostraram que Davenport e a forma pela qual fazia negócios com os dirigentes e pastores constituíram um dos maiores riscos que a Igreja poderia ter assumido. Muitos de seus dirigentes sabiam disso, mas, como participantes de uma brincadeira de dança das cadeiras, acreditavam que conseguiriam sair antes do colapso - e alguns realmente conseguiram.

Não há dúvida de que crimes foram cometidos, crimes graves aos quais poderiam ser aplicadas penas severas. O juiz Finney, um dos integrantes de uma comissão designada para estudar as consequências do Caso Davenport, declarou que, se alguns dos culpados pelo escândalo Davenport tivessem comparecido perante seu tribunal, poderiam ter terminado cumprindo pena de prisão. [4] Como, então, acontecimentos assim puderam ocorrer numa igreja cujos membros acreditam que seus dirigentes devem representar Cristo - e efetivamente O representam - e cujo caráter, segundo eles acreditam, quando aperfeiçoado aos olhos de Deus, trará o fim de todo o tempo terrestre? Eram esses homens simples homens santos, inocentemente conduzidos ao constrangimento por um vigarista astuto, como alguns

gostariam que o público acreditasse, ou esses dirigentes e pastores faziam parte de um crime de vastas proporções?

Os detalhes dos fatos não são agradáveis, mas, como declarei em A Mentira Branca, estes fatos são apresentados aqui a todos aqueles que preferem acreditar numa verdade amarga sobre sua Igreja a aceitar uma mentira doce. Um crime foi cometido por todos os dirigentes e indivíduos que estiveram envolvidos no Caso Davenport ou que tiveram conhecimento dele. Envolver-se em fraude, conflito de interesses, manipulação ou encobrimento é crime. Até mesmo deixar de denunciar um crime constitui crime em muitas circunstâncias. O fato de o Caso Davenport ter sido e continuar sendo ocultado da vista pública ou privada mostra claramente que aqueles que nele estiveram envolvidos, ou que tinham conhecimento dos acontecimentos, reconheceram que estavam implicados em um crime; caso contrário, por que esconderiam os fatos relativos ao que sabiam ou à sua participação?

Finalmente, é flagrantemente claro que a hipocrisia do desastre Davenport se iguala à hipocrisia da mentira de Ellen G. White. Os adventistas ensinam que, acima de todos os demais, moldam sua vida e seus atos pelos escritos e conselhos de sua profetisa, Ellen G. White; contudo, o fiasco Davenport contrariou todos os conselhos que ela jamais deu, fossem eles "inspirados" ou não. Em outras áreas de seus conselhos, o mundo podia perceber claramente que os dirigentes de sua Igreja prestavam apenas homenagem verbal a seus escritos quando se tratava de si mesmos, ao mesmo tempo que procuravam impô-los aos membros. A disciplina, chave e essência dos escritos de Ellen White, esteve completamente ausente para os dirigentes envolvidos no Caso Davenport.

Alguns podem ser tentados a concluir que já se escreveu e explicou o bastante sobre o envolvimento da Igreja com o Dr. Davenport e que, quanto mais cedo o assunto inteiro morrer, melhor será para todos os envolvidos, inclusive para a Igreja e para os dirigentes que gostariam de apagar seus rastros. Os que raciocinam dessa forma ignoram várias coisas:

1. Nada mudou realmente no adventismo, exceto a aparência do sistema. A maior parte daqueles mesmos homens continua nos mesmos cargos, fazendo as mesmas coisas que fazia antes.

2. Não há indício de que uma mudança verdadeira venha a ocorrer. Os crimes cometidos pelo clero da Igreja foram crimes morais e espirituais e, até agora, não houve confissões sinceras desses crimes. Afinal, em assuntos espirituais, a própria Igreja ensina que o leopardo não pode mudar suas manchas nem o etíope a sua pele; da mesma forma, os que

estão acostumados a fazer o mal não conseguem mudar. [5] Todos os fatos mostram que aqueles dirigentes e pastores estavam acostumados a praticar o mal havia muito tempo.

3. Alguns dos nomes tornados públicos e que sofreram pequeno constrangimento eram apenas funcionários de menor escalão, enquanto alguns dos grandes nomes e dos peixes graúdos escaparam. Teria sido melhor que todos fossem levados à barra da Justiça, em algum tribunal, onde os inocentes pudessem ser absolvidos e os culpados, punidos.

4. Durante anos, muitas vozes se levantaram contra as práticas da Igreja e de seus dirigentes e pastores. Essas pessoas deveriam, pelo menos, ser reconhecidas pela parte honesta e heroica que desempenharam e por quanto sofreram em razão de sua honestidade.

5. Finalmente, as pessoas, tanto dentro quanto fora do adventismo, deveriam ter ao menos a oportunidade de repensar seu envolvimento emocional, teológico e financeiro num sistema em que aqueles mesmos homens ligados a Davenport continuam tomando as decisões da Igreja nessas outras áreas de envolvimento.

Em um artigo intitulado "Maus Negócios: o Fiasco Davenport", Tom Dybdahl, escrevendo para a Spectrum, faz um excelente trabalho ao reconstruir o pano de fundo que levou às conexões entre Davenport e a Igreja Adventista. Ele escreveu:

> "O próprio Davenport nasceu em Bakersfield, Califórnia, em 1913. Seu pai era um médico adventista que havia sido missionário pioneiro na China. O jovem Donald decidiu seguir os passos do pai e, em 1940, formou-se em Medicina pelo College of Medical Evangelists, em Loma Linda.

No início de sua carreira como cirurgião geral, Davenport desenvolveu uma pequena atividade paralela: construir agências postais. 'Eu estava cansado de ficar na fila para receber encomendas', disse ele ao Wall Street Journal em 1968, 'então perguntei ao sujeito por que não construíam um prédio maior. Ele disse: "Por que você não constrói?"; e eu disse que não podia, porque era do governo. Ele disse que eu podia - então construí.'" [6]

A história ficou muito boa no Journal, mas Donald estava muito mais interessado em construir agências postais do que simplesmente em colecionar selos ou economizar tempo. Para os que estavam envolvidos com o Doutor, era bastante claro que seu objetivo era ganhar dinheiro primeiro para si mesmo e, se sobrasse alguma coisa, para os outros e para a Igreja. Em segundo lugar, ele havia estruturado seu programa para evitar impostos, sugeria abrigos fiscais e disse isso numa carta enviada a seus clientes em 1968:

"Há duas expressões que me vêm à mente e que têm sido usadas por grandes empresários e pelo Internal Revenue Service, e são as seguintes:

1. 'Elisão' fiscal é perfeitamente legal. 2. 'Evasão' fiscal é perfeitamente ilegal.

[...] Vários de vocês mantêm comigo contas bastante expressivas, e os juros dessas contas, somados à renda de vocês, colocaram alguns em uma faixa tributária muito elevada. Isso retirou boa parte dos benefícios deste programa, de modo que venho procurando algo que, penso eu, poderia ajudar. Entrei em contato com o Internal Revenue Service, Escritório de Atendimento ao Contribuinte, em Los Angeles, e cheguei a um plano que é perfeitamente legítimo, perfeitamente legal e que ajudará alguns de vocês [...]" [7]

Várias vezes nessa carta ele diz aos investidores que sujeito maravilhoso é e por que está fazendo tudo aquilo por eles:

> "É isto que proponho fazer agora. Enviarei uma carta a cada um de vocês. Talvez seja apenas em forma de cartão, informando quanto de juros vocês poderiam [sublinhado pelo próprio Davenport] receber caso optassem por me pedir que enviasse um cheque. [...] Vocês podem dizer que não querem receber nada desse dinheiro. Nesse caso, não enviarei cheque algum. Manterei um registro para vocês, e esses juros serão acumulados e também renderão juros; assim, quando decidirem recebê-los, receberão os juros que deixaram para depois mais os juros que se acumularam sobre esse dinheiro." [8]

[Nota do editor: a numeração desta nota de rodapé não aparece no manuscrito original. Esta é minha melhor estimativa do que o autor pretendia.]

> "[...] Eu diria que, por volta de 1º de outubro, vocês receberão uma carta minha informando quanto poderiam ter recebido se tivessem optado [novamente, sublinhado por Davenport] por receber seus juros neste ano; então caberá a vocês dizer se querem todo o dinheiro, parte do dinheiro ou nenhum dinheiro." [9]

Não é de admirar que, diante da habilidade para escrever cartas assim, um dos advogados tenha comentado, depois de lê-la, que "esse sujeito Davenport parece ser um cara e tanto!"

Mas ele não enganava todo mundo. Quando chegou 1978, havia aperfeiçoado sua técnica, mas o jogo continuava o mesmo; apenas olhos mais experientes estavam lendo sua correspondência. Ele escreveu ao advogado Jerry Wiley, do Centro de Direito da USC, o seguinte:

"Prezado Dr. Wiley,

O Dr. Raymond Moore, da Hewitt Research Foundation, pediu-me que lhe enviasse uma cópia da carta que remeti a respeito da conta de finalidade especial com rendimento de 16%."

"Acredito que esta carta seja autoexplicativa e, se tiver alguma pergunta, por favor não hesite em entrar em contato comigo." [10]

Em sua carta, ele estava solicitando recursos, embora negasse isso; mas estabelecia a política pela qual, mais uma vez, poderia enriquecer as pessoas por meio de uma "oportunidade incomum" de um ano, que pagava rendimentos muito elevados. Wiley, porém,

estava fazendo perguntas e, em sua resposta de 6 de janeiro de 1978, apresentou-as claramente:

"A. Minha primeira preocupação é saber se é legal recebermos 16% ao ano sobre um empréstimo na Califórnia [...].

B. [...] Eu gostaria de saber quem tem acesso às garantias; quais são essas garantias; e se foram dadas em garantia para quaisquer outras atividades colaterais [...].

C. [...] Além disso, suponho que um fiduciário meticuloso pediria referências de credores anteriores satisfeitos com os quais pudesse entrar em contato." [11]

A resposta de Davenport tornou-se um clássico. Dizia:

> "Esta carta responde à sua recente consulta a respeito de me emprestar algum dinheiro para o projeto de finalidade especial a 16%. Desejo informá-lo de que, justamente nesta manhã, recebi todos os recursos que quero destinar a esse projeto. Portanto, não estarei buscando mais recursos." [12]

O restante da curta carta estava cheio de conversa informal que, para quem a lesse, dizia ao mesmo tempo nada ou tudo. Wiley estava mais preocupado com a Igreja do que com a questão jurídica. Era ancião de igreja, membro do conselho de Loma Linda, presidente de vários conselhos da Igreja e, com base nessas experiências, sabia que havia problemas adiante. A revista Spectrum informou:

> "Na mesma época, Jerry Wiley, advogado adventista e atualmente vice-diretor da faculdade de Direito da University of Southern California, examinou os negócios do médico para três clientes que estavam encontrando dificuldades para recuperar seu dinheiro. Chegou a uma análise bastante surpreendente: o império de Davenport era um esquema elaborado que funcionaria apenas enquanto houvesse entrada de dinheiro de novos investidores para cobrir os pagamentos aos investidores antigos. Ele compartilhou suas conclusões com Neal Wilson, então presidente da Divisão Norte-Americana. Wilson manifestou considerável dúvida de que houvesse algo errado, mas prometeu levar o assunto a Kenneth Emmerson, tesoureiro da Associação Geral, e a Cree Sandefur, presidente da União do Pacífico. Mais uma vez, porém, nada pareceu mudar." [13]

A audição de Neal Wilson não parece ter melhorado depois que ele foi elevado ao cargo de presidente da Associação Geral. Jerry Wiley tornou a escrever-lhe em 18 de março de 1980:

> "Quanto a outro assunto, o senhor se lembrará de que, alguns anos atrás, procurei-o com o problema do Dr. Davenport. As pessoas que têm telefonado para mim, assim como outras no sul da Califórnia, levaram-me a acreditar que essa questão agora alcançou proporções de crise. Mais uma vez, ofereço meus serviços à Igreja para ajudar a resolver esse problema, mesmo nesta fase tardia. [...] Como estarei em Dallas por pouco tempo durante a Assembleia da Associação Geral, imagino que o senhor estará ocupado demais para dispor de tempo para uma conversa tranquila e reflexiva sobre o Caso Davenport; portanto, ofereço meus serviços para outra ocasião, se desejar." [14]

Ainda sem receber resposta de Wilson, outra carta foi enviada em maio daquele ano:

> "Quanto a outro assunto, a Associação do Tennessee parece estar recebendo orientação jurídica extraordinariamente ruim no que diz respeito à responsabilidade das organizações fiduciárias e dos administradores de trusts na aplicação de recursos. Essa questão, sem dúvida, surge do Caso Davenport. Se houver qualquer

> forma pela qual eu possa prestar serviço em qualquer um desses assuntos, por favor não hesite em recorrer a mim." [15]

Quase como se fosse deliberado, a única coisa que veio da sede e de Wilson foi silêncio. Ainda assim, Jerry tentou mais uma vez, telefonando, mas a Associação Geral não deu atenção. Talvez ainda se lembrassem da carta que Wiley enviara ao presidente Harold Calkins, da Associação do Sul da Califórnia, em 1976, na qual se expressou da maneira mais forte possível:

> "Como o senhor deve se lembrar, tanto Robert M. Peterson, advogado, quanto eu expressamos preocupações detalhadas acerca da estrutura jurídica e da administração dos programas de Trusts e Doações Diferidas da Associação do Sul da Califórnia, conforme operados pela Associação. [...] Observe, por favor, o penúltimo parágrafo da coluna da esquerda referente à investigação iniciada pelo gabinete do procurador-geral do Oregon. A menos que a Associação tenha alterado consideravelmente suas práticas operacionais, não estamos hoje menos vulneráveis do que estávamos há 18 meses." [16]

Agora que os acontecimentos seguiram seu curso, é difícil não acreditar que Wilson não queria tomar nenhuma providência no Caso Davenport e não o fez até ser alcançado por acontecimentos que, em parte, eram resultado de suas próprias decisões.

Jerry Wiley não era o único que tentava chamar a atenção de Neal Wilson para o Caso Davenport. Homens de alta posição em seu próprio escritório batiam à sua porta sem muito sucesso. O pastor Kenneth Emmerson, tesoureiro da Associação Geral, travava uma batalha perdida contra Robert Pierson, ex-presidente da Associação Geral, que, conforme se descobriu, era amigo e credor de Davenport. Em uma nota da Spectrum, v. 12, foi informado:

> "Já em setembro de 1967, a tesouraria da Associação Geral começou a se preocupar, levando Emmerson a pedir a Robert Osburn, tesoureiro assistente, que investigasse os investimentos da Igreja com Davenport. Nos anos seguintes, em numerosos concílios de tesoureiros e reuniões consultivas de serviços fiduciários, a tesouraria insistiu para que as organizações da Igreja seguissem as diretrizes estabelecidas. Infelizmente, embora pelo menos uma união tenha começado a retirar seus investimentos, muitas outras simplesmente ignoraram as diretrizes. A carta de Emmerson, de 6 de abril de 1979, a W. J. Blacker, vice-presidente de Assuntos Financeiros da Universidade de Loma Linda, reflete uma década de preocupação contínua da tesouraria com Davenport. Observando que soubera recentemente que Davenport estava se aproximando de Loma Linda a respeito de um 'esquema' de investimento, Emmerson escreveu: 'Para dizer o mínimo, fiquei alarmado, preocupado e quase irritado com a ideia de que alguém na Universidade de Loma Linda sequer considerasse uma proposta desse tipo [...]'. Curiosamente, o presidente da Universidade de Loma Linda, V. Norskov Olsen, era amigo - e credor - de Davenport." [17]

Em um trabalho intitulado "Uma História de Três Presidentes: Uma Tragédia Adventista", de Jack Eartherall, escrito em junho de 1982, o presidente V. Norskov Olsen recebe uma seção na qual sua relação amistosa com o Dr. Davenport é exposta. Pelos fatos, parece que Olsen recebeu tratamento especial, bem como juros especiais, enquanto servia aos interesses tanto da Faculdade de Medicina quanto do Dr. Davenport. De acordo com os relatórios preparados pelo tribunal de falências, Davenport devia a Olsen US$ 45.000 de

principal, além de uma quantia de juros em disputa. O que ele parece ter obtido em troca desse investimento foi mostrado numa carta de Davenport ao pastor Burt Pooley, tesoureiro da Associação de Montana, na qual dizia:

> "Recebi vários telefonemas da Universidade de Loma Linda, do presidente e do controlador, querendo que eu os ajudasse a obter uma linha de crédito de US$ 7.000.000 a US$ 10.000.000, porque os pagamentos do Medicare e médicos estão atrasados e isso lhes está causando todo tipo de problema." [18]

Emmerson, tesoureiro da Associação Geral, havia recebido de mim uma carta em 16 de fevereiro de 1979, pouco antes de escrever a Loma Linda e ao pastor Blacker. Nela eu dizia:

> "Ontem, um de meus principais leigos veio falar comigo sobre o assunto Don Davenport e o envolvimento da Igreja. Agora está claro que se torna cada vez mais conhecido que existem problemas sérios nessa área. Estou lhe enviando uma cópia de uma carta que enviei ao presidente da Associação Geral sobre o assunto. Eu esperava que, chamando a atenção da Igreja para sua delicada posição, talvez os homens envolvidos recuassem e encorajassem outros a fazer o mesmo. Isso não aconteceu. Na verdade, ocorreu exatamente o contrário e, em alguns casos, parecemos estar incentivando o desastre. Embora a lista que apresentei fosse antiga, a nova lista é ainda mais extensa e envolvida em nível pessoal, enquanto o papel da Igreja não diminuiu e a utilização de recursos nesse assunto continua crescendo em algumas áreas. Os valores totais, tanto de dinheiro pessoal quanto denominacional, acredito, horrorizariam até o mais liberal de nossos membros, enquanto o risco das garantias continua aumentando. Desde que escrevi, tenho me perguntado se as pessoas da Obra que aparecem na lista e incentivaram outros a investir, além de envolverem a Associação, estão dispostas a garantir o risco para os investidores menos experientes que, por confiarem nos irmãos, colocaram em risco parte, se não todas, as suas economias nessa iniciativa.

Parece que cabe à Igreja fiscalizar seus próprios atos e seu próprio pessoal antes que outros órgãos sejam obrigados a fazê-lo por nós. Se, neste momento, considerando os problemas que estamos enfrentando com religiões e seitas na Califórnia, a S.E.C., o I.R.S. e o gabinete do procurador-geral estadual se envolverem, as implicações para a Igreja poderão ser enormes.

Como tudo começou aqui na Califórnia e nesta União, talvez fosse bom se o senhor entrasse em contato com Jerry Wiley, advogado que integra o conselho de Loma Linda, homem que há algum tempo se preocupa com esse caso e já expressou essas preocupações aos dirigentes da Igreja. Parece que o tempo não é nosso aliado e que fazer pouco ou nada pode ser desastroso." [19]

Talvez jamais saibamos se minha carta a Emmerson influenciou seu pensamento e sua carta ao pastor Blacker, de Loma Linda, mas sabemos que a carta que escrevi o afetou porque ele escreveu ao meu presidente, Harold Calkins, em 10 de abril daquele ano e enviou uma cópia a Jerry Wiley e a mim. A Harold Calkins, escreveu:

> "Li com grande interesse a correspondência entre o senhor e Walter T. Rea e senti-me impelido a escrever-lhe algumas linhas, uma vez que ele me menciona no

> segundo parágrafo da carta dirigida ao senhor, datada de 3 de abril. Presumo que esteja se referindo à correspondência que tivemos a respeito do Dr. Don Davenport.

Sou inteiramente solidário com ele e com sua posição no que diz respeito ao Dr. Davenport; e certamente, Harold, tanto o senhor quanto eu estamos preocupados com o programa de desenvolvimento da Universidade de Loma Linda, bem como com o Paradise Spa. Felizmente, parece que a situação do Paradise Spa será resolvida em breve e tenho certeza de que todos nós teremos um culto de louvor ao Senhor quando esse assunto finalmente estiver solucionado. É extremamente lamentável que alguns obreiros do passado tenham sido tão imprudentes e demonstrado tão pouca preocupação a ponto de colocar uma instituição na situação em que a Universidade se encontrava quando alguns de nós assumimos nossas atuais responsabilidades." [20]

Essa parte da carta de Emmerson me fascina muito por causa da referência ao Paradise Spa. O pastor Blacker, daquela mesma Loma Linda, e eu já havíamos tido um confronto sobre esse negócio antes da carta de Emmerson. Durante minhas férias no Tennessee, um ou dois anos antes, mencionei o Spa em um sermão numa das igrejas. Entre os presentes estava um subtresoureiro aposentado da Associação Geral e, quando mencionei o Spa, ele falou em voz bastante alta: "Isso não é verdade, irmão". Eu respondi que era verdade e continuei o sermão. Quando voltei para minha casa na Califórnia, o pastor Blacker, então presidente da União do Pacífico, mandou chamar-me e mostrou-me uma carta que havia recebido daquele tesoureiro aposentado. A carta dizia que ele me considerava perigoso e que eu deveria ser impedido de falar sobre o Spa. Eu havia levado comigo vários leigos, e o pastor Blacker passou a justificar o Spa. Era verdade, admitiu, que havia rumores de mulheres, vinho e música ligados ao lugar, mas o presidente Pierson pedira que o bar fosse fechado aos sábados, o sábado adventista, o que, por alguma razão, Blacker considerava um avanço.

Aquele Spa vinha causando muitos problemas à Igreja havia algum tempo - alguns achavam que equivalia a um bordel adventista e que a razão pela qual a Igreja não o doava nem o fechava era que isso poderia deixar algumas de nossas moças sem trabalho. Davenport também entrou na história quando escreveu:

> "Conheço muito bem os milhões de dólares que foram gastos no Spa em Las Vegas, e isso também foi varrido para debaixo do tapete da melhor maneira possível pela vassoura religiosa da Igreja. Pediram-me que ajudasse a livrar-se daquele negócio, e fiz o melhor que pude; é impossível, mas ninguém diz nada sobre isso." [21]

Blacker e eu também havíamos entrado em choque por outros assuntos. Um deles foi a informação que recebi de que ele e alguns de seus comparsas da União, por acaso, tinham comprado um laranjal que, por acaso, ficava ao lado de um terreno que, por acaso, fora doado gratuitamente ao Estado da Califórnia, onde hoje se encontra o novo Hospital dos Veteranos,

em Loma Linda. Por acaso, o grupo ou comissão que doou ao Estado aquele terreno que ficava ao lado das terras de Blacker incluía o pastor Blacker. Tudo isso estava registrado no Cartório de Registros de San Bernardino. Quando pedi uma explicação, garantiram-me que simplesmente acontecera daquela forma e que não se ganhara muito dinheiro naquele negócio de conflito de interesses. Portanto, não me surpreendeu que Blacker, de Loma Linda, não compreendesse ou não pudesse compreender a preocupação de Emmerson com o problema de conflito de interesses no Caso Davenport.

O restante da carta de Emmerson revela quão pouca atenção a Associação Geral e Wilson lhe davam, ou até que ponto o sistema havia se deteriorado em questões de moralidade, conforme Emmerson as entendia - ou ambas as coisas:

> "Agora, com relação ao Dr. Davenport. Recentemente tive uma reunião com os irmãos da União do Sul sobre essa atividade específica, bem como com os homens da União do Pacífico Norte; e, mais recentemente, tive a oportunidade de conversar com os dirigentes da Universidade de Loma Linda sobre esse assunto. Neste momento, a Universidade de Loma Linda não está envolvida de forma alguma com o Dr. Don Davenport. Entretanto, ouvi dizer que fizeram algumas aproximações com o Doutor e, segundo entendi, chegaram até a considerar a possibilidade de se envolverem. Aproveitei a oportunidade para escrever uma carta muito firme e direta ao vice-presidente de Assuntos Financeiros, enviando cópias ao presidente do conselho, ao presidente da Universidade e a dois ou três de meus colegas. Na carta, declarei que não deveriam ter absolutamente nada a ver com o Dr. Davenport nem com qualquer um de seus 'esquemas' financeiros. Além disso, assinalei que, caso isso ocorresse, deveriam esperar uma reação muito forte da Associação Geral e que, sem dúvida, isso afetaria muito seriamente o apoio financeiro da Associação Geral à Universidade de Loma Linda. Indiquei que não deveriam manter relação alguma - financeira ou de qualquer outra natureza - com o Doutor; e, embora eu não tenha explicado na carta por quê, tive a oportunidade de conversar pessoalmente com esses irmãos e explicar-lhes as razões." [22]

Mais uma vez, na carta, ele disse que apreciava muito a posição que eu havia adotado a respeito do Dr. Davenport, mas, ao final, afirmou: "São as comissões executivas e os conselhos que terão de tomar as providências necessárias para se desvincular de suas relações com o Dr. Davenport e de seu programa." [23] Era uma carta interessante à luz do que continuaria acontecendo e, especialmente, de uma carta posterior que Emmerson assinou juntamente com Wilson e Bradford. Ela foi emitida alguns meses depois de sua carta a meu respeito, datada de 10 de agosto de 1979, e enviada aos presidentes e tesoureiros das uniões, aos diretores de departamentos da Associação Geral e aos principais responsáveis financeiros da Divisão Norte-Americana. Começava dizendo:

> "Procedimentos de investigação e descoberta foram iniciados por certas pessoas para determinar que relação existe entre a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Dr. Donald Davenport. Foram feitas exigências para que se exerça pressão sobre a liderança e sobre as organizações a fim de que se retirem imediatamente de qualquer envolvimento que venha a ser descoberto. Está sendo solicitado à Associação Geral que faça divulgação completa e emita uma declaração pública informando até que ponto a Igreja está envolvida, por meio de investimentos, nos projetos de agências postais e companhias telefônicas de Davenport. DEPOIS DE

> EXAMINARMOS CUIDADOSAMENTE ESTE ASSUNTO, NÃO CONSIDERAMOS PRUDENTE NEM NECESSÁRIO FAZER ISSO NESTE MOMENTO. [Ênfase fornecida.] Até agora não julgamos apropriado nos envolver nesta controvérsia [...]. Não desejamos reagir de forma exagerada, mesmo nesta data [...]." [24]

A verdadeira pergunta é: por que Emmerson escreveria a Calkins no início do ano afirmando ser contrário ao envolvimento com Davenport em qualquer nível da Igreja, dizendo que todos deveriam ficar fora disso ou sair disso, e então, poucos meses depois, assinaria, juntamente com Wilson e Bradford, uma carta que suavizava essa posição? A primeira carta a Calkins e a mim teria sido apenas uma carta do tipo C.Y.A. - como dizem os advogados, uma carta para "proteger a própria retaguarda" - caso as coisas dessem errado no futuro? Ou teria ele sido pressionado, em razão de sua posição, por outros na Associação Geral a aceitar uma abordagem mais branda, que foi, de fato, a abordagem adotada mais tarde quando todo o assunto chegou ao ponto crítico?

NOTAS DE RODAPÉ DO CAPÍTULO I

1. Noel Epstein, "Buying Post Offices is Profitable Ploy, Many Investors Find", The Wall Street Journal, 15 fev. 1968, Eastern Edition, p. 1.
2. Art Wong e James Nickles, "After the Fall: An Adventist's Bankrupt Empire", The Sunday Sun, San Bernardino, Califórnia, quatro artigos publicados em 30 e 31 maio e 1º e 2 jun. 1982.
3. Richard N. Ostling, "The Church of Liberal Borrowings", Time Magazine, 2 ago. 1982, p. 49; Kenneth A. Briggs, "7th-Day Adventists Face Change and Dissent", New York Times, 6 nov. 1982, p. 1.
4. Adventist Forum, Pleasant Hills Church, Pleasant Hills, Califórnia, 1984.
5. Jeremias 13:23.
6. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 51.
7. Donald J. Davenport aos "Dear Friends", 19 set. 1968, p. 1.
8. Ibid., p. 2-4.
9. Ibid., p. 3-5.
10. Donald J. Davenport ao advogado Jerry Wiley, 4 jan. 1978.
11. Wiley a Davenport, 6 jan. 1978.
12. Davenport ao Dr. Raymond Moore, com cópia para Jerry Wiley, 6 jan. 1978.
13. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 53.
14. Advogado Wiley a Neal Wilson, 18 mar. 1980.
15. Wiley a Wilson, 16 maio 1980.
16. Wiley a Harold Calkins, 12 out. 1976.
17. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 53.
18. Jack Eartherail, "A Tale of Three Presidents, An Adventist Tragedy", jun. 1982.
19. Walter Rea a Kenneth H. Emmerson, 16 fev. 1979, p. 1.
20. Emmerson a Harold Calkins, 10 abr. 1979.
21. Davenport a Robert H. Pierson, 18 abr. 1977.
22. Emmerson a Harold Calkins, 10 abr. 1979, p. 1.
23. Ibid., p. 2.
24. Carta da Associação Geral, de Neal Wilson, C. E. Bradford, Kenneth H. Emmerson e M. E. Kemmerer, aos presidentes e tesoureiros das uniões, diretores das instituições da Associação Geral e principais responsáveis financeiros da Divisão Norte-Americana, 10 ago. 1979.

CAPÍTULO II

DAVENPORT E OS DIRIGENTES RELIGIOSOS

Na época da carta de Emmerson, em 1979, dirigida ao meu presidente, pastor Harold Calkins, estava muito claro para mim que nem ele, nem Wilson, nem as comissões da Associação Geral fariam qualquer coisa eficaz para deter os acontecimentos relacionados ao Caso Davenport. A razão era que eu havia descoberto provas diretas de corrupção na Igreja. Ela existia em escala tão ampla que eu tinha dificuldade até para compreendê-la.

Depois de minha indicação e recusa pública do cargo de tesoureiro da Associação, Harold Calkins decidiu que eu precisava ser transferido. Como era seu costume, tentou afastar-me do centro da atividade política na região metropolitana, mas continuei recusando os chamados que me oferecia. Calkins, um dirigente muito inseguro, havia conseguido livrar-se da maioria dos homens fortes da Associação que, em sua opinião, o ameaçavam. Tentava garantir que eu fosse o último a sair. Meu nome aparecia ao lado do dele em quase todas as eleições, e ele achava que isso precisava mudar. Long Beach estava vaga, uma igreja que em outra época fora um centro forte, mas que havia entrado em declínio e permanecia assim havia muitos anos. Portanto, fui exilado para a fronteira da Associação, onde ele julgava que eu teria menos influência nos assuntos administrativos. O que ele não previa era que Long Beach, antiga residência do Dr. Davenport e do pastor Cree Sandefur, seria o começo do fim para mim e também a abertura da caixa de Pandora da fraude, do engano, do encobrimento, da corrupção e do crime dentro da Igreja.

Eu estava havia apenas alguns meses como pastor quando chegou ao meu conhecimento uma cópia do processo de divórcio de um dos membros mais ilustres de Long Beach, Donald Davenport. Tratava-se do acordo de divisão de bens entre Donald Davenport e sua ex-esposa, uma senhora que eu conhecera, admirara e com quem trabalhara no ministério jovem da Associação. O acordo, datado de maio de 1972, fazia parte de um pedido de dissolução do casamento no Tribunal Superior do Condado de Los Angeles, processo n. D795614. [2]

Depois de ler as provas contidas no acordo, ficou claro para mim o modo como o Dr. Davenport havia subestimado seus ativos e passivos, especialmente os passivos. Como membro da comissão da Associação, eu sabia que o Dr. Davenport mantinha muitos negócios com a Associação, mas não apareciam no acordo de divórcio provas de alguns de seus numerosos envolvimentos com a Igreja. Ainda assim, o documento declarava:

> "Cada um de nós garante ao outro que nenhum de nós possui qualquer bem de qualquer espécie além dos bens mencionados no parágrafo anterior e daqueles relacionados nos anexos que acompanham e integram este acordo. Caso posteriormente se verifique que qualquer um dos garantidores possui atualmente qualquer outro bem e que o beneficiário da garantia tem participação nesse outro bem, o garantidor concorda em transferir ou pagar ao beneficiário, a critério deste: (i) uma quantidade do outro bem equivalente à participação do beneficiário, caso seja razoavelmente divisível; (ii) o valor integral de mercado da participação do beneficiário na data de vigência deste acordo; ou (iii) o valor integral de mercado da participação do beneficiário no momento em que este descobrir a propriedade do bem pelo garantidor." [3]

Depois de procurar orientação jurídica especializada, informei Betty Davenport de que, em minha opinião, ela e os filhos tinham direito a benefícios adicionais e de que, se desejasse, poderia obter assessoria jurídica para ajudá-la a corrigir a desigualdade. Ela achou que não poderia fazê-lo porque seu nome constava em algumas propriedades do Dr. Davenport e ele poderia criar-lhe problemas no futuro nessa área caso ela reabrisse o processo em busca de reparação. Entretanto, o registro e o acordo de divórcio dos Davenport não foram o elemento mais importante que me chocou. O que me deixou atônito foi a longa lista de nomes de pessoas e associações da Igreja envolvidas com o Doutor. Ela mostrava uma teia de conspiradores de uma ponta a outra do país que, de forma contínua e sistemática, esvaziavam os cofres da Igreja para encher os próprios bolsos por meio do programa de Davenport. Mostrava homens reunidos em pequenas comissões, ocupando lugares e posições selecionados, que não apenas votavam pela saída do dinheiro da Igreja, mas às vezes, nessas mesmas comissões, votavam em benefício financeiro de si próprios por causa da ligação que tinham com aquela Igreja. Qualquer menino ou menina em idade escolar saberia que isso era conflito de interesses e, portanto, crime.

A lista também deixou claro por que Cree Sandefur, presidente da União, não me queria como reformador nos negócios da Igreja. Ele realmente fazia negócios com o Dr. Davenport. Na verdade, a lista era praticamente um "quem é quem" do adventismo. Mas, de maneira reveladora, não incluía negros, hispânicos nem brancos desfavorecidos. Atendia ao grupo financeiramente superior da Igreja, à elite, ao grupo que já desfrutava de mais privilégios dentro da Igreja do que a maioria. Eis a lista.

Allborg, Don L.	11,110.83	Dittberner, Jess L.	6,798.25
Adams, Clinton E.	5,415.88	Dombrosky, Stanley	10,800.83
Adams, W. Melvin	23,515.55	Duffield, C. L.	113,631.39
Ash, Connie M.	634.18	Dunham, Phillip W.	10.981.67
Ashlock, Thomas M.	16,357.96	Eden, Nettie	15,527.59
Ayers, Leoard	7,028.56	Ellstrom, Gordon L.	13,892.99
Baker, Frank	6,189.88	Erickson, Melvin E.	16,833.16
Baldwin, Dalton D.	5,643.68	Fagal, Anna	26,828.67
Baldwin, Lela	13,418.25	Fagal, William A.	32,622.46
Baldwin, O. C.	33,569.98	Hackett, Arlind E.	4,255.54
Baldwin, Ruth	40,581.86	Hackett, Willis J.	11,775.40
Becker, V.W.	16,892.29	Hagele, Emil M.	31,990.94
Bennett, John G.	5,919.76	Hardy, Gerald R.	28,248.97
Berry, Vernon E.	32,655.63	Hardy, H. G.	18,480.00

Bethel Sanitarium	67,716.03	Harlin, Martha E.	7,617.87
Bigger, Forest W.	54,025.69	Hartzell, John M.	3,761.12
Berry, Vernon E.	32,655.63	Hardy, H. G.	18,480.00
Bethel Sanitarium	67,716.03	Harlin, Martha E.	7,617.87
Bigger, Forest W.	54,025.69	Hartzell, John M.	3,761.12
Brockett, Miller	34,532.09	Hartzell, Judith V.	2,965.02
Burke, W. J.	3,641.65	Heppenstall, Edward	104,951.90
Burkett, Elden E.	186,943.52	Hoffman, J. Reynolds	17,988.27
Carey, Wells C.	16,756.31	Huey, D. P.	4,993.90
Carle, Gordon H.	12,186.53	Iversen, J. O. and Mrs. P. M.	23,082.67
Caslow, Daniel	51,975.00	Jesske, W. S.	15,381.24
Caslow, Irene	4,375.71	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXX
Caslow, Louise	3,094.94	Johnson, Norman	47,106.51
Clements, William V.	7,114.80	Johnson, Lila V.	8,919.67
Comrie, Lillian M.	12,525.32	Jones, William E.	3,257.04
Cronk, Ramon R.	64,822.88	Karmy, Robert J.	17,325.00
Crooker, Luther W.	7,686.76	Karmy, S. D.	969,562.41
Cumbo, Everett E.	16,813.50	Krause, Marvin J.	22,189.84
Cummings, Desmond	75,664.04	Kuiken, Louise et al	178,696.00
Daniels, Gertrude	11,550.00	Ladd, W. M.	8,085.00
DeBooy, Paul M.	6,906.21	Lampson, C. P.	33,429.13
Lanham, Helen E.	2,223.89	Sandefur, Charles C.	$24,255.00
Lauda, C. H.	30,554.57	Sauder, Harvey	5,884.41
Lew, John M.	23,830.00	Schleenbaker, S. E.	21.506.94
Libby, John E.	40,268.68	Schoepflin, W. L.	30,030.00
Lindgren, Clarence R.	112,529.15	Schwartz, Rhonda G.	11,550.00
Liscombe, George W.	8,958.75	Simonsen, J. A.	26,399.88
Lowe, Darlene	31,433.74	Smith, Grover C	56,796.21
Martin, Gudrum	9,284.81	Spangler, J. R.	18,817.49
Martin, Myrtle or So. May Jr. Acad.	2,310.00	Steck, Margaret E.	95,114.22
XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXX	Stewart, Alvin J	3,637.13
Massengill, Otis	19,831.35	Streifling, Walter	29,371.75
Massengill, Robert	35,228.77	Suhrie, Frank	27,788.76
Massengil, Thomas	3,133.10	Thurmon, James E.	21,670.55
Miller, Amy Ann	12,272.72	Thurson, Rachael D.	11,550.00
Mogis, Ruby	10,930.00	Tribby, Albert et al	114,843.85
Mote, Frederick	14,897.19	Trimble, Vada	14,729.36
Murrill, W. L.	8,694.05	Turpel, W. P.	28,875.00
Nelson, John	33,273.31	Unruh, T. E.	17,733.11
Nettleburg, L. H.	12.317.41	Wagner, William J.	61,258.12
Neufeld, David A.	11,944.02	Walde, E. R.	11,072.08
Oakes, Lois B.	13,452.61	Walters, T. W.	26,205.86
Olsen, Dolores E.	14,584.19	Watts, Emmett	21,384.73
Olsen, V. Norskov	14,854.10	Webb, Ed H.	15,284.09
Parks, R. E.	7,737.35	Wheeler, R. A.	6,930.00
Pearson, Ralph W.	45,783.08	Whitaker, Anne	26,959.00
Pease, Norval E.	3,164.57	Whitaker, Susan & Deborah	21.506.94
Pierson, Robert H.	7,539.48	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXX
Porter, J. T.	20,181.04	Whitaker and Smith	10,753.47
Porter, Thomas	4,083.83	Wottlin, Beatrice L	10,061.75
Preston, B. M.	7,785.17	Young, H. A.	16,032.56
Price, Jack L.	54,435.57	Rasmussen, Lowell	56,994.81
Purdey, Lorie	3,267.27	Frank, Albert J.	20,594.17
Purdey, Esther	2,980.03	Callicott, O. H.	90.000.00
Radke, Elford D	86,076.55	Cowles, S. D.	80,256.99
Reed, A. C.	3,121.42	Hansen, Eula	147,836.15
Reed, H. V.	23,100.00	Jankovsky, Mrs. F. O.	40,000.00
Reile, Ellsworth	10,456.19	Little Creek Sanitarium	25,000.00
Retzer, Darold J.	3,085.13	Lutz, Mary J	10,000.00
Retzer, Helmuth C.	6,103.57	Ross, Rosalie	10,000.00
Robertson, Mrs. James	15,474.69	Thompson, Gary	17,000.00
Robertson, John J	20,683.25	Tufte, Chester	25,000.00
Rue, George H.	23,100.00	Wood, Verna	35,000.00

Nome da sociedade em conta de participação	Ativos	Ônus
Davenport \ Donaldson	1,311,634.37	940,021.91
Davenport \ Eyer	555,054.85	421,395.97
Davenport \ Gibson	91.130.34	69.598.91
Davenport \ Harris	122.836.00	74,589.84
Davenport \ Harris \ Boucher	187.473.84	137,897.52
Dav./ Harris/Morehead (Mary Lou)	426,410.83	327,765.18
Davenport \ Ludders	35,896.16	NONE

Davenport/Ludders/Garver/Potts/Eyer	9,014.40	NONE
Davenport \ Moorhead (Jay)	122,200.00	88,897.55
Davenport \endash Potts	153,501.33	33,454.41
Davenport \endash Potts \ Eyer	956,999.96	690,809.45
Davenport/Potts/Potts/Eyer	44,460.25	NONE
Davenport \ Ramer	2,351,614.64	2,192,672.38
Davenport \ Sandefur	176.64	NONE
Dav./Sheppard (1 Hr. Martinizing)	16,492.14	3,309.51
Davenport \ Taylor	506,378.50	372,730.87
Davenport / Taylor	210,641,97	135,978.78

Bryant, Albert C and Anne S.	120,327.35
Bukhdud, Joseph & Jean Yvonne	42.520.71
Buss, William C. (MD)	500.00
Buss, William C. (MD)	6,914.33
Courdy Lighting Fixtures	59,225.37
Cummings, Desmond and Lois	11,214.31
Donaldson, Earl D.	37,507.29
Eyer, R. Wayne and Arlene	25,517.89
Freeman, Rhoda	2,618.03
Gershman, Harold & Julia	37,850.00
Gershman, Harold & Julia	137,500.00
Gershman, Harold & Julia	250,000.00
Goldsmith, Dr. Stephen R.	30,000.00
Gregory, Allison	1,018.37
Harris, Dr. John & Nina	32,836.00
Ikerd, Lloyd R. and Darlene G.	3,360.62
Johnson, David R. & Odette	101,690.01
Mehler, Mrs. Ruth	128,238.11
Meier, Rudy H.	11,915.57
Murchison, Donald	217,971.00
Nikas	353.27
Ryan, R. I. and Dorothy	6,098.46
Sheppard, Thomas and Gloria	23,853.81
Sheppard, Thomas and Gloria	22,641.76
Sparks, Clarence and Jane	473.75

4

Naturalmente, a lista mudou. Alguns entraram no início e depois conseguiram sair. Outros foram incentivados a participar com quantias maiores e, curiosamente, receberam recompensas maiores, sempre, ao que parecia, às custas da Igreja. Quando a lista é comparada com uma relação posterior de pessoas e instituições, forma-se um quadro melhor, embora não necessariamente mais saudável.

Coral Aalborg or Don L. Aalborg	Able Plumbing
P. O. Box 804	325 Cherry Ave
Calhoun, GA 30701	Long Beach, CA 90805
W. Melvin and/or Olive Adams	Adventist Retirement Community
7810 Carroll Ave	6015 Kratzville Road
Takoma Park, MD 20012	Evansville, Indiana 47710
American City Bank	American United Life Ins
9601 Wilshire Blvd.	One W. 26th St.
Beverly Hills, CA 90210	Indianapolis, IND. 46206
Andrew Drain Service	Bender L and Frances V. Archbold
th	
2983 Bautista	6540 S.W. 28 Street
Riverside, CA 92506	Miami, FL. 33155
Arrowhead	Thomas M. and Betty C. Ashlock
1000 West Temple	2400 Mistletoe Place
Los Angeles, CA 90074	Philadelphia, MD 20783
Associated Surgeons Medical Group,	Orvin Atkins, Trust Account A
8337 Telegraph Road, #315	8530 Wilshire Blvd., #500
Pico Rivera, CA 90660	Beverly Hills, CA 90211
Robert H. or Ota S. Babcock	Robert H. or Ota S. Babcock

719 Claret South
Calistoga, CA 94515

719 Claret South
Calistoga, CA 94515

Boena Mar, SA c/o Mr. Phillip November
10520 Magnolia Blvd.
N. Hollywood, CA 91601

Johnie Bailey
516 Bellehaven Ave., N.E.
Albuquerque, NM 87112

Franklin or Wylodine Baker
3014 N.E. 160th
Portland, OR 97230

Dalton D. and Barbara Baldwin
11581 Richardson
Loma Linda, CA 92354

Bank of America
PO O. Box 490
W. Covina, CA 91793

Bank of Beverly Hills
250 North Canon Drive
Beverly Hills, CA 90210

Bank of Palm Springs
789 E. Tahquitz-Mccallum Way
Palm Springs, CA 92263

Bankers Life Company
711 High Street
Des Moines, Iowa 50307

Leon Beck
P. O. Box 2225
Palm Springs, CA 92263

Vernon W. and Evelyn P. Becker
4139 Indian Lakes Circle
Stone Mountain, GA 30083

Bell Associates (Hanaco)
433 N. Camden Dr., #1099
Beverly Hills, CA 90210

Alan L. Belinkoff,
Trustee to Burdman
4672 Ariba Dr.
Tarzana, CA 91356

Vernon E. and Lois Berry
567 Linda Falls Terrace
Angwin, CA 94508

Bethel Sanitarium
6015 Kratzville Road
Evansville, IN 47710

Leo Bialis
2902 Alta Loma Drive
Palm Springs, CA 92262

Sol Bilgrei c/o Rabbi E. F. Fisher
12758 Lakeland Road
Santa Fe Springs, CA 90670

Helen H. Black
8711 N. Hill'n Dale

Tobi Blaustien
Mill Valley, CA 94941

or the North Pacific Union Conf. Assn. of SDA 415 Buena Vista Avenue
Spokane, WA 99218

C. E and/or Arline J. Bracebridge
160 Normandy Road
Columbia, SC 29210

Miller and Lauretta Mae Brockett
35043 Persimmon Ave
Yuciapa, CA 92399

Mrs. Mabel A. Brody
Rte. 1, Box 38B
Milton-Freewater, Or 97862

Kenneth or Marion Brown
10225 E. Burnside
Portland, OR 97216

Budget Financial Corp.
Mr. Ickes
6420 Wilsire Blvd., S1500
Los Angeles, CA 90048

Cheryl E. Burkett
Elder E. Burkett, Trustee
U/Cheryl E. Burkett Trust
1815 Petaluma Ave
Long Beach, CA 90815

Widen E and Irene A. Burkett
1815 Petaluma Ave
Long Beach, CA 90815

Benjamin G. and Elsie B. Butherus
1510 Moccasia Trail
Berrien Springs, MI 49103

Dan E. Butherus
4712 E. CreSent Ave
Mesa, AZ 85206

Oakley H. Callicott
P. O. Box 613
Keene, TX 76059

Max Candiotty
10100 Santa Monica Blvd.
Los Angeles, CA 90067

Louis Canosa
1040 Brasburn Blvd.
Charlotte, NC 28211

Carolina Conf. Assoc. of SDA, Inc.
Box 25848
Charlotte, NC 28212

Daniel and Olive Caslow
14343 N.E. Siskiyou Ct.
Portland, Oregon 97230

Central Union Conf. Assoc. of SDA
P. O. Box 6127
Lincoln, Nebraska 68506

Century Bank
6420 Wilshire Blvd.
Los Angels, CA 90048

Chevron USA, Inc.
P.O. Box 2001
Concord, CA 94529

Chicago Title Insurance COO
17671 Irvine, Blvd.
Tustin, CA 92680

Christian Record Braille Foundation
4444 S. 52nd St.
Lincoln, Nebraska 68506

City National Bank
400 N. Roxbury Drive
Beverly Hills, CA 90210

Eliza E. Lewis or Pearl Z. Cleveland
or Clyde C. Cleveland
15910 SW Century Oak Circle
Tigard, OR 97223

Clyde C. and Pearl Z. Cleveland
15910 SW Century Oak Circle
Tigard, OR 97223

Coachella Valley Savings and Loan Assn. Coast Federal S&L Assoc.

P. O. Box 807
Rancho Mirage, CA 92270

Box 44522
San Francisco, CA 94144

Millie Miller, Asst. Mgr.

Coldwell Banker
950 W. 190th St. #100
Torrance, CA 90502

The Collegedale Credit Union
P. O. Box 296
Collegedale, TN 37315

Columbia Union Conf. Assoc. of SDA
771Q Carroll Ave
Takoma Park, MD 20012

Commonwealth Bank
3900 W. El Segundo Blvd.
Hawthorne, CA 90250

Continental Service Corp.
P.O. Box 500
Phoenix, AZ 85001

Continental Assurance Co
Mort. Loan Dept
310 SO Michigan Ave
Chicago, Ill 80804

Jack Cooper
L30 Vista del Campo
Los Gatos, CA 95030

Daniel Cole, M.D., Bennett E. Roth, M.D.,
and Michael J. Albertson, M.D.
2625 w. Alameda Avenue
Burbank, CA 91505

Everett F. Coleman, M.D.
208 S. 35th Avenue
Yakima, WA 98902

Cheryl Crane c/o Violet Crane
212 N. Maple Grove
Hudson, MI 49247

Violet Crane
212 N. Maple Grove
Hudson, MI 49247

Creative Art Images, Inc. c/o Herbert A. Reznikoff
3620 Sepulveda Blvd.
Sherman Oaks, CA 91403

Crocker National Bank
190 Broadway
San Diego, CA 92101

Ramon R. or Lela Cronk
1007 N.W. Scenic Drive
Albany, OR 97321

Luther or Rose Crooker
PO O. Box 505
South Lancaster, MA 01561

Desmond D. and Lois I Cummings
Rte. 2
Calhoun, GA 30701

Gertrude A. Daniels
P. O. Box 16677
Portland, OR 97216

Gertrude A. Daniels
Rte 2, Box 458
Yamhill, OR 97148

Esther Naomi Darst or Lori Purday

Clarence C. Davis
10225 E. Burnside
Portland, OR 93221

10261 Sterling Avenue
Villa Park, CA 92665

James M. or Marjorie I Davis
South 815 Montavilla Dr.
Spokane, WA 99204

L. G. Diamond or Helen M Diamond
3908 N.E. Couch
Portland, OR 97232

Zelma Dickerson
837 Murphy Rd.
Medford, OR 97501

Dictaphone
P. O. Box 9100
Bridgeport, Conn. 06602

Blanche Dixon
18008 N. 20th Place
Phoenix, AZ 85022

Stanley Dombrosky
112 Wilkinson Stree.
Orlando, FLA 32803

John F. and Mildred E. Duge
1325 Ink Grade Road
Pope Valley, CA 94567

Roy Eckerman
Box 381
Bryn Mawr, CA 92318

George Elkins Co.
499 N. Canon Dr.
Beverly Hills, CA 90210

William A and Virginia M Fagal
199 W. Didlee
Thousand Oaks, CA 91360

Farmers New World Life Insurance
Box 76896 Sanford Station
Los Angeles, CA 90010

Clarita M. Fazzari
750 Powell St.
San Francisco, CA 94108

Federal Express
P. O. Box 727, Dept. A
Memphis, Tenn 38194

Mae Ferraro or Mary Ferraro
Rte. 5, Box 64-F
Hendersonville, NC 28739

Dave Finkle
125 Montana St.
Santa Monica, CA 90403

First Evangelical Church
2067 S. Hobart Blvd.
Los Angeles, CA 90018

First Los Angeles Bank
2029 Century Park East "B" Level
Los Angeles, CA 90067

First Women's Bank of California
12301 Wilshire Blvd.
Los Angeles, CA 90025

Florida Conf. Assoc. of SDA
Box 1313
Orlando, FLA. 32803

F.M.E. Leasing
P.O. Box 7777-R0910
Philadelphia, PA 19175

B. D. Fortner
Route 2, Box 75
Happy, Texas 79042

Albert J. (Evelyn) Frank
Box 118, Rte 1
Floodgate Road
Swedesboro, N.J. 08085

Albert J. (Evelyn) Frank
Box 118, Rte 1
Floodgate Road
Swedesboro, N.J. 08085

James P. Garity
9601 Wilshire Blvd., #340
Beverly Hills, CA 90210

General Conf. of Seventh Day Adventist, Inter-American Division
P. O. Box 340760
Coral Gables, FLA 33134

Georgia Conf. Assoc of SDA
Box 12000
Calhoun, GA. 3Q701

Harold Gershman
215 S. LaCzenga Blvd 4202
Beverly Hills, CA 90211
Golden State Sanwa Bank
626 Wilshire Blvd.
Los Angeles, CA 90017
Dewain Grattan
2220 Lynn Road
Thousand Oaks, CA 91360
NT. Trust #2
Maurice Gross, Trustee
4481 S. Durango Ave
Los Angeles, CA 90035

Steven Glazer
1253 W. Mendoza
Mesa, AZ 85202
Grant G or Erma Graham
35218 Fir Ave. #153
Yucaipa, CA 92399
Alice B. Gregory
245 Coast Blvd., C-1
La Jolla, CA 92037
Emil M. Hagele
3 Baldwin Drive
Staunton, VA 24401

C.H. Hamel
Box 62
Grand Ronda, OR 97347
W. Wayne or Ethel M. Hanson
11233 5. E. 325th Ct.
Auburn, WA 98002
G. Hardy, M.D.P.A., Pension Trust
3304 Sellman Road
Adelphi, MD 20783
Donald E. Gray, MD
And Paul Goldgerg, MD, Inc.
1330 West Covina Blvd. - Suite 205
San Dimas, CA 91773

Gary A and Karla J. Hann
3212 Orlando Rd.
Los Alamitos, CA 90720
Eula Hanson
7540 Hollywood Blvd.,
Hollywood, CA 90046
Sybil Hardy
1815 Orchard Ave
Glendale, CA 91206
Walter J. & Doris L. Hard, c/o "Jasper"
5 Elm Close
Wells, Somerset, England BA5ILZ

Great American Bank
1801 Century Park East
Century City, CA 90067
John A. Harris
633 Pine Ave
Long Beach, CA 90812
Milton K & Kathleen L. Hartzell
Valley River Center, Suite 2
Eugene, OR 97401
Collegedale, TN 37315
Edward and/or Margit Heppenstall
Box 142, San Remo Road
Carmel, CA 93921
Robert J. Holmes, MAI
41311 East Florida Ave
Hemet, CA 92343
James K. Hopps, Attorney
10225 E. Burnside
Portland, OR 97216
Idaho First Nat'1 Bank Trust Dept
Box 7928
Boise, ID 83707
Indianapolis Life Ins. Co.
Box 1230-B
Indianapolis, IN 46206

Greater New York Corporation SDA
85 Long Island Expressway North Hills
New Hyde Park, N. !.,N.Y.
Nina C. Harris
320 WO Bixby
Long Beach, CA 90007
R.E. &/or Minnie L. Hendershot &/or
Ralph M. Hendershot (son)
P.O. Box 466
Hertz System, Inc
P. O. Box 25485
Oklahoma City, Oklahoma 73125
Harold Hopple or Dorothy Hopple
4909 O/nthega Road
Evansville, IN 47712
Joseph N. or Bonnie L. Hunt
3916 Pitcairn Place
Laurel, MD 20810
Imperial Bank
9920 La Cieneqa Blvd
Inglewood, CA 90301
Mary Opal Ingram
9740 Dollyshore Place
Charlotte, N.C. 28215

Internnational Union of Op. Engr., Local 302
Western and Clay Streets
Seattle, WA 98121
Investors Realty Funds, c/o Ted Bolduc
P. O. Box 9546
Marina Del Rey, CA 90291

Investors Guaranty Life Ins. Co.
Sunset Highway
Mercer Island, Washington 98040
Investors Thrift
1 City Blvd., West Suite #1617
Orange, CA 92668

William and Ada Jarvis
25015 Tulip
Loma Linda, CA 92354

Lester C. and Mildred T. Johns
Greentree Road
Glassboro, N.J. 08028

Lila V. Johnston
15017 S.E. Phone
Portland, OR 972 36

E. N. Judson
8717 Venice Blvd.
Los Angeles, CA 90034

Kansas-Nebraska Assoc. of SDA, Inc.
3440 Urish Road
Topeka, Kansas 66604

Lloyd B or Elizabeth L. Kidder
12413 Ellen Court
Silver Springs, MD 20904

Marvin J. or Marjorie C. Krause
Box 1065
Sitka, Alaska 99835

Louise Kuiken (or Wayne Massengill, Trustee)
6015 Kratzville Road
Evansville, IN 47710

C.P. and/or Lorena Lampson
24412 University Ave #104

Loma Linda, CA 92354

W.S. and Dorris F. Jesske
11964 Midcake Drive
Dallas, TX 75818

Norman and/or Alvina Johnson
810 Jackson Ave.
Takoma Pk, MD 20012

William F. Jones
P. O. Box 22
Berrien Springs, MI 49103

Morton and Rosylyn Rale
5838 Ranchito Ave
Van Nuys, CA 91401

Shokry D. Karmy or Anna B. Kasmy
2156 Scheuber Road
Chehalis, WA 98532

Peter Kompaniez c/0 Loeb & Loeb
10100 Santa Monica Blvd.
Los Angeles, CA 90067

Kreedman Mgmt. & Rlty Corp.
9601 Wilshire Blvd., Suite 812
Beverly Hills, CA 90210

Ky-Tenn. Conf. Assoc. of SDA
Box 459
Madison TN 37115

Dr Landgarten
(no address available)

Loma Linda, CA 92354

Eda Lang, Yale Diversified Rlty.
17133 Ventura Blvd.
Encino, CA 91316

Layman Foundation
Box 1272, Madison College
Madison, TN 37115

L. H. T. Properties
2450 W. 3rd Street
Craig, CO 81625

Lois E. Laybourn & Norma J. Reile
Peniel Road, Rt. 1, Box 63
Tryon, N.C. 28782

Levine
Desert Lake Drive
Palm Springs, CA 92264

John E. and Phyliss L. Libby
Box 212
Dillingham, AK 99576

Life and Casualty Co of TN. c/o Jenkins and Perry

Lincoln Nat'1 Life Ins. Co.

1900 Central Federal Tower
225 Broadway, San Diego, CA 92101

Clarence R & Rubie F. Lindgren
1800 Lakewood Ct. 131
Eugene OR 97402

Loeb & Loeb
1 Wilshire Blvd.
Los Angeles, CA 90017

Mildred W. Ludders
1160 Central Ave., Apt. 12
Riverside, CA 92507

Ruth Maier or Margret Maier
115 W. Columbia Street
Evansville, IN 47710

Lacy Massengill
2806 14th Street
Palmetto, FLA 33561

1300 S. Clinton Street
Fort Wayne, IN 46801

George W & Eunice Ruth Liscombe
612 N. Poplar Street
Pierre, South Dakota 57501

Long & Levit/ Barry D. Brown
1900 Ave. of the Stars #1800
Los Angeles, CA 90067

Paul & Nora MacGlashan
35630 Rancho Road
Yucaipa, CA 92399

Wayne A. Martin
4116 Gwinn Drive
Norcross, GA 30071

Robert and Kathryn Massengill
2804 14th Street
Palmetto, FL 33561

Wayne L. and Margaret A. Massengill

MasterCharge, B of A, NT & SA

16020 N.E. Stanton
Portland, Or. 97230

Sherman Mazur
9601 Wilshire Blvd.
Beverly Hills, CA 90212

Donald M & Ellen G. McIvor
1004 Victoria Ave
Saskatoon, Sas. Canada 57N 028

Joseph or Anne Melashenko
1354 Eucalyptus Street
Rial to, CA 92376

Millie's Place

Card Center
Pasadena, CA 91127

Kenneth M or Agnes M. McComas
308 Ronald Ave
Glassboro, N.J. 08028

Margaret McVeigh &/or Margaret L.
Story &/or Patricia Simpson
3139 Noriega Street
San Francisco, CA 94122

Amy Ann Miller
10300 Kings River Road Sp. #80
Reedley, CA 93654

Earl L. or Helen E. Mills

9601 Wilshire Blvd.,
Beverly Hills, CA 90210
Mitsui Bank
333 S. Flower Street
Los Angeles, CA 90071
Betty J. Moskowitz
2752 Casiano Road
Los Angeles, CA 90024
British Honduras, C.A.
Murchison Construction Co
4777 Auburn Blvd.
Sacramento, CA 95841

70 N. Meridith Ave.
Pasadena, CA 91106
Montana Conference Assoc SDA
1425 W. Main Street
Bozeman, MT 59715
R.V. and Evelyn J. Mundall
Box 17
San Ignacio Cayo
Milton JO or Virginia Murray
13032 Ingleside Drive
Bettsville, MD 20705

Steven Edward Mussen c/o H. Reznikoff National Bank of Long Beach

3620 Sepulveda
Sherman Oaks, CA91403
Bill Nelson Enterprises
P. O. Box 527
Mira Loma, CA 91752
Portland OR 97230
L. H O Netteberg
2217 Stroden Circle
Minneapolis, MINN. 55427
Alice M. Nilsen
482 Califo Street N.W.
Salem OR 97304
Northern Union Conf. of SDA
P.0. Box 27067
Minneapolis, MN 55427
Oklahoma Conference of SDA
P. O, Box 32098
Oklahoma City, Okla. 73132
Dolores E. Olsen
6406 Highland Drive
Everett, WA 98203
One Hour Delivery
P. O. Box 45167
Los Angeles, CA 90045
Opportunity with Legacy Foundation
P. O. Box 381
Bryn Mawr, CA 92318
Los Angeles, CA 90071
Pacific Union Assoc. SDA
2686 Towngate Road
Westlake Village, CA 91361
Pacific Union Investment Fund
2686 Towngate Road
Westlake Village, CA 91361
Ralph W or Vaneta E. Pearson
18-131 Langlois Healing Waters IB12
Desert Hot Springs, CA 92241
Phillips Instant Printing
9601 Wilshire Blvd. #119
Beverly Hills, CA 90210
Grace Plahn
1840 S. E. River Road
Hillsboro, OR 97123
J.T. and Edith Porter
Rte 1, Box 295X
Silverton, Oregon 97381
Potomac Conf. Corp of SDA
P. O. Box 1208
Staunton, VA 24401
Anna Wlld Progler
4675 Treat Hwy.
Adrian, MI 49221
Russell A or Mary Radke
1100 Highland Ave
Clarkston, WA 99403
Sylvia Ramer
334 E. 45th Street

4150 Long Beach Blvd.
Long Beach, CA 90807
John and Helen Nelson or
Frank and Wylodine Baker
3004 N.E. 160th Drive
LaVerne F. Nightingale
22733-A Palm Ave
Colton CA 92324
Noon & Pratt
1930 Wilshire Blvd. Suite 400
Los Angeles, CA 90057
North Pacific Union Conf. Assn. SDA
P. O. Box 16677
Portland , OR 97216
TI / Olivetti Corp.
P. O. Box 925
Tarrytown, N.Y. 10591
Anita N. Olsen
24958 Huron
Loma Linda, CA 92354
On-Time Messengers SVC
433 N. Camden Drive S899
Beverly Hills, CA 90210
Ronald S. Orr
Gibson, Dunn & Crutcher
515 S. Flower Street
Pacific Union Income Fund
2686 Towngate Road
Westlake Village, CA 91361
J. Padelford & Son
S. Pioneer Blvd
Artesia, CA 90701
Jonathan G. and Olive May Penner
74 Fourth Street
Berrien Springs, MI 49103
Rex Pickell/ Pickell Construction
5325 Cherry Avenue
Long Beach CA 90805
Forest C. Port
Rte. 4
Calhoun, GA 30701
Postal Management Services
10520 Magnolia Blvd
N. Hollywood, CA 91601
Jack L. and Lucille Price
4462 Ceder Park Drive
Stone Mountain, GA 30083
Elford D. and Norabel Radke
10505 NE 187th Street
Battle Ground, WA 98604
Damon Raike
1801 Century Park East
Los Angeles, CA 90067
Lowell R. Rasmussen
Rte 8, Box 175-A

Long Beach, CA 90807 Hendersonville, N.C. 28739
Terri I. Rath H. V. Reed
18412 Maria Place 415 Cole Court
Cerritos, CA 90701 Lee's Summit, MD 64063
E.S. and Norma Jean Reile Joel Reims, D.D.S. Profit Sharing P1.
6L12 S. 25th Street 7080 Hollywood Blvd #90fi
Lincoln, NB. 68512 Los Angeles, CA Snn28
Helmuth C. and Erma I. Retzer Allan Richard Reznikoff
18700 No. Cherry Road 3237-D West Denton Avenue
Lodi, CA 95240 Phoenix, AZ 85017
Herbert Reznikoff Frank E or Evelyn G Rice
3620 Sepulveda 2530 Hill Drive
Sherman Oaks, CA 91403 National City, CA 92050

John J. and Katherine M. Robertson Sarah Ellen Robertson

5430 College Avenue 125 E. 10th Street
Riverside, CA 92506 Coquille, OR 97423
Kurt Rodan c/o Tita James San Gabriel Valley Surgical Med. Grp. Inc
11340 W. Olympic Blvd. #222 c/o Leon Beck
Los Angeles, CA 90064 P. O. Box 2225
Palm Springs, CA 92262
Harvey L and Dorothy Sauder Savin Corporation
4979 Dalton Drive 17000 Marquardt
Columbia, MD 21045 Cerritos, CA 90701
W. L. Schoepflin Gerald L. Schulman
805 S. E. 69th 10520 Magnolia Blvd
Portland, OR 97215 N. Hollywood, CA 91601
Schwartz, Kales, Accountancy Seafirst Mortgage Corp
8530 Wilshire Blvd. #506 C #34005
Beverly Hills, CA 90211 Seattle, Wash. 98140
Mary Karen Sigbornsen J.A. and Viola Simonsen
Richmont Street 1375 Vereda Barrance
Loma Linda, CA 92354 Vista, CA 92083
Calvin L. and Virginia L. Smith Grover C. and Francis Smith
c/o Southeast Asia Union Mission 9 Colesville Manor Drive
251 Upper Serangood Road - Singapore 13 Silver Springs, MD 20904

REPUBLIC OF SINGAPORE

Paul G. and James A Smith Paul G. and Jeanne A Smith
1101 Kingwood Drive 1101 Kingwood Drive
Takoma Park, MD 20012 Takoma Park, MD 20012
Anne Snyder Serun Soghomonian c/o Gene Lang
1442 S. Wooster #5 17133 Ventura 81Blvd/Yale Diversified Realty
Los Angeles, CA 90035 Encino, CA 91316
Ann Louise Solari, Virginia Lynn Larry D. and Sherrie D. South
Mazry & Elaine Maryse Solari Box 596
431 Pebble Beach Drive LaPorte, Colorado 80535

Aptos, CA 95003

South Dakota Conf. Assoc of SDA Southern Calif. Assoc of SDA
217 N. Grand 1535 East Chevy Chase Drive
Pierre, SD 565Q1 Glendale CA 91206
Southern California Gas Company Southwest Estate Service, Inc.
P. O. Box C Box 999
Monterey, CA 91756 Burleson, TX 76028
Alberta Brown Springs Community Assoc.
Sparkletts/ForeMost-McKesson P. O. Box 764
P.0. Box 41049 Rancho Mirage, CA 92270

Los Angeles, CA 90041

Standard Insurance Co Standard and Poors Corp.
P. O. Box 711 25 Broadway
Portland, Or 97207 New York, N.Y. 10004
State of California Public Emplys Rtrmnt State Savings and Loan
107 S. Broadway System Box 62213
Los Angeles, CA San Francisco, CA 94162
State Savings and Loan Assoc Sterling Bank of N.Y.
222 N. Eldorado 540 Madison Ave at 55th Street
Stockton, CA 95202 N.Y., N.Y. 10022
Mildred Stokes Paul and Edith Stone
5700 Kratzville Road 401 S. 8urnside #11K

Evansville, IN 47710
Elmer Strum
Route 2
Chuckey, TN 37641
Hazelle Suhrie
Rte #5, Box 64A
Hendersonville, N.C. 28739
Lee Stagg or Dorothy Stagg
North Pacific Union Conf Assn
Nevada City, CA 95959

Los Angeles, CA 90036
Sulmeyer, Kupetz, Baumann &
615 S. Flower Street
Los Angeles, CA 90017
Sutro Mortgage Service
4900 Wilshire Blvd
Los Angeles, CA 90010
Gladys K. Taintor
11961 Tree Top Circle

Sr. Jerome Tamkin, or Robert M. Tamkin, or Joel P. Tamkin

9007 Melrose Ave
Hollywood, CA 90069
Tax Collector, L.A. County
P. O. Box 3202, Terminal Annex
Los Angeles, CA 90051
Title Ins. & Trust c/o Doris Hughes
700 Wilshire Blvd TRUST ACCT.
Los Angeles, CA 90054
John D. or Thelma Trude
1115 NE 179th
Portland, OR 97320
Union Home Loans
17772 Irvine Blvd., #209
Tustin, CA 92680
United California Mortgage Company
Bin 74
Pasadena, CA 91109
Leasing Corporation
P. O. Box 38133 Rincon Annex
San Francisco, CA 94138
Alfred Vanacore
c/o Gene Lang Yale Diversified Realty
17133 Ventura Blvd.
Encino, CA 91316

Gene B and Cidy Reile Tarr

8 Alton Drive
Elizabeth City, N.C. 27090
Tenzer and Shane Trust Account
2900 Townsgate Road
Westlake Village, CA 91361
Michael D. Tomlin/Colorado East Ltd.
3000 Pearl Street, Suite 209
Boulder, Colorado 80301
Raymond Dale and/or Ellen Tunnell
Route 36 Lindsey Lane
Knoxville, TN 37922
United Calif. Bank
707 Wilshire Blvd,
Los Angeles, CA 90051
Upper Columbia Mission Soc. SDA
West 1025 Indiana Ave
Spokane, WA 99205
Valley ENT Medical Group, Inc. Pension Plan
297 West Artesia Suite A
Pomona, CA 91768
Isidorius Veisas Trust
c/o Leon Beck
P.O.Box 2225 Palm Springs, CA 92262

Jessica Vicknair
c/o Gene Lang Yale Diversified Realty
17133 Ventura Blvd Encino, CA 91316
Wlliam J. Wagner M.D.
6504 Beverly Blvd.
Everett, Wash. 98203
E. R. and Ester Lo Walde
14021 N.E. Fremont Street
Portland, OR 97230
Isabel Ward
4001 Anderson Road
Nashville, TN 37217
James E or Kristie Wasenmiller
3363 Huckleberry Court
South Salem, OR 97302
Ali Wassil
5158 Highland Ave
Los Angeles, CA 90041
Hillsboro, OR 97123
Weijohn Farm
Rte. 3 Box 3285
Wapato, WA 98951

Bruck Van Vranken, M.D.,
& Charles Kramer, MD, Inc., a Med. Corp.
440 West Foothill Blvd.
Glendora, CA 91740
Arthur or Gertrude C. Wallach
1722 Benedict Canyon Drive
Beverly Hills, CA 90210
T.W. and Lois Walters
14330 S.E. 268 Court
Boring, OR 97009
J.A.Wasemiller and/or WoEo Wasenmiller
82 Fourth Street
Berrien Springs, MI 49103
Wilbur E. 6/or Mrs J.A. Wasenmiller
P. O. Box 849
Decatur, GA 30031
Ralph or Jeanne Weidman
North Pacific Union Conf. Assn.
335 N.E.Jefferson
Wells Fargo Bank Auto Lease Ctr.
P. O. Box 816
Anaheim, CA 92805

Western Oregon Conference Association of SDA

605 SE 39th Ave
Portland, OR 97214
Glenn A. and Beth Whitaker
3031 E. Chevy Chase Drive
Glendale, CA 91206

Robert L & LaVonne R. Wheatley and Bonnie L. Bailey

5471 Peacock Lane
Riverside, CA 92505
Ray L. White
1325 Ink Grade Road
Pope Valley CA 94567

Eugene Winter
415 S.E. Date
College Place, WA 99324
Patricia Wood
15 Lincoln Ave. N.
Lehigh Acres, FL 33936
Xerox Corporation
2029 Century Pk. East #700
Los Angeles, CA 90067

Anne M Witaker
14093 Davana Terrace
Sherman Oaks, CA 91423
Woodbury and Co.
Chadwick Square
Worcester, Mass 01605
Robert Zucherman
225 E1 Camino Drive
Beverly Hills, CA 90212

Há pessoas na Igreja Adventista que sempre considerarão imprudentes e desnecessários os passos que dei a seguir, mas, em outras circunstâncias, quando o assunto não envolve a elas nem à sua Igreja, fazem grande uso do texto de Mateus 18. As palavras são estas:

> "Além disso, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste teu irmão. Mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. E, se não quiser ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também não quiser ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano." [6]

Eu sentia que, pessoalmente, assim como toda a Igreja, havia sido gravemente lesado, tanto em atos quanto em fatos, pelo principal dirigente da Igreja, cujo nome aparecia no topo da lista como pastor, por causa de seu grande conflito de interesses no Caso Davenport. Sua influência não estava do lado correto e ele deveria ser instruído a esse respeito. Assim, em 14 de junho de 1977, escrevi-lhe a seguinte carta, dirigida a ele e somente a ele:

> "Outro dia deparei com uma lista de nomes na qual o seu aparecia e pensei que talvez gostasse de receber uma cópia para lembrar-se do Clã e dos grandes tempos. Trata-se de uma lista de pastores e dirigentes que têm ou tiveram dinheiro pessoal investido com o Dr. Donald Davenport.

É, sem dúvida, uma leitura interessante. Também explica muitas perguntas que algumas pessoas têm feito sobre o funcionamento da Igreja no passado e sobre como e por que certos homens chegam a determinadas posições. Certamente põe por terra a ideia promovida de uma liderança abnegada e disposta ao sacrifício dentro deste movimento. Em qualquer outro campo de atividade humana, ela também poderia levantar questões especiais de conflito de interesses, tráfico de influência e até suborno, quando a lista é comparada a outra relação igualmente interessante de todas as associações e entidades que possuem notas promissórias que somam milhões com o mesmo homem, muitas vezes incentivadas e ajudadas por alguns desses mesmos dirigentes e pastores.

Temos escrito muitas vezes sobre reavivamento e sobre como ele deve ser produzido por mudança, e que essa mudança virá da reforma. É fácil perceber por que, em nossas atuais circunstâncias na Igreja, temos e continuaremos tendo grande dificuldade para esperar ou desejar que tal mudança ocorra.

Desde que vi a lista, muitas vezes me perguntei o que os membros leigos da Igreja pensariam da mensagem e do clero se a lista fosse publicada na Review ou em algum outro

periódico. Se, como disse um dirigente, tratava-se apenas de um bom negócio pessoal, então a maioria dos leigos teria igual interesse em fazer um investimento tão seguro.

O senhor pode ficar com a lista, se desejar. Para mim, ela constitui um triste comentário sobre nossos tempos e sobre a liderança de nossa Igreja." [7]

Ao mesmo tempo, enviei ao pastor Cree Sandefur, que naquele momento era presidente da União do Pacífico, onde Davenport parecia ter começado sua atuação, uma breve nota:

"Prezado pastor Sandefur,

Há algum tempo chegou ao meu conhecimento uma lista de nomes na qual aparecia o seu nome junto com o de muitos de seus amigos. É uma leitura muito interessante. Também explica várias perguntas que têm surgido nos últimos anos a respeito da Igreja e da Obra. Alguns desses nomes possuem uma história interessante no campo do dinheiro e das finanças. Pensei que talvez o senhor gostasse de guardar uma cópia para recordar-se do clube e dos grandes tempos." [8]

Não escolhi levianamente as palavras dirigidas a nenhum dos dois homens. A lista de Davenport mostrava que homens em altos cargos na Igreja ajudavam a colocar outros amigos seus em posições elevadas. Era verdade, como o pastor Rasmussen me dissera na academia, que se chega ao sucesso montado nos ombros dos superiores. Ficou mais claro para mim do que nunca que não era Deus quem dirigia a Igreja, como me haviam repetido tantas vezes, mas os Pierson e os Sandefur que colocavam homens onde estavam para, assim, serem ajudados a fazer o que desejavam. Foram os Pierson e os Sandefur que escaparam, livres da difamação e da vergonha. Sandefur fora pastor em Long Beach, onde Davenport era membro e onde iniciou sua trajetória na Igreja com a ajuda de Cree. Sandefur foi para o Havaí, e Davenport estava lá. Sandefur foi para o leste, e Davenport nunca estava muito longe. Sandefur, por meio de seu envolvimento, abriu portas, incentivando outros a atravessá-las. Contudo, quando o castelo de cartas desabou, Cree já estava fora com seu dinheiro e também fora com sua aposentadoria "rápida". O próprio Davenport deixou muito claro, em uma de suas cartas, quanto Cree o havia ajudado:

> "O pastor Sandefur retirou seu dinheiro três ou três anos e meio atrás, quando se tornou presidente da União do Pacífico, e ele e sua esposa Mildred me disseram, juntos, quando eu estava no campus de Loma Linda e eles estavam lá, que essa havia sido uma das decisões mais difíceis que ele já tomara, porque financeiramente havia se saído muito bem comigo; mas, como sua União provavelmente estaria votando algumas de minhas transações, ele achou melhor retirar seu dinheiro. Eu disse que isso cabia a ele, mas que, depois de se aposentar, se quisesse poderia colocar o dinheiro novamente comigo, e ele disse que certamente o faria." [9]

Desde que vi a carta de Davenport, pergunto-me se Cree voltou a investir com seu amigo e, se o fez, por que não aparece entre aqueles que ficaram segurando o prejuízo. Afinal, Davenport lhe devia muito, pelo menos o suficiente para fornecer-lhe informação privilegiada sobre a hora certa de sair. Foi Cree Sandefur quem ajudou a transferir todos os investimentos que estavam nas associações locais, onde os leigos e pastores locais podiam vê-los e fazer perguntas, para a União, onde não poderiam vê-los nem reclamar. Talvez tenha sido uma das melhores providências que Cree tomou em favor de Davenport enquanto presidente da União do Pacífico, mas deixou a União segurando a conta de US$ 1.528.094 em empréstimos, mais US$ 120.449 de juros acumulados.

Nota do editor: no manuscrito datilografado original, não existe nota de rodapé correspondente ao número 10.

A lista de Davenport também mostrara que a maioria, se não todas, as uniões da América do Norte estavam envolvidas com ele de alguma maneira e que as comissões dessas instituições da Igreja, frequentemente incluindo seus presidentes e oficiais, eram pessoalmente membros do clube financeiro de Davenport. Em seu artigo, a Spectrum declarou:

> "Quase todos os entrevistados para este artigo disseram que dirigentes individuais recebiam taxas de retorno maiores sobre seus recursos do que as organizações da Igreja, e vários afirmaram que pessoas influentes e poderosas na Igreja recebiam retornos melhores do que os mortais comuns. E, em seus últimos e difíceis dias, Davenport aparentemente pagou alguns credores favorecidos. Seu administrador fiduciário, Irving Schulmeyer, informou em um requerimento ao juiz que 'foram feitas preferências em somas substanciais' por Davenport nos 90 dias anteriores ao pedido de falência." [11]

A carta que o presidente Pierson me enviou de volta era tipicamente ministerial. Não dizia nada e nem sequer dizia isso bem, mas revelava muita coisa sobre o homem e seu modo de pensar:

> "É compreensível que o senhor tenha ficado surpreso ao receber uma lista informando os valores pessoais que vários indivíduos depositaram com o Dr. Donald Davenport aí na Califórnia. Em primeiro lugar, essa informação é estritamente confidencial, e o fato de ter se tornado de algum modo de conhecimento público é, por si só, chocante. [Perguntei-me muitas vezes por que ele considerava isso chocante, se era algo correto.] Posso dizer-lhe, porém, que essa lista foi compilada em 31 de agosto de 1971 e que, com depósitos, retiradas etc., já não é válida. [Essa era uma tática de espantalho; ele sabia que existia uma lista nova e atual.] Apreciei muito o fato de o senhor ter enviado a lista pessoalmente a mim em vez de passá-la adiante a outros. [Ele não sabia disso; apenas esperava que fosse assim.]

Irmão Rea, eu preferiria sentar-me e conversar com o senhor em vez de responder por carta, mas, como não é provável que tenhamos oportunidade para isso, gostaria de fazer algumas observações que espero sejam úteis. [A Igreja o pagava para viajar pelo mundo; ele poderia ter vindo, se quisesse, e, como o tempo demonstrou, teria sido melhor se não tivesse escrito o que escreveu.]

Não posso falar por nenhum dos outros investidores da lista, mas quero falar por mim. Ao percorrer os nomes, naturalmente conheço bem vários deles e também sei que são generosos sustentadores da Obra do Senhor. [Outro espantalho. Se a maioria tivesse recebido os altos juros que a lista revela, deveria ter sido ainda mais generosa no sustento da Igreja que estavam roubando para tornar tudo aquilo possível.] Pessoalmente, eu não desejaria julgar suas contribuições pela quantia que possam ter investido com o Dr. Davenport. Conheço algumas pessoas da lista que investiram, em seus próprios nomes, dinheiro pertencente a membros de suas famílias.

Em primeiro lugar, quero dizer que, até onde sei, as operações do Dr. Davenport ao longo de muitos anos sempre foram abertas, transparentes e inteiramente legítimas. [Esta é uma declaração inacreditável à luz do que o próprio tesoureiro da Associação Geral estava dizendo e escrevendo.] Ele ajudou muitos obreiros e membros, bem como algumas organizações da Igreja. Até onde sei, nenhum conselho ou comissão de que faço parte possui dinheiro investido com o Dr. Davenport. [Outra declaração inacreditável, pois a política da Igreja praticamente torna o presidente da Associação Geral membro de toda e qualquer comissão, especialmente das uniões que estavam envolvidas.] Aqui não pode haver conflito de interesses. Na verdade, conheço apenas uma ou duas organizações que tenham dinheiro investido com ele. [Entretanto, a lista que eu lhe enviara mostrava uma dúzia ou mais, das quais, pelo menos tecnicamente, ele era membro.] Se possuem, segundo minhas informações, vêm recebendo bons juros sobre o investimento e nunca perderam um centavo. [Isso também era falso, pois Davenport frequentemente estava atrasado nos pagamentos de juros às igrejas e associações, como demonstram os registros da falência.]

Há algo imoral em reservar dinheiro para a aposentadoria ou para comprar uma casa? Segundo minhas informações, Ellen White possuía várias propriedades. [Pierson sempre prestara homenagem verbal à profetisa adventista, ainda que não seguisse seus conselhos acerca da honestidade nas finanças.]

Alguns de nós, irmão Rea, passamos grande parte do ministério em campos estrangeiros. Ficamos separados de nossas famílias durante anos. Nossos salários eram muito menores do que na pátria. Vivíamos em propriedades da missão ou alugadas. Não havia oportunidade de acumular patrimônio imobiliário, como os obreiros daqui conseguem fazer. [Que ladainha de falsas justificativas para seus atos antiéticos e ilegais!] Seria errado investirmos nossas economias onde pudéssemos receber bons juros até precisarmos delas na aposentadoria? Não creio que seja justo criticar alguém por fazer isso.

Não peço desculpas por ter uma quantia modesta investida com o Dr. Davenport. Não tenho tempo para investir em ações, títulos etc. e gastar tempo acompanhando e me preocupando com o mercado. Colocamos nosso dinheiro onde sentimos que deveríamos colocá-lo e seguimos com nosso trabalho sem nos preocuparmos com isso.

Quanto a ofertas sacrificiais, irmão Rea, imagino que nenhum de nós contribua tanto quanto deveria quando consideramos o que o Senhor deu por nós. Mas posso escrever na Review com a consciência limpa, apelando a nosso povo para que dê com sacrifício. A Sra. Pierson e eu temos dado de 20% a 35% de nossos salários durante anos, além de milhares de dólares destinados ao programa do campo mundial por meio de meus livros, dos quais abri mão de direitos autorais que poderia ter reivindicado. Também dirijo um Chevrolet 1972.

Irmão Rea, [e aqui vem o sermão, não a resposta à minha carta] fiquei surpreso e decepcionado pelo fato de um pastor em minha Igreja [observe-se que ele não diz nossa Igreja nem Igreja de Deus, mas sua Igreja] ter chegado às conclusões a que o senhor chegou [antes que tudo terminasse, a maior parte do adventismo, bem como as pessoas do mundo que souberam do caso, chegou às mesmas conclusões] e ter escrito uma carta em espírito questionável [a secretária deve ter tido problemas com a palavra questionável, pois ela foi corrigida e redigitada várias vezes. Tenho me perguntado se a palavra que ele usara e apagou era questionador] sem verificar alguns fatos comigo antes de julgar. Mas isso terei de deixar entre o senhor e o Senhor.

Que o Senhor o abençoe e guie enquanto alimenta e conduz o rebanho de Deus aí em Long Beach. [O que era exatamente aquilo que eu sentia que Ele estava fazendo quando escrevi a Pierson pedindo uma explicação.]" [12]

A carta de Pierson soava como alguma antiga canção de amor pagã. Ele havia sido tirado do aprisco do adventismo e elevado à coroa, mas ainda assim lamentava a própria pobreza dentro do sistema de que desfrutava. Alguns pregadores reclamam muito. Frequentemente governam como antigos príncipes mongóis. Viajam pelo mundo sempre às custas do povo. Quando pousam depois de seus voos, recebem vinho, comida e mimos de funcionários menores, todos na esperança de que alguma promoção ou migalha de favor caia em sua direção como recompensa. Do começo ao fim, a estrutura favorece o executivo, o administrador, o dirigente religioso que chegou ao topo. Até o plano de aposentadoria do qual ele falava lhe dava vantagem sobre seus colegas. Uma das grandes mentiras do adventismo é a afirmação de que todos os homens são tratados igualmente na obra da Igreja. Os privilégios especiais de casas, presentes, empréstimos sem juros, viagens e vantagens fazem parte da vida dos administradores adventistas. Essa é uma das razões pelas quais tantos querem se tornar

administradores; e, para Pierson, lamentar a pobreza do próprio sistema que defendia por suas atitudes no Caso Davenport era risível, se não terrivelmente triste.

Ainda mais triste era a moralidade que ele demonstrava em relação a todo o assunto. Grande parte de sua resposta não admitia coisa alguma, não explicava coisa alguma nem pedia desculpas por nenhuma de suas ações ou pelas de seus colegas. Ou ele era incapaz de compreender como ele e seus amigos pareciam aos olhos dos outros, ou simplesmente não se importava. Nem sequer deixou o assunto "entre mim e o Senhor", como havia dito. Mais tarde descobri, por meio do tribunal de falências, que, antes mesmo de a tinta da minha carta a ele secar, ele a havia enviado ao Dr. Davenport e estava jogando dos dois lados. A carta de Pierson a mim era datada de 23 de junho, e a carta de Davenport a ele, de 28 de junho. Pierson escreveu a Davenport no mesmo dia em que me enviou sua carta:

"Prezado pastor Pierson,

Recebi sua carta datada de 23 de junho de 1977 e a cópia daquela que o senhor escreveu ao indivíduo que lhe havia dirigido a correspondência.

Sem nenhum esforço de minha parte, creio ter identificado esse indivíduo como o pastor Walter Rea. Não me propus a identificá-lo, mas naquele mesmo dia entrou em meu escritório um pastor e usarei todos os nomes aos quais tenho acesso para que o senhor saiba do que estou falando. O nome desse pastor era David Neufeld, e ele me disse: 'Que história é essa que Walter Rea anda espalhando?' Eu respondi: 'Não sei o que ele anda espalhando, mas tenho uma ideia; então, diga-me, por favor.' Ele disse que Rea estava dizendo a todos que eu estava enfrentando sérios problemas financeiros e que, especificamente, fizera três alegações:

1. Que a Associação Georgia-Cumberland não possui dinheiro comigo; eu lhe disse que, no momento, a Associação Georgia-Cumberland tem US$ 2.600.000 comigo.

2. Ele afirmou que todas as associações estão pedindo seu dinheiro de volta, e isso está errado. Ocasionalmente, alguma deseja parte de seus recursos para algum projeto de construção, e eu os devolvo.

3. Ele afirmou que havia um membro da igreja de Long Beach que pedira US$ 200.000 e que eu lhe dissera que não podia pagar. Imediatamente telefonei para esse indivíduo, cujo nome é Widen Burkett, e Widen disse que não havia pedido os US$ 200.000 de volta, que não queria o dinheiro de volta e que a pessoa que estava dizendo tudo isso era Walter Rea, pastor da igreja de Long Beach."

A quarta alegação feita por Walter Rea era que, recentemente, o pastor C. Sandefur retirara seu dinheiro porque estava preocupado com meus investimentos e também porque havia conflito de interesses.

O pastor Sandefur retirou seu dinheiro três ou três anos e meio atrás, quando se tornou presidente da União do Pacífico, e ele e sua esposa Mildred me disseram juntos, quando eu

estava no campus de Loma Linda e eles estavam lá, que essa havia sido uma das decisões mais difíceis que ele já tomara, porque financeiramente havia se saído muito bem comigo; mas, como sua União provavelmente estaria votando algumas de minhas transações, achou melhor retirar o dinheiro. Eu disse que isso cabia a ele, mas que, depois de se aposentar, se quisesse poderia recolocar o dinheiro comigo, e ele disse que certamente o faria.

Pastor Pierson, essas são quatro mentiras flagrantes, e não vou chamar o ungido do Senhor [sic] de mentiroso; mas creio que posso chamar a verdade de verdade e a falsidade de falsidade. Documentei cada um desses quatro casos. Documentei que Walter Rea, pastor da igreja de Long Beach, estava dizendo isso. Pensei se deveria telefonar para o pastor Rea, mas concluí que, se ele está mentindo agora, uma ligação apenas perpetuaria seu programa de mentiras; portanto, simplesmente deixarei o assunto de lado.

Agora, para ser mais específico: eu disse a todos os que investiram comigo que trataria o dinheiro deles exatamente como um banco, isto é, que não discutiria nem revelaria a outras pessoas quanto tinham comigo nem qualquer informação a respeito. Se quisessem revelar, isso era assunto pessoal deles, e nunca violei essa confiança.

Iniciei esse programa de investimentos há cerca de 17 ou 18 anos, e ninguém perdeu um centavo de juros nem um centavo de principal durante todo esse tempo, e ninguém perderá, a menos que aconteça alguma catástrofe que não consigo prever.

Para sua própria informação, minha situação financeira e meu programa nunca estiveram melhores do que estão agora, e não tenho razão para acreditar que não continuarão melhorando.

Estou muito decepcionado com o fato de o pastor Walter Rea ter tomado sobre si a iniciativa de tentar fazer seja lá o que estiver fazendo.

Ouço indiretamente, e não estou em condições de documentar, que ele não está satisfeito com a maneira pela qual a Igreja administra suas finanças e que pretende ajudar a colocá-las em ordem da forma que puder. Minha ex-esposa, Elizabeth Davenport, congrega na igreja de Long Beach, onde ele é pastor, e é muito fácil acreditar e imaginar que ele tenha obtido essa lista de investidores por meio dela ou do escritório dela.

No acordo de dissolução do casamento, relacionei meus ativos e passivos e tive de relacionar todas as pessoas que haviam investido comigo; mas deixei muito claro ao advogado de minha ex-esposa, William Cree, que aquilo era assunto confidencial - que eu queria que ele soubesse que eu tinha aquelas dívidas e que assumiria toda a responsabilidade pelas contas e obrigações, mas que não haveria utilidade alguma em tornar isso público e que isso violaria uma relação de confiança. Aparentemente, minha ex-esposa ou esse advogado achou

adequado tornar aquilo parte do registro público, e o pastor Walter Rea não tem os melhores interesses da Igreja em mente, mas talvez apenas seus próprios interesses egoístas ao levar o assunto ainda mais adiante.

Como observação interessante, que o senhor talvez já saiba muito bem, toda vez que surge uma vaga na presidência da Associação do Sul da Califórnia ele reúne um pequeno grupo em torno de si, cria algum problema e se candidata ao cargo. Conheço-o há muitos e muitos anos, e esse é o seu modo de agir.

Mais uma vez, pastor Pierson, lamento que esse episódio tenha ocorrido, mas alguém precisar cavar algo de seis anos atrás para sustentar seu argumento é realmente bastante ridículo.

Achei que o senhor tratou a carta dele de forma magistral, e não está fora do campo das possibilidades que, dentro de um ou dois anos, todos daquele grupo de investidores já tenham sido pagos, porque estou entrando em edifícios cada vez maiores e vou pagando os investidores à medida que faço isso.

Acho bastante interessante que ele tenha feito quatro alegações diante do pastor Dave Neufeld. Refutei todas elas.

Gostaria de lhe fazer uma pergunta para a qual não creio que o senhor tenha resposta, mas que considero ter direito de fazer: 'Quando um pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia recebe licença para mentir?'

Por favor, aceite minhas desculpas por essa situação lamentável e faça o que puder para proteger os bons interesses da Igreja, porque isso é o que todos nós devemos fazer." [13]

Pobre Don, ainda fazendo o melhor possível para parecer "um sujeito e tanto". A carta não apenas expõe o engano que havia na constituição de Davenport, mas também o de Pierson. Ajuda ainda a mostrar como o sistema havia se deteriorado com testas de ferro, mentiras e intimidação. Um desses testas de ferro que escapou foi David Neufeld. Era um antigo homem da Associação Geral, reaproveitado na União do Pacífico por Cree Sandefur pela metade do custo. Já passara muito da hora de se aposentar, mas compensava isso cantando louvores a Davenport para todos os que o questionavam. Tinha seu próprio dinheiro investido e incentivava outros a fazer o mesmo. Foi um dos rapazes que saiu com lucro e, muito tempo depois do desastre, ainda defendia firmemente seus amigos envolvidos na confusão e dizia não sentir culpa pelo que fizera como agente duplo de Davenport.

Outro nome mencionado também era agente de Davenport. Tratava-se do meu primeiro ancião, Widen Burkett. Havíamos conversado juntos sobre o Dr. Davenport, e eu lhe havia assegurado que, como membro da comissão da Associação, ele se encontrava em

posição escorregadia quando chegava a hora de votar recursos da Associação para Davenport, ao mesmo tempo que, como investidor, cantava seus louvores. Outra questão havia surgido entre nós que talvez o tivesse irritado um pouco. Ocorreu que, ao se aposentar como professor de escola pública, ele recebeu um chamado para entrar no ministério em Nevada. O presidente daquela Associação, pastor Striefling, era investidor de Davenport; Burkett era investidor de Davenport; e Cree Sandefur, que teria de aprovar a nomeação na União, era apoiador de Davenport. Com tantos jovens saindo da faculdade sem receber chamados para a Obra, achei errado que Burkett recebesse aquele chamado da forma como estava acontecendo e como parecia aos olhos de todos. Disse-lhe isso e perguntei como aquilo pareceria caso todas as circunstâncias se tornassem conhecidas. O chamado não se concretizou, mas tive a impressão de que Widen não ficou satisfeito comigo por eu não apoiar seu amigo Davenport. Com seus US$ 185.000, mais juros, eu podia entender por quê.

Dois outros nomes devem ser mencionados entre aqueles que escaparam sem muito constrangimento ou vergonha. Um deles era John Robertson, ex-pastor de Long Beach e amigo do Dr. Davenport. Enquanto pastoreava em Glendale, não conseguiu convencer o conselho da igreja de Vallejo Drive de que deveriam investir com Davenport. Isso causou problemas, e alguns dos anciãos que conversaram comigo sentiram fortemente que John estava exercendo pressão excessiva, considerando suas conexões. Mais tarde, John trabalhou no sudeste da Califórnia e, suponho, não viu problema moral em incentivar outros a seguir Davenport. Posteriormente escreveu um livro de tom moral elevado chamado A VERDADE BRANCA, tentando refutar meu livro A MENTIRA BRANCA antes mesmo de eu o publicar. Outro ex-pastor de Long Beach, amigo de Davenport e aposentado recontratado por Sandefur, era o pastor Duffield. Ele fizera viagens ao exterior com o Doutor e incentivara outros a investir com ele. Em uma carta dirigida a mim, escreveu:

> "Muitos de meus amigos continuam me perguntando sobre a situação financeira dele. Eu gostaria de poder falar com algum grau de certeza sobre sua solidez. Recuperei todo o meu dinheiro com ele. Confidencialmente, eu tinha US$ 100.000 investidos. Devo dizer que, ao longo dos anos, ele me pagou um pacote de juros. Sou profundamente grato por isso. Entretanto, fico feliz de ter de volta meu dinheiro [principal]. Os relatórios que recebo de várias fontes, inclusive de sua primeira esposa, são muito sombrios." [14]

Portanto, não era apenas eu que ouvia e dizia as coisas que estávamos ouvindo. Estava ficando tarde para Davenport, e ele se debatia cada vez mais. O que aparecia e continua aparecendo repetidamente é que se podia conversar com advogados, médicos, caminhoneiros, crianças em idade escolar, ateus ou infiéis, e a maioria, se não todos, saberia dizer que o que estava acontecendo era errado, mau e perverso. Mas nem naquela época nem desde então Pierson, Sandefur, Neufeld, Robertson, Burkett, Duffield, presidentes de uniões ou a Igreja

como um todo expressaram ou admitiram a gravidade de seus pecados de envolvimento. Demonstrou-se pouco ou nenhum constrangimento, muito menos vergonha. E, talvez ainda mais surpreendente, a Igreja como um todo continua pregando contra aqueles terríveis católicos, aqueles protestantes imundos e o mundo perverso, aparentemente sem perceber que, por sua falta de preocupação com a própria conduta amoral ou imoral, ou por tolerá-la, perdeu qualquer direito de condenar outros ou pregar reforma a outros.

Evidentemente, Pierson não havia dado a Davenport garantia suficiente de que me impediria ou me demitiria, pois algumas semanas depois Davenport tornou a escrever:

"Prezado pastor Pierson,

Recebi sua carta datada de 19 de julho de 1977 e não desejo tomar seu precioso tempo com a leitura de muita correspondência.

Atenderei aos seus desejos e deixarei o assunto de lado, a menos que o pastor Walter Rea decida continuar agitando-o. Se ele resolver fazer isso, não terei alternativa senão cuidar dele da melhor maneira que eu julgar adequada.

Gostaria de encerrar minhas observações nesta carta com alguns pensamentos que considero muito importantes.

Considero absoluta minha palavra de honra e, quando esses diversos pastores, ao longo de dezessete anos, investiram quantias comigo, pediram-me, quase sem exceção, que não mencionasse os valores que possuíam comigo porque achavam que isso não serviria a nenhum propósito útil e, além disso, era assunto particular deles.

Mantive essa confiança durante todos esses anos e me recuso até mesmo a entregar à Associação Geral um balanço patrimonial, porque, embora o pastor Emmerson e o pastor Osborne tenham indicado, por meio de rumores, que gostariam de recebê-lo, isso poderia revelar os nomes das diferentes pessoas, e senti que não deveria violar uma confiança.

A segunda razão de meu interesse em calar o pastor Walter Rea é que tenho conhecimento de um grupo de leigos que deseja causar constrangimento à Igreja Adventista do Sétimo Dia obtendo toda e qualquer informação financeira que puder, distorcendo-a, retorcendo-a e usando-a da maneira que lhes for mais vantajosa para constranger a Igreja; e eu, por minha parte, gostaria de fazer tudo ao meu alcance para proteger a Igreja. Sempre fiz isso e sempre farei.

Já lhe disse antes que não perdi um único centavo de juros ou de principal pertencente à Igreja durante todos estes anos em que administrei milhões de dólares para ela. Tenho orgulho dessa relação. Agradeço a Deus por ter conseguido, em tempos difíceis, proporcionar sempre ganho à Igreja e nunca prejuízo.

Perturba-me muito que alguém que está na folha de pagamento da Igreja, como Walter Rea, se envolva numa situação que poderia se tornar muito constrangedora para a Igreja.

Com esses fatos, encerro agora minha argumentação. Espero que o senhor seja suficientemente eficaz para levar o pastor Walter Rea a perceber a insensatez de seus caminhos e que, por ter obtido essa lista por algum meio tortuoso e vasculhado uma situação doméstica resolvida há mais de cinco anos apenas para fornecer munição aos descontentes e insatisfeitos da Igreja, ele seja advertido de que isso não o ajudará e que, a longo prazo, prejudicará sua causa.

Pastor Pierson, lembre-se, por favor, de que sou 100% favorável à Igreja organizada. Pode haver pessoas na Igreja, como o pastor Walter Rea, que não fazem as coisas como considero que deveriam ser feitas, mas esse é problema delas, não meu.

Prometo que não levarei este assunto adiante, a menos que o pastor Walter Rea e outros de sua espécie [sic] não aceitem seu conselho e mantenham a lista confidencial. Se não fizerem isso, ficarei desobrigado de minha promessa ao senhor e tomarei o assunto em minhas próprias mãos.

Se entendo corretamente a Bíblia, ela diz que, se você tem algo contra seu irmão, vai primeiro até ele. Se isso não resolver, leva uma testemunha e vai até ele. Se isso ainda não resolver, leva a Igreja inteira até ele; e, se nem assim for resolvido, então leva o caso ao tribunal ou a alguma outra autoridade superior.

Pastor Pierson, Walter Rea não fez nenhuma dessas coisas, e eu simplesmente me sinto muito protetor em relação à Igreja. Acho que, às vezes, alguns de nós, leigos, precisam adotar uma posição de braço forte para defender a Igreja e calar toda essa maldade que está circulando.

Bem, o senhor ouviu minha história. Fiz uma promessa e cumprirei minha promessa, mas ela contém uma saída. Se Walter Rea não for inteligente o bastante para manter a boca fechada, então vou partir para cima dele." [15]

Desde que vi a carta, alguém sugeriu que eles soavam mais como a Máfia do que como cristãos, e concordei. É difícil compreender que o dirigente máximo de uma Igreja estivesse fazendo negócios com um homem assim e, ainda assim, não viesse conversar comigo sobre o que estava acontecendo. Outro pensamento interessante é que, se Pierson compartilhava com Davenport minha correspondência, devia também compartilhá-la com outra pessoa, Neal Wilson. Por que não? Isso já havia acontecido antes.

No início da década de 1960, fui procurado pelo então presidente da Associação Geral, R. R. Figuhr. A Igreja enfrentava muitos problemas com seus principais dirigentes religiosos

no Sul e, como eu havia trabalhado naquela região, participado de comissões e conhecia aqueles homens, ele perguntou em sua carta se eu estaria disposto a escrever o que considerava serem alguns dos problemas. Minha carta seria, naturalmente, confidencial, assegurou-me ele, e eu estaria prestando um bom serviço à Igreja. Escrevi-lhe minhas convicções, mencionando nomes, lugares e detalhes específicos: como, em minha opinião, os dirigentes eram homens corruptos e gananciosos; como compravam e vendiam propriedades por meio de nossos hospitais a fim de se protegerem e economizarem dinheiro através das instituições para depois obterem lucro com seus métodos; como vendiam automóveis aos obreiros e cobravam uma comissão pessoal para fazê-lo. Fui generoso nas informações e nos nomes dos homens que participavam dessas práticas. [16]

Algum tempo depois, encontrei o pastor Neal Wilson numa Assembleia da Associação Geral, e ele me informou que havia lido a carta que R. R. Figuhr me dissera ser confidencial. Pelo conhecimento que eu tinha do sistema, compreendi que estava com problemas. De fato, algum tempo mais tarde, um amigo telefonou e disse que meu nome havia sido colocado para sempre numa lista negra no Sul e que eu não poderia nem receberia chamado algum para coisa alguma, "nem para fiscal de cachorros". Conhecendo o funcionamento do sistema, não fiquei surpreso. Muitas vezes fui acusado de procurar cargos mais altos. Conhecendo alguns dos homens que ocupavam esses cargos, nunca soube se deveria considerar o rumor como elogio ou insulto. Se, na época do Caso Davenport, eu ainda tivesse qualquer pensamento de promoção dentro da Igreja, seria uma cesta vazia carregando tais pensamentos; e muitas vezes disse que posso ser tolo, mas não sou completamente estúpido.

Depois da carta de Pierson, ficou claro para mim, mesmo sem ter acesso, senão mais tarde, à correspondência de Davenport, que a Igreja e seus dirigentes não fariam nada para deter sua corrida em direção à ganância e à destruição. Se alguma coisa fosse feita, teria de ser feita por algo ou alguém diferente daqueles envolvidos em busca de ganho pessoal. Minha experiência de anos de serviço à Igreja deixava claro que nenhuma reforma viria, embora eu tivesse escrito a Pierson. Nenhuma mudança seria feita, e nenhuma limpeza ocorreria. Se eu soubesse naquela época o que sei agora, que a maioria dos votos e das vozes que importavam estava alinhada contra mim, duvido que isso tivesse alterado minha decisão. Mesmo sem essa informação, eu sabia que meu tempo era curto e que o que precisasse fazer teria de ser feito rapidamente, ou ainda mais milhões seriam canalizados para os bolsos de Davenport e de seus auxiliares. Nunca ficou claro para mim se Davenport corrompeu o clero ou se aconteceu o contrário; para mim, porém, aquilo precisava parar.

Depois de muita reflexão e de receber abundante conselho de pessoas que respeitava e em quem confiava, decidi tomar várias providências. Uma delas foi entregar a lista que eu havia encontrado a John Adam, no Tennessee, e a Sydney Allen, em Riverside, Califórnia. Esses homens vinham lutando como leigos havia pelo menos tanto tempo quanto eu e faziam o melhor possível para alertar a Igreja sobre o que estava acontecendo. Eu sabia que tinham acesso a meios de publicação aos quais eu não tinha acesso e

eu sabia que eles tinham coragem para levar o projeto tão longe quanto fosse necessário, embora nenhum de nós soubesse até onde isso iria. Não demorou muito para descobrirmos.

A pressão aumentava, e Davenport não podia ignorá-la por muito mais tempo. Em 19 de abril de 1979, Davenport processou John Adam e seu empregador, A. G. Edwards & Sons, Inc., acusando Adam de ter interferido em seus negócios e difamado seu caráter. Pediu US$ 1 milhão por danos efetivos e US$ 3 milhões por danos punitivos. Em 15 de maio, seguiu-se ação semelhante contra Sydney Allen, no valor de US$ 2.550.000. [17]

A ação judicial expôs a situação melhor do que ousávamos esperar, pois declarava:

> "O Dr. Davenport toma recursos emprestados de vários indivíduos e de grandes instituições, incluindo, entre outras, várias Divisões e Associações da Igreja Adventista do Sétimo Dia dos Estados Unidos [Igreja]. A Igreja e vários membros individuais da Igreja, para fins de investimento, emprestaram quantias substanciais de dinheiro a Davenport, empréstimos esses representados por notas promissórias, muitas das quais pagáveis à vista, garantidas por primeiras hipotecas ou escrituras de trust em favor dos credores, totalizando muitos milhões de dólares em instrumentos garantidos [...] e, em conexão com suas atividades de captação de empréstimos, estabeleceu relações pessoais estreitas com numerosos dirigentes da Igreja e outros indivíduos da Igreja. Com base na qualidade da dívida garantida oferecida à Igreja e na relação de amizade e confiança entre representantes financeiros da Igreja [...]. Embora o autor tenha tentado neutralizar a conduta do réu Adam, o autor teme e realmente acredita que, a menos que seja concedida tutela inibitória após audiência desta causa, o autor será destruído pelos réus e sofrerá dano irreparável, pois as ações dos réus resultarão em perda total da confiança e credibilidade de indivíduos e associações da Igreja, destruindo assim uma fonte de empréstimos que não pode ser substituída por outras fontes convencionais de crédito e obrigando o autor a liquidar vastos ativos a fim de pagar valores de principal e juros que, normal e habitualmente, ainda não estariam vencidos." [Ênfase fornecida.] [18]

O que o Dr. Davenport fizera nessa ação foi revelar todas as informações necessárias para seguir sua atividade do começo ao fim e descobrir que todas as pontas soltas terminavam na Igreja, junto aos amigos que ele havia cultivado. Também deixou claro que, sem essas amizades, não poderia continuar sua operação. Em essência, portanto, dizia que seu império dependia dos benefícios que concedia a pastores adventistas a fim de extrair dinheiro da Igreja e de outras instituições para manter a operação funcionando. A ação fez ainda outra coisa: forneceu o próprio projeto de como derrubá-lo e encerrar sua operação. Se fosse possível impedir que continuasse sangrando a Igreja e seus membros, ele estaria acabado.

Com essa informação, o restante tornou-se relativamente fácil. Os órgãos governamentais fariam e poderiam fazer aquilo que a Igreja deixara de fazer: limpar a situação e, assim, destruí-la. Procurei o gabinete do procurador-geral do Estado da Califórnia com as informações que John e outros haviam fornecido, incluindo fraude, violação das leis de usura, violação das normas da S.E.C. e contorno de outras leis. O escritório do I.R.S. designou uma agente especial, Sandra M. Armstrong, para investigar o assunto, deu-me seu cartão e pediu que eu mantivesse contato. Os que tinham conhecimento dessas iniciativas concluíram corretamente que era apenas uma questão de tempo até que o fim chegasse, e incentivamos todos os investidores com quem conseguimos falar a abandonar a embarcação que afundava o mais depressa possível. Conversei pessoalmente com muitos, incluindo dirigentes como o pastor Heppenstall, Dave Neufeld, Duffield, Burkett e outros, inclusive alguns amigos pessoais meus e de Davenport, como o Dr. Wayne Eyer e outros. Alguns não atenderam ao alerta e, por isso, seus nomes apareceram na lista de credores quando o fim chegou. Os que conseguiram sair sempre foram gratos.

Foi uma decisão difícil. Era duro tomar providências que todos sabíamos que constrangeriam a Igreja. Entretanto, sabíamos também que a Igreja seria constrangida de qualquer maneira, e era ainda mais difícil ficar de braços cruzados assistindo Davenport e os pregadores continuarem sangrando a Igreja e seu povo simples, pois eram eles que mais sofriam. Nada apagará minha convicção de que muitos milhões a mais teriam sido perdidos se não tivéssemos tomado medidas drásticas para interromper aquilo que era claramente um "esquema", como disse Emmerson, destinado a usar o dinheiro da Igreja para enriquecer poucos à custa de muitos. Nenhuma das pessoas que aceitaram nosso conselho e retiraram seu dinheiro fez outra coisa senão elogiar o que fizemos por elas; e até alguns que se voltaram contra nós depois da falência disseram que gostariam de ter seguido nosso conselho.

NOTAS DE RODAPÉ DO CAPÍTULO II

1. Registro da Assembleia de 1975, Associação do Sul da Califórnia, União do Pacífico.
2. Petição de dissolução de casamento perante o Tribunal Superior, Condado de Los Angeles, processo n. D795614, Acordo de Divisão de Bens, maio de 1972.
3. Ibid., p. 93.
4. Ibid., relação de credores no Acordo de Divisão de Bens.
5. United States Bankruptcy Court, Central District of California, protocolado em 2 mar. 1982, segunda lista de correspondência emendada.
6. Mateus 18:15-17.
7. Walter Rea a Robert Pierson, 14 jun. 1977.
8. Walter Rea a Cree Sandefur, 3 jun. 1977.
9. Donald Davenport a Robert Pierson, 28 jun. 1977.
10. L. L. Butler, "Update on Davenport Loans", contracapa da Adventist Review, subtítulo "Summary of Davenport Loans, June 30, 1981".
11. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 58.
12. Robert Pierson a Walter Rea, 23 jun. 1977.

13. Donald Davenport a Robert Pierson, 28 jun. 1977.
14. C. L. Duffield a Walter Rea, 9 fev. 1978.
15. Donald Davenport a Robert Pierson, 25 jul. 1977.
16. Walla Walla Tapes (2), palestra de Walter Rea, nov. 1981.
17. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 53.
18. Donald J. Davenport v. John Adam and A. G. Edwards & Sons, Inc., n. 79-229107, United States District Court for the Western District of Tennessee, Western Division.

CAPÍTULO III

POR QUE A REPRESA SE ROMPEU

Não parecia razoável acreditar que algo mais pudesse ser feito junto à Igreja para alterar o curso dos acontecimentos que a levariam à vergonha e à reprovação, mas às vezes é possível apelar a algo além da razão. Com isso em mente, escrevi mais duas cartas em 1979, na esperança de alguma ação positiva.

"Prezados irmãos,

Estou enviando-lhes uma cópia da ação judicial protocolada que Don Davenport moveu contra um companheiro membro da Igreja. Ela deixa claro aquilo que, até agora, era apenas alegação:

1. Que o Dr. Davenport está financeiramente envolvido com a Igreja em milhões de dólares.

2. Que grande parte desses negócios foi garantida por notas promissórias pessoais.

3. Que suas amizades 'pessoais' e íntimas com vários dirigentes, executivos e obreiros de associações tornaram seus acordos possíveis. Sem a cooperação e a ajuda deles, ele não poderia ter obtido o dinheiro que obteve.

4. Que nenhuma outra instituição de crédito o apoiaria nas mesmas condições.

Diante dessas declarações públicas, parece que agora é o momento de a liderança desta Igreja tornar público seu envolvimento por meio dos nomes de seus dirigentes e executivos que aparecem na lista de investidores. Certas perguntas precisam ser respondidas:

A. Considerando que todos nós somos apenas custodiantes dos recursos do povo, houve algum conflito de interesses?

B. Quais eram as taxas de juros, as comissões de indicação ou os pagamentos feitos ao obreiro individual por seu envolvimento?

C. Os juros recebidos pelo indivíduo foram alguma vez superiores aos juros pagos à denominação por intermédio da associação? Em caso afirmativo, por quê?

D. As diferentes taxas concedidas aos indivíduos tinham alguma relação com seus cargos ou com o montante que era tomado emprestado da Igreja?

E. Quanto incentivo foi dado a outros para investir por parte dos obreiros que já estavam investindo?

F. A lista e as oportunidades foram algum dia abertas à totalidade dos membros? Se não, que contatos foram feitos, e por quem, para formar a lista?

Finalmente, considerando que os oficiais da Associação Geral foram advertidos vários anos atrás a respeito das implicações de transações desse tipo, onde esteve a liderança moral durante todo esse tempo? Embora seja verdade que o irmão Emmerson recentemente tenha rejeitado o envolvimento da Igreja no Caso Davenport, há apenas três semanas Davenport recebeu uma extensa linha de crédito por meio de uma de nossas entidades adventistas locais..."

[...] hospitais. Outros obreiros têm feito investimentos pessoais recentemente sob nomes fictícios, ao mesmo tempo que mantêm participação em comissões da Associação. Outro escândalo semelhante, envolvendo o Riverside Mall e obreiros e oficiais da Associação do Sudeste da Califórnia, está prestes a vir à tona.

Com todas as frases altissonantes que emanam de Washington, quando o senhor acha que receberemos a liderança moral necessária para terminar a Obra? Parece-me que o mínimo que poderíamos fazer seria demitir aqueles que, evidentemente, estão envolvidos em conflito de interesses." [1]

Quando olho para trás e releio o que havia escrito, parece-me tão ingênuo ter acreditado que algo moral e espiritual surgiria do que eu fizera. A Igreja simplesmente não achava que precisava mudar nem ser limpa. Lei e justiça são artigos de fé que o adventismo vende; misericórdia, graça, arrependimento, perdão e restituição são experiências desconhecidas no adventismo corporativo. Por fim, a moralidade, conforme a definição deles - e não a graça e a conversão pelo Espírito Santo -, constitui a mercadoria da Igreja, e aquela voz mansa e delicada que teria impedido aqueles homens de mergulhar na insanidade da ganância não pôde ser ouvida e, se foi, não foi reconhecida. Aqueles mesmos homens de privilégios especiais chegaram a alterar regras e políticas sob as quais os obreiros haviam trabalhado durante décadas, mas as mudanças foram feitas em benefício dos dirigentes e em prejuízo dos obreiros. Foi isso que motivou minha última carta de apelo, que enviei em tom contundente:

"S. D. Bietz, Tesoureiro União do Pacífico

Prezado amigo,

Nesta semana realizamos reuniões em nossa Associação a respeito das mudanças que serão feitas no plano de sustentação dos obreiros. Alguns sugeriram que o senhor apreciaria receber nossa contribuição; daí esta carta.

Durante 34 anos, minha esposa e eu estivemos lado a lado no serviço desta Igreja. Fizemos isso como uma equipe com base em duas suposições: primeiro, de que havíamos dedicado nossa vida à Igreja e ao serviço de Deus, esperando que Ele viesse, em parte por meio de nossos esforços, enquanto ainda estivéssemos vivos. Segundo, de que, se Ele não viesse, os irmãos e a Igreja honrariam os compromissos assumidos conosco caso vivêssemos até a aposentadoria. Agora parece que estávamos errados em pelo menos uma dessas suposições. Os compromissos desta denominação, assumidos ao longo dos anos com seus obreiros, são bem conhecidos, pois foram publicados anualmente no General Conference Working Policy. Agora parece que a Igreja está repudiando essas políticas sob as quais todos servimos, nas quais depositamos fé e com as quais assumimos compromisso.

Gostaria de fazer algumas perguntas a respeito das mudanças sugeridas:

1. Por que uma esposa que compartilha com o marido a responsabilidade da igreja, bem como um compromisso financeiro com o lar, deveria ser tratada com menos consideração do que uma esposa que talvez não faça nenhuma contribuição para a Igreja nem contribuição financeira para o lar?

2. Quem reunirá todos esses registros anteriores de serviço das esposas e verificará sua exatidão?

3. Por que negar benefícios médicos a um obreiro se ele, por motivo de consciência, optou por sair da Previdência Social acreditando que o plano médico da Associação supriria suas necessidades? A Associação pode dizer que incentivou o obreiro a participar da Previdência Social, mas o próprio fato de se recusar a pagar sua parte no caso de um pastor demonstra que, na verdade, não a apoia.

4. O que farão com os obreiros que, ao enfrentarem a nova mudança de regra em 1981, cumpram o requisito de anos de serviço, mas, por acidente de nascimento, não cumpram o requisito de idade? Negarão a eles aquilo que prometeram no passado simplesmente porque não têm idade suficiente? Quantos anos mais deverão esperar pelo que lhes é devido?

Finalmente, a dimensão do patrimônio de um homem ou os benefícios de sua capacidade de acumular bens não podem constituir a base moral nem jurídica de seu direito à sustentação. Ou ele a conquistou independentemente de suas finanças, ou não a conquistou. Usar a premissa de que alguns terão mais dinheiro quando se aposentarem do que enquanto trabalhavam é falacioso. Se esse argumento for verdadeiro e eu estiver errado, permitam-me fazer uma última declaração.

Estou enviando ao senhor uma cópia da lista de homens ligados à Igreja, bem como de alguns de seus amigos, cuja posição de privilégio lhes deu enorme vantagem para obter lucro sobre seus companheiros, muitos dos quais não têm e nunca tiveram essa vantagem. Agora, alguns desses mesmos homens estarão sentados em comissões negando privilégios e benefícios de que eles próprios já dispõem e dos quais, portanto, talvez nem precisem, embora tenham conquistado essas vantagens por outros meios que não o trabalho assalariado na Igreja. Como se sentirão os que nada têm e a quem os benefícios estão sendo negados quando esse fato se tornar público?

Eu o incentivo a ler esta carta ao seu grupo em Washington. Na verdade, ficaria encantado se ela fosse publicada na Adventist Review." [2]

Como em todas as minhas tentativas de estimular diálogo com os dirigentes da Igreja, não houve resposta. A Igreja não acredita em diálogo verdadeiro, como assinalei em meu artigo nacional "Quem Lucra com a Profetisa?". [3] O que precisa existir é monólogo, se houver conversa alguma. Ela prefere decretos acompanhados de estrito cumprimento. E foi exatamente isso que aconteceu com o plano de sustentação ou aposentadoria. Ele foi alterado para atender aos dirigentes e ao grupo que estava no poder, e pesou mais duramente sobre os obreiros pobres e necessitados do campo. Foi, no entanto, talvez a carta mais forte que eu enviara e, nesse sentido, provocou alguma conversa e reflexão sobre minha "aposentadoria" ou "demissão".

Não há dúvida de que a carta gerou considerável comentário entre "os irmãos", e comecei a ouvir rumores de que seria demitido. Isso ocorreu pelo menos um ano e meio antes de aparecer no Los Angeles Times o artigo a respeito de meu trabalho sobre os escritos de Ellen G. White, a profetisa adventista. Por causa daqueles rumores, escrevi a seguinte carta a Neal Wilson em maio de 1980. Era durante o julgamento de nosso presidente de Associação, Harold Calkins, e do grupo de Burbank, em razão de divergências anteriores:

"Prezado Neal,

Na semana passada fui intimado a prestar depoimento a respeito do processo judicial envolvendo o pastor Calkins e a ação por difamação movida contra ele pelo grupo que havia sido desligado da igreja de Burbank alguns anos antes. [Enquanto participava, não pude deixar de pensar que todo o caso poderia ter sido evitado se todos tivessem demonstrado maior compreensão e melhor julgamento.]

Também me pareceu relacionado à minha própria situação, especialmente porque meu amigo advogado, Jerry Wiley, relatou sua recente conversa com você; daí esta carta. Por

favor, considere este texto como um esforço sincero de expor os fatos como os vejo, e não de modo algum como crítica, ameaça ou exigência.

O rumor atual de que eu seria ou serei demitido deixa-me espantado, pois minha experiência em comissões de associações da Igreja ensinou-me que um pastor precisa cometer algum grande crime para receber tratamento tão definitivo. Muitas vezes permitimos que homens de conduta moral ou ética questionável sobrevivessem.

Dada a gravidade de uma medida assim, certamente ninguém pode duvidar de que, em meu caso, eu não deixaria nenhum caminho inexplorado nem método legal ou moral sem tentar antes de permitir que tal ação ocorresse, especialmente porque não violei nenhuma política da Igreja, não desafiei doutrina ou crença alguma e me dediquei com toda diligência ao meu chamado durante todos estes anos.

Certamente ninguém que tenha mantido qualquer relação pessoal com o Dr. Davenport e representado a Igreja em comissões que lhe emprestaram dinheiro - e existem pessoas assim em algumas de suas comissões - poderia julgar minhas ações sem que seus motivos fossem considerados suspeitos por um tribunal ou pela própria Igreja. Tampouco poderia qualquer administrador, representando poder político, votar para anular a decisão da comissão que você mesmo escolheu, quando ela decidiu por 18 votos a zero que minha pesquisa era válida e que eu deveria receber um voto de agradecimento por aquele trabalho, sem se expor à crítica de encobrimento.

Parece-me que as verdadeiras questões não são as duas mencionadas acima, mas se os membros que pagam a conta têm o direito de saber. Como ambos sabemos, os tribunais decidiram há muito tempo que, mesmo no caso de uma igreja, eles de fato têm esse direito.

Se há pessoas em posições de responsabilidade que consideram que me tornei um passivo, então que proponham um plano pelo qual eu possa me aposentar com honra e segurança no momento que julgarem aconselhável. Aos 57 anos, ainda tenho oito anos até chegar aos 65. Nada menos do que isso poderia ser aceitável para mim, pois não existem acusações pelas quais eu possa ser condenado moral ou legalmente.

Estou anexando duas cópias de declarações, ambas que tenho certeza de que você já viu, apenas para lembrar aos outros que qualquer pressão aplicada a você ou a mim é desaconselhável.

Mais uma vez, reconheço seus problemas e consigo compreender em certa medida a situação sob a qual você trabalha; mas esteja certo de que eu e a Sra. Rea não tratamos e jamais tratamos levianamente nosso ministério ou nosso trabalho na Igreja. Continuamos

acreditando que a maneira de lidar com problemas é reconhecê-los, confessá-los e depois tratá-los com honestidade e objetividade." [4]

Não havia realmente nada na resposta de Wilson que me desse qualquer garantia de que ele estava interessado em mim como pessoa. Em vez disso, apresentou a linha partidária habitual e procurou cobrir todas as possibilidades ao mesmo tempo. Disse:

> "Na verdade, você deveria dirigir as questões relativas ao seu trabalho e ministério à Associação do Sul da Califórnia e/ou à União do Pacífico. A Associação Geral não se envolve na administração nem nas relações administrativas entre uma associação e seus pastores. Como você sabe, não tomamos decisões administrativas pelas associações ou uniões, embora às vezes sejamos chamados a expressar opinião ou fornecer conselho e orientação." [5]

É preciso conhecer Wilson e a linguagem dúbia do adventismo para apreciar esse parágrafo. Wilson ajudara a arquitetar muitos acordos, demitira homens e bloqueava promoções; contudo, sempre trabalhava por intermédio de seus executores, de modo a poder ocupar a posição moral superior. Ele chega a se contradizer logo adiante, quando diz:

> "Tenho indicado repetidamente que você tem muito a oferecer a esta Igreja, e eu tinha grande esperança de que fosse receptivo ao conselho de indivíduos, bem como da liderança da Igreja, inclusive da Associação Geral." [6]

Nunca, desde que fomos colegas na faculdade, Wilson conversou comigo sobre quase nada, muito menos sobre meus desejos pessoais e minhas esperanças para a Igreja. Até mesmo na controvérsia sobre Ellen G. White, ele precisou ser arrastado, esperneando e gritando, até a mesa de discussão; e nunca, nem uma única vez, discutiu Davenport com nenhum de nós que batíamos alta e claramente à sua porta. Sua defesa era sempre a política, conforme ele a interpretava.

> "Também faz parte da política da Igreja que aqueles de nós que são ministros do evangelho e empregados por esta Igreja não recorram a nenhum tribunal de Justiça em busca de reparação. Isso é especialmente verdadeiro em áreas de governo eclesiástico, doutrina e atividade espiritual. Ao aceitarmos a ordenação e a nomeação como ministros desta Igreja, limitamos nossa liberdade pessoal." [7]

Essa declaração é risível à luz de várias coisas. Primeiro, o montante gasto em honorários advocatícios por Wilson e pela Igreja no Caso Davenport, bem como no caso da profetisa Ellen G. White, é um segredo bem guardado, mas dizem que é astronômico. Segundo, todos os oficiais da Igreja foram segurados pela organização e estariam protegidos caso algum dia fossem processados enquanto ocupassem o cargo. Terceiro, "não era assim" que o Serviço de Administração de Riscos da Associação Geral via a questão quando escreveu, em 1982:

> "Há consideráveis evidências no cenário Davenport, neste momento, indicando que, apesar da perda potencial aproximada de US$ 23.000.000 em investimentos, a Igreja ainda é incapaz de disciplinar a si mesma e segue a toda velocidade pela estrada que conduz a litígios desastrosos entre associações, entre associações e oficiais da Igreja e entre associações e a companhia de seguros pertencente à Igreja. As engrenagens jurídicas estão em movimento há quase seis meses, e estamos muito próximos de um 'ponto sem retorno'!" [8]

Especula-se que milhões tenham sido gastos nos últimos anos com toda e qualquer ação judicial de que a Igreja precisasse em benefício próprio ou para proteger seu dinheiro ou sua imagem diante de ameaças crescentes. A carta da Administração de Riscos concluía com um apelo, uma advertência e uma admoestação:

> "Esperamos que o fiasco Davenport nos tenha ensinado que a Igreja precisa desesperadamente colocar sua casa em ordem. [...] Esse retorno também indicou que a ganância pelo todo-poderoso dólar é a fonte de nosso problema com os investimentos em Davenport. Da mesma forma, a ganância em relação à companhia de seguros, buscando recuperação de perdas não seguradas sem o devido respeito à ética empresarial e ao conceito moral das disposições contratuais das apólices, é responsável por conduzir a Igreja ao emaranhado de litígios que pode terminar em desastre." [9]

Muitas vezes, depois de ler essa carta, perguntei-me o que aconteceu com seu autor, Charles Frederick, e que tipo de reação ele recebeu de Wilson por tê-la escrito. Wilson não deixou dúvida em sua carta a mim de que a submissão aos dirigentes da Igreja e aos seus ditames era a única solução que aceitaria de qualquer obreiro:

> "Nossa preocupação surge quando você inicia uma cruzada implacável e sente-se impelido a levá-la à Igreja, pública e privadamente, por meio de reuniões e da circulação de materiais. Para a maioria das pessoas, o caminho que você havia iniciado era divisivo, abalava a fé das pessoas, parecia desafiar abertamente a Igreja, levantava dúvidas e conduzia apenas à confusão e à fraqueza. Se você ouviu dizer que seria demitido, trata-se de rumor sem fundamento [...]." [10]

Pareceu-me que foi aí que Wilson revelou sua mão. Não haviam ocorrido reuniões públicas das quais a Associação não tivesse conhecimento ou nas quais não tivesse participado. O próprio Wilson convocara a reunião privada em Glendale naquele ano e só ficara incomodado porque gravações foram divulgadas contando o que estava acontecendo. Eu não havia distribuído nenhum material que a comissão escolhida por ele e o White Estate não tivessem visto e, em alguns casos, me incentivado a enviar. Eu nem sequer havia escrito meu livro A Mentira Branca, e, na verdade, não haveria razão para que ele precisasse ser escrito se a Igreja tivesse tratado o assunto como cristãos, em diálogo amistoso e inteligente. Eu não desafiara, pública nem privadamente, a Igreja em nada relacionado a doutrina ou fé; mas havia, aberta e frequentemente, desafiado suas práticas comerciais, como ele sabia, e Davenport pendia como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça de ambos. Ainda assim, ele se recusava a discutir o assunto com aqueles de nós que poderiam ter ajudado. O tempo forneceria sua razão.

Nenhum de nós conseguiu conter a maré que avançava contra a Igreja e o Dr. Davenport. As ações contra John Adam e Sydney Allen foram abandonadas quando ambos chegaram ao tribunal federal; se continuasse os processos, Davenport seria obrigado a abrir seus registros nos dois casos, algo que simplesmente não poderia fazer e sobreviver. Adam já havia descoberto que várias propriedades sobre as quais a Associação afirmava possuir

primeiras hipotecas, por acaso, nem sequer pertenciam ao Doutor. [11] Em 22 de julho de 1981, ele pediu recuperação judicial sob o Capítulo 11 da legislação federal de falências. As manchetes do Los Angeles Times de 25 de julho de 1981 diziam: "Teme-se Perda Maciça de Recursos da Igreja". [12] O Sacramento Bee de 29 de agosto, sob a chamada "Aperto de Crédito", dizia: "Adventistas Enfrentam Futuro Conturbado". [13]

A imprensa de todo o país tinha muito a dizer e escrever sobre o escândalo adventista. Uma das manifestações mais fortes veio do jornal da própria cidade de Davenport, o Long Beach Telegram, de 2 de agosto. Entre outras coisas, afirmou:

> "Críticos da Igreja alegaram que o colapso, estimado em US$ 46 milhões, equivalia a um antigo esquema de pirâmide do tipo Ponzi, tendo respeitados pastores adventistas do sétimo dia como vendedores e idosos adventistas como vítimas involuntárias. Em troca de sua participação, pastores recebiam viagens gratuitas a luxuosos condomínios em Palm Springs e no Havaí e taxas de juros favoráveis em seus investimentos pessoais com Davenport [...]." [14]

Um dos melhores trabalhos jornalísticos ao apresentar a maior parte dos fatos do Caso Davenport foi feito pelo The Sunday Sun, de San Bernardino, Califórnia. Em uma série de quatro artigos, o jornal cobriu parte do funcionamento da relação da Igreja com Davenport, usando quadros e gráficos. Algumas de suas conclusões foram:

* Durante anos, leigos e dirigentes espirituais adventistas investiram milhões com Davenport na forma de empréstimos pagos a taxas de juros duas a três vezes superiores às vigentes no mercado.

* Organizações adventistas também emprestaram milhões a Davenport e, durante anos, foram regularmente reembolsadas. Entretanto, registros imobiliários mostram que Davenport parecia pagar empréstimos com recursos provenientes de outros empréstimos.

* Muitas transações de Davenport com entidades adventistas e oficiais da Igreja pareciam violar as próprias diretrizes denominacionais sobre investimentos e conflitos de interesses.

* Alguns responsáveis adventistas por investimentos fizeram negócios pessoais com Davenport a taxas de juros substancialmente maiores - chegando a 80% - do que aquelas recebidas pelas entidades da Igreja que representavam.

* Alguns empréstimos da Igreja a Davenport não tinham garantia, e outros eram garantidos por terceiras e quartas escrituras de trust, bem como por escrituras relativas a imóveis avaliados em valor consideravelmente inferior ao montante emprestado [...].

* Em uma época em que Davenport estava profundamente endividado - deixando de pagar muitos empréstimos -, ele e sua segunda esposa, Patricia, fizeram retiradas bancárias pessoais de US$ 1,8 milhão [...].

* O Sun descobriu que, durante pelo menos as duas décadas anteriores, milhões de dólares de fundos fiduciários adventistas foram investidos com Davenport na forma de empréstimos. Além disso, oficiais da Igreja informaram que cinco entidades denominacionais, que não identificaram, emprestaram aproximadamente US$ 800.000 a Davenport provenientes de dízimos destinados ao ministério da Igreja [...].

* O Sun identificou 13 importantes oficiais da Igreja - presidentes de associações, diretores de trusts, tesoureiros e outros - que mantinham negócios pessoais com Davenport enquanto suas entidades denominacionais concediam empréstimos ao incorporador. [15]

O que o Sun também publicou confirmou minhas suspeitas de que a Igreja teria perdido muitos milhões a mais se não tivesse sido detida. O jornal explicou em detalhes por que isso teria acontecido:

> "Em uma carta de janeiro de 1981, Davenport declarou: 'A Igreja é burra demais para reconhecer o fato de que canalizei entre US$ 10 milhões e US$ 20 milhões para seus cofres sem que jamais se perdesse um centavo [...].'

Seis meses depois, Davenport estava perto da falência e recorria à Igreja Adventista em busca de um resgate.

Na manhã de 23 de junho, um memorando do escritório de Davenport mostra que ele conversou com Wayne Massengill, de Keene, Texas, e Portland, Oregon, que então era diretor de trusts da região Sudoeste da Igreja, investidor pessoal com Davenport e ex-diretor de trusts da Igreja no Noroeste. Davenport pediu a ajuda de Massengill para levantar US$ 5 milhões junto à Igreja a fim de impedir que outros recursos denominacionais investidos com ele fossem perdidos ou tivessem seu valor de resgate grandemente reduzido. Minutos depois, Davenport conversou com James Hopps, de Boring, Oregon, consultor jurídico da Associação do Noroeste da Igreja, segundo outro memorando.

Um ano antes, Hopps havia renovado um empréstimo de US$ 82.000 a Davenport, reembolsável com juros de 80%. Em março de 1981, buscando admissão no exclusivo Hillcrest Country Club, em Los Angeles, Davenport escrevera a Hopps pedindo uma carta de recomendação que descrevesse seus 35 anos de trabalho para a Igreja. Em junho de 1981, Davenport explicou que seria obrigado a pedir falência a menos que várias associações da Igreja lhe emprestassem os US$ 5 milhões. Ofereceu transferir suas propriedades para a Igreja.

Hopps disse que elaboraria um plano, mostra o memorando da ligação de Davenport. Três semanas depois, Davenport ainda montava um plano de resgate.

Em 17 de julho, escreveu a Ellsworth S. Reile, de Lincoln, Nebraska, presidente da União da América Central. Reile tinha US$ 15.000 em empréstimos com Davenport e havia

sido seu sócio em três empreendimentos comerciais. Davenport disse a Reile que colocaria um representante da Associação Geral ou de uma União dentro de seu escritório para garantir o pagamento do empréstimo de que precisava para afastar os bancos e o processo de falência. Sugerindo as repercussões para a Igreja caso quebrasse, Davenport escreveu a respeito do resgate: 'Isso impediria totalmente aquilo que penso que seria uma corrida tremenda contra a Igreja, bem como [impediria] o corte dos fundos fiduciários e, pior de tudo, até do dízimo, algo que nenhum de nós deseja ver.'

Aparentemente, a Igreja rejeitou o pacote de resgate." [16]

Talvez os oficiais da Igreja com quem eu havia entrado em contato não soubessem, quando receberam minhas cartas, que o tempo de Davenport estava se esgotando; Davenport, porém, certamente sabia. Quando suas cartas a Pierson e a outros são lidas à luz desse conhecimento, ele deixa de parecer "um sujeito e tanto". Na verdade, a leitura da relação de seus bens nos registros judiciais é surpreendente para um homem e uma mulher que deviam saber que estavam prestes a empobrecer. A lista é longa e intrigante, especialmente considerando que o examinador declarou não conseguir localizar nenhuma das joias relacionadas.

> "Os livros e registros sob custódia do administrador indicam que Donald J. e Patricia A. Davenport possuíam peças substanciais de joalheria em 21 de julho de 1981. Entretanto, não foi feito inventário dessas joias nem avaliação das várias peças, uma vez que a localização delas é desconhecida.

Esta relação inclui informações extraídas de registros disponíveis de uma corretora de seguros, Sutro Insurance Agency, que subscreveu a cobertura patrimonial das joias em questão."

1. Colar de ouro amarelo 18 quilates - US$ 2.450,00. 2. Anel de ouro amarelo 18 quilates, com um grande coral vermelho-escuro em forma de pera e 19 diamantes baguete - US$ 3.000,00. 3. Fecho de ouro amarelo 14 quilates e colar torsade de coral com seis fios - US$ 800,00. 4. Cruz de ouro amarelo 18 quilates, feita de cristal entalhado à mão, com parte superior em ouro amarelo 18 quilates e centro com esmeralda cabochão - US$ 1.850,00. 5. Corrente de ouro amarelo 14 quilates da qual fica suspensa a cruz acima - US$ 675,00. 6. Colar com pingente, ouro 18 quilates e cristal - US$ 750,00. 7. Colar de ouro amarelo 18 quilates, diamantes com peso estimado de 2,5 quilates e rubis com peso estimado de 0,25 quilate, motivo de leão duplo - US$ 1.500,00. 8. Colar de ouro amarelo 18 quilates com inicial "D" em diamantes pavê, cravejado com 27 diamantes redondos pesando aproximadamente 0,36 quilate - US$ 680,00. 9. Colar de ouro amarelo 14 quilates com diamante de 1,0 quilate em corrente torcida - US$ 360,00. 10. Brincos de pressão com

cabeças de leão em ouro amarelo sobre argola - US$ 475,00. 11. Anel de ouro amarelo 18 quilates com duas cabeças de leão, esmalte verde e diamantes rosa - US$ 450,00. 12. Relógio de pulseira em ouro amarelo 14 quilates com elos ovais de acabamento texturizado - US$ 900,00. 13. Pingente, coração de malaquita - US$ 60,00. 14. Colar de ouro amarelo 18 quilates com rondéis, malaquita e contas de coral vermelho-escuro medindo aproximadamente 10 mm - US$ 2.500,00. 15. Colar de contas de malaquita com fecho de ouro amarelo - US$ 750,00. 16. Abotoaduras de ouro amarelo 18 quilates com quadrados de malaquita medindo aproximadamente 13 x 15 mm - US$ 250,00. 17. Abotoaduras de ouro amarelo 18 quilates e diamantes, em forma de melão, contendo 54 diamantes redondos com peso total de 2,45 quilates - US$ 2.200,00. 18. Brincos de pressão de ouro amarelo 14 quilates e rubis, cravejados com 88 pequenos rubis facetados - US$ 475,00. 19. Pulseira de ouro amarelo 18 quilates, cravejada com 14 pequenas pedras ovais de turquesa e 14 pequenas safiras azuis facetadas - US$ 1.200,00. 20. Pingente de ouro 18 quilates com a data de 9 de fevereiro, formato retangular, 3/4 x 1 polegada - US$ 140,00. 21. Broche de ouro amarelo 18 quilates e diamantes, contendo quatro diamantes de lapidação completa, peso aproximado de 0,24 quilate - US$ 500,00. 22. Anel artesanal de ouro amarelo 18 quilates, diamantes e coral, cravejado com dez diamantes de lapidação completa de 0,06 quilate cada e um coral de formato especial ao redor do anel - US$ 1.000,00. 23. Anel feminino de ouro amarelo 18 quilates, acabamento florentino, contendo uma grande turquesa de 12 x 20 mm - US$ 1.000,00. 24. Par de grandes brincos de pressão em ouro amarelo 18 quilates, formato marquise, com esmalte verde e um coral oval em cada peça, 8 x 14 mm - US$ 850,00. 25. Pulseira de 3/4 de polegada de largura, fileira dupla, contendo 36 pérolas cultivadas de 6 mm cada, três pequenas peças de jade e três pequenos diamantes de 0,05 quilate cada, montados em seções de ouro entre as pérolas, com fios de ouro em cada lado - US$ 850,00. 26. Pingente de jade redondo, formato rosquinha, 18 mm, montado em ouro amarelo - US$ 225,00. 27. Anel de ouro amarelo 14 quilates, modelo cúpula ornamentada, contendo jade e diamantes: quatro pequenos jades cabochão, quatro pequenos diamantes com peso aproximado de 0,12 quilate, dez diamantes de lapidação brilhante com peso aproximado de 1,20 quilate e um diamante de lapidação brilhante com peso aproximado de 0,60 quilate - US$ 1.650,00. 28. Pulseira de elos de ouro amarelo 14 quilates - US$ 600,00. 29. Fio único com 92 pérolas cultivadas, com nós, de 7 a 7,5 mm - US$ 800,00. 30. Pulseira de três fileiras de cordões de ouro amarelo 14 quilates - US$ 400,00. 31. Broche em forma de leque de ouro amarelo 14 quilates - US$ 275,00. 32. Pulseira de cinco seções em ouro amarelo 14 quilates e jade - US$ 375,00. 33. Prendedor de gravata com um diamante de lapidação brilhante, graduação de cor

2,50, ligeiramente imperfeito, brilhante e bem proporcionado, peso aproximado de 0,55 quilate - US$ 550,00. 34. Par de abotoaduras tubulares de ouro amarelo 14 quilates e safira, com safira calibre 44 - US$ 1.000,00. 35. Par de abotoaduras de ouro amarelo 18 quilates, modelo oval em cúpula com desenho de malha, fabricadas na Itália - US$ 400,00. 36. Relógio masculino automático de pulseira Vacheron Constantin, ouro amarelo 18 quilates, com mecanismo Vacheron de 18 rubis - US$ 4.000,00. 37. Brincos de pressão de ouro amarelo 18 quilates e coral, com 12 placas redondas de coral - US$ 800,00. 38. Colar em cordão de ouro amarelo 14 quilates - US$ 1.000,00. 39. Colar de ouro amarelo 14 quilates e malaquita, com dez seções tubulares retangulares - US$ 1.200,00. 40. Anel de ouro amarelo 18 quilates, platina e diamantes pavê, com 32 diamantes de lapidação brilhante, peso aproximado de 1,00 quilate - US$ 1.400,00. 41. Noventa e seis pérolas cultivadas de 7 a 7,8 mm, nove peças ornamentais de ônix verde e um ônix verde cabochão - US$ 10.000,00. 42. Anel de ouro amarelo 18 quilates, diamantes, citrino e esmeralda, contendo um citrino entalhado, uma esmeralda cabochão de 0,63 quilate e 18 diamantes redondos pesando 1,42 quilate - US$ 4.500,00. 43. Colar de ouro e diamantes, cravejado com 60 diamantes pesando 6,55 quilates - US$ 6.500,00. 44. Colar de pérolas-semente de vários fios, com fecho formado por duas cabeças de pantera em ouro - US$ 5.900,00. 45. Brincos de pressão de ouro amarelo 18 quilates, diamantes e pérolas dos Mares do Sul, com peso total de diamantes de 3,32 quilates - US$ 9.850,00. 46. Pulseira de ouro amarelo 18 quilates e diamantes, cravejada com 288 diamantes redondos de lapidação completa, peso total de 20,00 quilates - US$ 21.000,00. 47. Par de braceletes curvos e polidos de ouro amarelo 18 quilates, que se encaixam com a pulseira mencionada acima, a US$ 1.160,00 cada - US$ 2.320,00. 48. Colar de ouro amarelo 18 quilates e diamantes, cravejado com 242 diamantes redondos pesando 13,50 quilates - US$ 16.500,00. 49. Brincos de pressão de ouro amarelo 18 quilates e diamantes, cravejados com 78 diamantes redondos de lapidação completa, pesando 13,38 quilates - US$ 13.600,00. 50. Prendedor de gravata de ouro e diamante - US$ 2.000,00. 51. Anel de diamante - US$ 185.000,00. 52. Colar de diamantes - US$ 34.000,00. 53. Brincos de pressão de diamantes e safiras - US$ 13.000,00. 54. Um anel feminino de ouro amarelo 18 quilates, diamante, citrino e esmeralda, contendo um citrino entalhado, uma esmeralda cabochão de 0,63 quilate e 18 diamantes redondos pesando 1,42 quilate - US$ 6.000,00. 55. Um anel feminino de ouro amarelo 22 quilates com desenho cruzado - US$ 600,00. 56. Um anel feminino de fio de ouro amarelo e diamantes, contendo dois diamantes redondos com peso estimado de 0,40 quilate - US$ 1.200,00. 57. Um anel feminino de ouro amarelo, coral e diamantes, contendo coral cabochão vermelho-escuro em forma de pera medindo 30 x 10,6 x 11,8 mm e 19 diamantes

baguete com peso estimado de 1,90 quilate - US$ 7.000,00. 58. Um anel feminino duplo de ouro amarelo 18 quilates, com dois entalhes em baixo-relevo - US$ 1.050,00. 59. Um anel feminino de ouro amarelo 18 quilates com seis fileiras de diamantes, contendo 156 diamantes redondos com peso estimado de 7,35 quilates - US$ 13.000,00.

60. Um anel feminino de ouro branco, turmalina e diamantes, contendo uma turmalina de lapidação esmeralda [quebrada] medindo 23,7 x 18,3 x 9,44 mm, diamantes marquise com peso estimado de 0,40 quilate e quatro diamantes redondos com peso estimado de 0,30 quilate - US$ 7.000,00. 61. Um anel feminino de casamento em ouro amarelo 14 quilates, acabamento florentino - US$ 350,00. 62. Um anel feminino de ouro amarelo 18 quilates, coral e diamantes, contendo dez diamantes redondos com peso estimado de 0,60 quilate - US$ 1.850,00. 63. Um anel feminino de ouro amarelo 22 quilates, ametista cabochão, quartzo rutilado e diamantes, contendo sete diamantes redondos com peso estimado de 0,35 quilate - US$ 1.600,00. 64. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates e aros de diamantes - US$ 2.650,00. 65. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates e coral - US$ 2.300,00. 66. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates, diamantes e safiras cabochão, contendo 14 contas de safira pesando 21,00 quilates e 278 diamantes redondos pesando 9,25 quilates - US$ 15.500,00. 67. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates, diamantes e pedra branca salpicada, contendo 14 diamantes redondos com peso estimado de 0,70 quilate - US$ 2.200,00. 68. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates, platina e diamantes, contendo 114 diamantes redondos pesando 4,13 quilates - US$ 8.000,00. 69. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates, motivo torcido - US$ 1.500,00. 70. Um par de brincos femininos de pressão, ouro amarelo 18 quilates, coral e esmalte verde - US$ 1.500,00. 71. Um par de presilhas de platina, diamantes, rubis calibre e cristal [cristal parcialmente danificado e dois rubis calibre ausentes], contendo oito diamantes quadrados com peso estimado de 0,75 quilate, 78 diamantes redondos de lapidação simples com peso estimado de 1,60 quilate, 14 diamantes baguete com peso estimado de 0,70 quilate, 22 rubis calibre com peso estimado de 1,35 quilate e quatro pequenos rubis cabochão - US$ 4.500,00. 72. Broche em barra de platina, diamantes e jade, contendo 78 diamantes redondos de lapidação simples com peso estimado de 2,00 quilates e barra de jade medindo 15 x 6 mm - US$ 3.500,00. 73. Uma pulseira articulada de ouro amarelo e diamantes pavê, contendo 288 diamantes redondos com peso estimado de 20,00 quilates - US$ 37.500,00. 74. Um par de braceletes articulados de ouro amarelo altamente polido, para ser usado com a pulseira acima [cada um avaliado em US$ 1.800,00] - US$ 3.600,00. 75. Um colar de ouro amarelo e ouro branco 18 quilates,

peridoto e diamantes, em desenho de cordão torcido, contendo um peridoto de lapidação esmeralda medindo 29 x 18,8 x 12,6 mm e 40 diamantes redondos com peso estimado de 1,20 quilate - US$ 17.000,00. 76. Um colar de elos de ouro amarelo 18 quilates com placa octogonal pendente em ouro amarelo, diamantes, safiras azuis e amarelas, contendo quatro safiras azuis ovais com peso estimado de 4,00 quilates, quatro safiras amarelas ovais com peso estimado de 4,00 quilates e 60 diamantes redondos com peso estimado de 1,80 quilate - US$ 11.500,00. 77. Um colar de ouro amarelo 18 quilates, diamantes, esmeralda e rubi, com leão duplo, contendo diamantes com peso estimado de 0,15 quilate, uma esmeralda cabochão com peso estimado de 2,50 quilates e rubis com peso estimado de 0,25 quilate - US$ 4.500,00. 78. Um colar de elos de ouro amarelo com água-marinha montada invertida e diamantes, contendo uma água-marinha de lapidação esmeralda medindo 27,5 x 23 x 14,5 mm e 30 diamantes redondos com peso estimado de 2,50 quilates - US$ 8.700,00. 79. Um colar de elos de ouro amarelo 18 quilates com moeda antiga em aro de diamantes, contendo 26 diamantes redondos com peso estimado de 3,25 quilates - US$ 10.000,00. 81. Um colar de elos de ouro amarelo 18 quilates com placa de diamantes e entalhe em baixo-relevo, contendo 40 diamantes redondos com peso estimado de 1,65 quilate - US$ 6.500,00. 82. Um colar de grandes elos de ouro amarelo - US$ 8.000,00. 83. Um colar de ouro amarelo 14 quilates, 24 polegadas, com seção destacável que pode ser usada como pulseira - US$ 2.200,00. 84. Um pingente de ouro amarelo 18 quilates, pedra verde cabochão em forma de pera e cruz de cristal - US$ 1.500,00. 85. Um colar e pingente de ouro amarelo 18 quilates e jade, pingente de jade com corrente de ouro amarelo - US$ 1.500,00. 86. Um colar com 32 fios de pérolas cultivadas de água doce Biwa, 26 1/4 polegadas de comprimento, com fecho de ouro amarelo 18 quilates, ônix preto e diamantes, contendo 14 diamantes redondos com peso estimado de 0,25 quilate - US$ 2.500,00. 87. Um colar de um único fio de pérolas cultivadas, com fecho de ouro amarelo e diamantes, contendo diamantes redondos pesando 3,86 quilates e 71 pérolas cultivadas medindo entre 8 e 9,5 mm - US$ 8.000,00.

RELAÇÃO DE PELES

1. Um colete de vison Blackglama - US$ 800,00. 2. Um casaco longo de vison natural Blackglama, com acabamento de raposa - US$ 3.200,00. 3. Um casaco longo de lã tricotada e vison loiro, de Cardin - US$ 3.000,00. 4. Uma jaqueta de lince, de Dior - US$ 1.000,00. 5. Uma estola de raposa branca - US$ 1.000,00. 6. Um casaco de lince russo - US$ 10.000,00. 7. Um casaco curto de lince canadense natural - US$ 6.000,00.

Comentários: a localização das peles acima mencionadas é desconhecida. [17]

O que torna a lista tão intrigante é que a Igreja que o Doutor representava em tantas comissões e contas bancárias vinha travando, havia mais de cem anos, uma batalha de retaguarda contra seus membros até mesmo por usarem uma pequena e simples aliança de casamento. Era evidente que o Doutor e sua esposa, Patty, não davam muito valor à declaração da profetisa de sua Igreja segundo a qual "nenhum centavo deveria ser gasto em um aro de ouro para demonstrar que somos casados". [18]

Embora a relação dos bens dos dirigentes religiosos adventistas não aparecesse nos registros judiciais, eles também não estavam em situação ruim. John Adam havia feito um excelente trabalho de investigação e descoberto vários pontos relativos aos dirigentes:

1. Pelo menos seis presidentes de uniões mantinham algum tipo de ligação financeira com o Dr. Davenport.

2. Eles sempre recebiam mais juros do que a Igreja que representavam.

3. Em certos casos, esses juros variavam de 50% a 80%, dependendo do negócio envolvido.

4. Vários presidentes eram, de fato, sócios comerciais de Davenport e desfrutavam de alguns benefícios fiscais.

5. Davenport conseguira colocar alguns de seus próprios homens em funções na Associação nas quais testamentos e trusts poderiam ficar mais facilmente acessíveis a ele.

6. As negociatas de alguns dirigentes não se limitaram ao Caso Davenport, mas se estenderam ao campo médico. [19]

Ambas as partes sabiam que aquilo que faziam era ilegal e imoral, pois Davenport havia escrito a Jack Price, um de seus favoritos:

> "Eu não espalharia por aí essa história de retorno de 80%, porque algumas das mentes de amendoim que existem na denominação e não entendem nada de finanças se apressarão em divulgar aos quatro cantos da Terra que estou em dificuldades desesperadoras e que agora tenho de pagar 80% pelo meu dinheiro. Nada poderia estar mais longe da verdade." [20]

Quando a Architectural Digest de novembro de 1981 saiu mostrando um dos muitos projetos de Davenport e disse, entre outras coisas:

> "Transformar o condomínio recém-construído em um ambiente envelhecido pelo tempo, impregnado de história, exigiu considerável imaginação e habilidade, e a Sra. Davenport teve especial sorte ao encontrar artesãos talentosos que puderam ajudá-la a colocar suas ideias em prática." [21]

Ficou muito claro que Donald e Patty, assim como os dirigentes religiosos adventistas, estavam se divertindo muito com o dinheiro da Igreja, ainda que os pobres e necessitados que o entregavam à Igreja não estivessem.

NOTAS DE RODAPÉ DO CAPÍTULO III

1. Walter Rea aos oficiais da Associação Geral, 1979.

2. Walter Rea a S. D. Bietz, fev. 1979.
3. Walter Rea, "Who Profits from the Prophet", Free Inquiry, v. 4, n. 4, outono de 1984.
4. Walter Rea a Neal Wilson, 29 maio 1980.
5. Neal Wilson a Walter Rea, 2 jul. 1980, p. 1.
6. Ibid., p. 2.
7. Ibid., p. 2.

8. Charles O. Frederick, presidente do Gencon Risk Management Service for the Protection of Denominational Assets, aos presidentes e tesoureiros de associações e instituições da Divisão Norte-Americana, p. 1. 9. Ibid., p. 5. 10. Neal Wilson a Walter Rea, 2 jul. 1980, p. 3-4. 11. Tom Dybdahl, "Bad Business: The Davenport Fiasco", Spectrum, v. 12, n. 1, set. 1981, p. 54. 12. Doris A. Byron e John Dart, "Massive Church Fund Loss Feared", Los Angeles Times, 25 jul. 1981. 13. Marjorie Hyer, The Washington Post, "Credit Squeeze, Adventists Face a Troubled Future", The Sacramento Bee, 29 ago. 1981. 14. Doreen Carvajal, "Seventh-day Adventist's Empire Collapses", Long Beach Telegram, 2 ago. 1981. 15. Art Wong e James Nickles, "After the Fall: An Adventist's Bankrupt Empire", The Sunday Sun, San Bernardino, Califórnia, 30 maio 1982. 16. Art Wong e James Nickles, "What Will Church Find in Bankruptcy's Wake", The Sun, San Bernardino, Califórnia, 2 jun. 1982.

17. United States Bankruptcy Court, Central District of California, Chapter II, processo n. LA 81-09060-BR, Schedule 33, Schedule of Jewelry - Lists n. 1 e 2, p. 1-8; Schedule of Furs.
18. Ellen G. White, Testimonies to Ministers and Gospel Workers, Mountain View: PPPA, 1923, p. 181.

19. SDA Press Release, publicado pelo Adventist Layman Council, Collegedale, Tennessee, v. 1, n. 8-9; v. 2, n. 1; além de outros exemplares arquivados sem volume ou número indicados. 20. Donald Davenport a Jack Price, 22 ago. 1980. Copiado de SDA Press Release, v. 1, n. 9. 21. Gerrold A. Turnbull, "Classical Resonance, The Framework of History in a Contemporary Setting", Architectural Digest, nov. 1981, p. 142-149.

CAPÍTULO IV

QUEM LUCRA COM A PROFETISA?

Para os que quiseram saber, sempre esteve claro que o adventismo possui, e continua possuindo, graves defeitos de estrutura e de procedimento. No que diz respeito ao leigo e aos membros, trata-se de um sistema fechado. É, estritamente, um partido do clero, dos supervendedores do psíquico, como assinalei em A Mentira Branca. [1] É um sistema formado por esses vendedores, dirigido por esses vendedores e operado e controlado por esses vendedores e em benefício deles. O leigo tem pouco ou nada a dizer ou fazer em sua operação. Aos olhos do clero, ele possui uma função: fornecer o dinheiro necessário para manter o sistema.

Em 1969, quando eu ainda era pastor da Igreja, escrevi ao pastor Blacker, presidente da União do Pacífico, expondo algumas dessas preocupações e pedindo, ao menos, que

fossem consideradas certas ideias que tornariam a Igreja mais aberta. Eu sentia naquela época, como sinto hoje, que a Igreja estava sufocando por falta de abertura e de participação de baixo para cima. A carta era um apelo especial:

> "Obrigado pela carta e pela gentileza de ouvir. O senhor possui um grande talento nesse aspecto. Os pensamentos sobre os quais conversamos não são todos meus; surgiram ao longo dos anos por meio da observação e de conversas com muitos no ministério. Eis alguns deles colocados por escrito.

Basta olhar o histórico escolar de um formando em Teologia para ficar impressionado com a deficiência - não na quantidade de horas, mas na escassez de disciplinas e pensamento objetivos. Durante décadas, o pastor esteve no ponto mais alto da formação acadêmica em relação à congregação. Isso já não é verdade. Também é falsa a suposição de que uma formação em Teologia, tal como constituída em nosso programa, prepare um pastor para os problemas práticos e objetivos que se apresentam em sua vida cotidiana. Enquanto lida com advogados, administradores, médicos e leigos cuja formação e trabalho estão em mecânica, eletrônica, matemática e ocupações objetivas semelhantes, ele é completamente deficiente nessas áreas.

Essa deficiência se torna ainda mais evidente na condução, pelo pastor, de conselhos de igreja, reuniões de comissões, programas escolares e em toda situação na qual seu pensamento subjetivo ou baseado em valores entra em conflito com o problema objetivo e pragmático da vida, tanto na Igreja quanto entre as pessoas. Esses conflitos e frustrações têm produzido desânimo e podem contribuir para a diminuição do interesse pela posição de pastor ou pelo ministério pastoral. Muitos pastores abandonariam a profissão se não fosse pelo fato de que o sistema os privou de qualquer maneira eficaz de ganhar a vida caso saiam dele. Assim, permanecem dentro do sistema, igualmente infelizes e ineficientes, orando com o maior fervor para que o Senhor venha logo e os livre do dilema.

Há várias sugestões práticas que poderiam ajudar a enfrentar o problema no que diz respeito aos estudos acadêmicos. Uma seria incentivar, no programa ministerial, maior número de disciplinas objetivas, enfatizando cursos práticos, profissionais e de solução de problemas na área das questões da vida cotidiana. É seguro afirmar que, ao longo de um ministério de 40 anos, encontraremos um número infinitesimal de teólogos desejando conversar conosco sobre determinismo, ou poderemos procurar em vão um grego com quem praticar nosso conhecimento secundário da língua, enquanto problemas de sociologia, delinquência juvenil, lógica, matemática e administração empresarial estão sempre presentes. Quem alguma vez destacou no adventismo, para o ministério adventista, que as finanças

ocupam grande parte do tempo e da energia de um pastor? Entretanto, onde estão os cursos de contabilidade, auditoria e disciplinas semelhantes? Deveriam ser obrigatórios.

Uma segunda solução, mais dramática e, creio eu, muito mais relevante e prática, seria exigir que todos os estudantes ministeriais, ao se formarem, possuíssem um B.A. ou B.S. em alguma profissão de sua escolha, excluindo o magistério. A título de observação, em minha opinião, demasiados pregadores frustrados acabaram se tornando professores incompetentes. Com essa medida prática, um homem que tivesse experimentado o ministério e o considerasse desagradável, ou que por várias razões desejasse mudar de atividade, não terminaria colando selos na Casa da Bíblia ou dirigindo o caminhão de mudanças da Associação durante o verão. Poderia ocupar seu lugar com confiança na comunidade humana, sem estigma, sentimento de culpa nem frustração por causa de seu passado.

Muitos homens permaneceram na Obra simplesmente pelo fato esmagador de que o sistema de sua denominação não os qualificara para fazer qualquer outra coisa fora dele. Sob uma nova perspectiva, com um diploma reconhecido em uma área de sua escolha, não apenas estariam qualificados como também formalmente habilitados a ocupar lugar na indústria ou no comércio. Uma vez que se lhes desse a oportunidade de ter uma alternativa, proporcionando segurança e orgulho de posição, sua dedicação ao ministério seria muito mais real e duradoura. A denominação poderia então acrescentar dois ou três anos de formação no seminário para completar aquilo que considera necessidades ministeriais finais.

Outro obstáculo formidável à segurança e ao sentido do trabalho aparece quando o estagiário chega ao campo. Ele é levado a entender que deve agora ignorar seus 26 ou 28 anos de estudos competitivos, nos quais precisou lutar por notas para obter posição e status, e reconhecer - é o que lhe dizem - que na organização não há posição e, portanto, não há promoção. Deve submeter-se a qualquer programa que a Associação determine, esteja ou não qualificado. Deve resignar-se a servir sob um pastor que pode não estar qualificado, participar de reuniões evangelísticas muitas vezes mal concebidas e mal executadas e, mesmo assim, esperar que, através desse labirinto de incoerências, consiga favor suficiente dos irmãos para finalmente ser ordenado, colocando assim sobre ele o selo de aprovação de Deus para toda a vida.

Os que estão no campo reconhecem que muito pouca reflexão foi dedicada ao programa de treinamento do estagiário na área do ministério pastoral. A flagrante injustiça deixa-o à mercê de um único homem, o presidente da Associação, que pode ou não ter formação em gestão de pessoas, pode ou não ter sido pastor bem-sucedido, pode ou não compreender os problemas do pastor local. Como se isso não bastasse, frequentemente é

colocado sob os caprichos nocivos de um pastor igualmente não qualificado, com pouca ou nenhuma experiência além da simples acumulação de anos, muitas vezes marcados por sua própria frustração e fracasso. Uma coisa que a denominação parece ter esquecido nessa área é que sobreviver não significa ter sucesso.

Não seria muito mais sábio ter, na Associação, um responsável por pessoal cuja única responsabilidade fosse o púlpito e o banco? Ele não responderia a ninguém, exceto à Comissão da Associação, mas estaria disponível em todo momento para lidar com problemas na igreja e no ministério. Não teria funções executivas, mas apenas a responsabilidade de tratar de questões de pessoal. Se uma posição desse tipo ameaçasse o presidente local da Associação, então eu sugeriria uma comissão composta de oito a dez pastores, talvez com um professor ou um leigo caso a ideia fosse estendida a seus respectivos campos. Um pastor ou estagiário poderia, sem medo de represália, apresentar com franqueza seus problemas a esse grupo.

Esse conselho não apenas poderia mediar problemas, mas, no cenário ideal, poderia evitá-los. Esse homem ou conselho poderia recomendar colocações em vez do método subjetivo e aleatório utilizado atualmente. É possível que esse método fosse compartilhado em toda a América do Norte, proporcionando abordagem muito mais objetiva ao preenchimento de vagas. O que quer que seja feito precisa ser feito rapidamente para assegurar aos jovens que eles são desejados e necessários e para ajudar a destruir a convicção de que precisam ter 45 anos de idade, ou até mais, antes que a denominação consiga demonstrar confiança em sua capacidade.

Finalmente, Jack, isso se relaciona aos meus pensamentos sobre nossos leigos e nossos jovens serem informados a respeito de reuniões abertas das comissões. Se essas reuniões fossem realizadas uma vez por trimestre nos vários distritos e fosse permitido o comparecimento de todos os que desejassem assistir, isso contribuiria muito para aproximar os leigos da organização. Jovens estagiários, bem como jovens pastores ordenados, deveriam ter permissão para assistir às reuniões das comissões das associações. Talvez, se três ou quatro jovens pudessem permanecer numa comissão durante seis meses, sem direito a voto, conhecessem melhor e, creio, apreciassem mais os problemas de uma Associação e de sua administração; o mesmo se aplicaria aos leigos. Qualquer método pelo qual posição ou autoridade possa ser delegada com base em capacidade e justiça, em vez do pequeno privilégio do cargo, faria enorme diferença para produzir harmonia e, consequentemente, espiritualidade entre a administração e o campo.

Há outros métodos que poderiam ser usados para fazer o ministério sentir-se relevante e necessário, como estruturar as reuniões de obreiros de acordo com seus interesses; aproveitar sua experiência e conhecimento em comissões tanto no escritório quanto no campo; reconhecer seu apoio de maneira concreta por parte da Associação no que diz respeito a testamentos e legados; além de adotar abordagem prática para seus problemas pessoais, em vez de esperar submissão à voz arbitrária da autoridade.

Acho melhor parar antes que o senhor tenha a impressão de que sou liberal além de idealista. O que suponho estar dizendo é que deveríamos praticar, em nossas próprias fileiras, o cristianismo que pregamos aos outros.

É sempre DIVERTIDO participar da Obra e TER parte nela, Jack. Diga aos seus administradores que parem de tirar de nós, pastores e ministros, essa alegria." [2]

Como aconteceu com a maioria de minhas cartas, ideias, sugestões e apelos, tanto a carta quanto as ideias que representava foram ignoradas em favor do controle arbitrário e da supervisão arrogante. Na verdade, foi essa mesma abordagem que causou o outro problema em que me envolvi: a questão de Ellen G. White e seu papel na Igreja. A maioria de nós que trabalhava nessa área continuou porque esperava que pudesse haver alguma abertura e diálogo. Mas essa era uma esperança ingênua e perdida, simplesmente incompatível com a compreensão de como funciona o adventismo.

Para compreender integralmente o problema Davenport, é necessário compreender alguns dos problemas da controvérsia sobre Ellen G. White. Em ambas as áreas, os mesmos homens controlam, tomam decisões, ignoram conselhos e demitem os dissidentes. Em ambos os casos, se os leigos tivessem desempenhado papel significativo e se os fatos não lhes tivessem sido ocultados, os resultados teriam sido muito diferentes. No meu caso, os dois problemas se fundiram em razão de meu conhecimento especial das duas áreas e de meu desejo e meus esforços para informar a Igreja como um todo a fim de produzir mudança. Como fui tolo ao acreditar que alguém ou alguma coisa poderia levar os dirigentes do adventismo a qualquer posição que ameaçasse seu controle ou sua posição de poder.

Quando Walter Martin escreveu O Reino dos Cultos, na década de 1960, sua definição de culto era bastante moderada. Ele escreveu:

> "Pelo termo 'culto' não pretendo dizer nada depreciativo a respeito de qualquer grupo assim classificado. Um culto, conforme o defino, é qualquer grupo religioso que difere significativamente, em um ou mais aspectos de crença e prática, daqueles grupos religiosos considerados expressões normativas da religião em nossa cultura como um todo. Posso acrescentar que um culto também poderia ser definido como um grupo de pessoas reunidas em torno de uma pessoa específica ou da interpretação da Bíblia feita por determinada pessoa." [3]

Martin passa a relacionar três cultos principais - Testemunhas de Jeová, mórmons e cientistas cristãos -, mas exclui inteiramente os adventistas do sétimo dia. Na verdade, defende sua escolha de exclusão acrescentando ao apêndice uma seção intitulada "O Enigma do Adventismo do Sétimo Dia". [4] Em seu segundo capítulo, "Superando a Barreira da Linguagem", Martin se refere direta e especificamente aos adventistas do sétimo dia, embora pareça não perceber isso:

> "É, portanto, possível aos teólogos modernos utilizar a terminologia da Bíblia e da teologia histórica, porém em sentido completamente diferente daquele pretendido pelos autores das Escrituras [...] é preciso encarar o fato de que os criadores e divulgadores da teologia dos cultos fizeram à estrutura semântica da teologia cristã exatamente a mesma coisa que fizeram os teólogos modernos. Assim, é possível [...] utilizar livremente a terminologia do cristianismo bíblico, depois de já ter redefinido esses termos dentro de uma estrutura teológica de sua própria criação e ao seu próprio gosto, quase sempre, porém, em contraste direto com os significados historicamente aceitos desses termos. O estudioso dos cultos, portanto, deve estar preparado para superar a barreira linguística da terminologia. Primeiro, precisa reconhecer que ela existe; segundo, deve admitir o fato muito real de que, a menos que os termos sejam definidos quando alguém fala ou lê teologia de culto, a selva semântica criada pelos cultos envolverá o leitor, tornando difícil, se não impossível, estabelecer contraste adequado entre os ensinos dos cultos e os do cristianismo ortodoxo." [5]

Se a definição de Martin tivesse sido mais precisa e suas observações mais perspicazes, certamente teria incluído os adventistas do sétimo dia. Anos depois, numa entrevista à Adventist Currents de julho de 1983, ele parece perceber esse erro de julgamento ao rever seus contatos anteriores com os adventistas e concluir que ou fora enganado por alguns porta-vozes da Igreja ou eles, na verdade, não possuíam autoridade para representar o verdadeiro quadro da denominação. [6]

É compreensível que Martin tenha cometido o erro de interpretar mal os fatos a respeito dos adventistas. Muitos outros fizeram o mesmo. Isso ocorre porque o investigador frequentemente é levado a lidar com as promessas dos adventistas do sétimo dia, e não com suas práticas. Martin conhecia alguns pastores adventistas como amigos; eles não eram fanáticos. Foi enganado pelas fantasias que lhe contaram; nunca lhe mostraram os fatos. A linguagem de culto usada pelos adventistas coloriu sua visão; muito raramente, se é que alguma vez, os praticantes - como os pastores do rebanho ou os leigos - têm permissão para falar em nome da Igreja. Em vez deles, o seminarista, o teólogo, o funcionário institucional ou a mente monástica aposentada é o porta-voz daquilo que se chama "Verdade Adventista". Em razão dessa prática imposta, o verdadeiro quadro do adventismo raramente é visto ou conhecido por quem não é adventista. Esse foi o problema de Walter Martin, e ele parece percebê-lo quando, anos depois, afirma que alguns dentro da Igreja mentiram para ele e que a

maioria o traiu no que dizia respeito aos acordos que fizera com a Igreja sobre a distribuição de seu livro A Verdade sobre os Adventistas do Sétimo Dia.

Esse diálogo foi publicado na Adventist Currents:

"CURRENTS: Havia algum acordo anterior sobre o que aconteceria com seu livro quando fosse lançado?

MARTIN: Ah, sim. Distribuiríamos o livro e o promoveríamos por meio das livrarias cristãs, da Eternity Magazine e em qualquer outro lugar que pudéssemos.

CURRENTS: Embora o senhor já estivesse fazendo isso havia alguns anos?

MARTIN: Tenho feito isso fielmente. E eles deveriam pegar meu livro e colocá-lo em todas as livrarias e editoras adventistas, para que os adventistas pudessem ver o trabalho que eu havia feito. Eles voltaram atrás. A Associação Geral voltou atrás, e Anderson ficou muito aborrecido.

CURRENTS: O senhor sabe quem definir como Associação Geral nesse caso?

MARTIN: Não sei, e não faria uma acusação. Mas eles não cumpriram sua palavra. Como resultado, apenas QUESTIONS ON DOCTRINE [QUESTÕES SOBRE DOUTRINA] apareceu nas livrarias adventistas. THE TRUTH ABOUT SEVENTH-DAY ADVENTISM [A VERDADE SOBRE O ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA] não apareceu.

Além disso, escreveram um livro para responder ao meu sem permitir que meu livro fosse ouvido. Isso foi errado [...]. O que fizeram foi censurar o povo adventista." [7]

Em contraste, Anthony Hoekema não teve dificuldade alguma em reconhecer o adventismo pelo que, em sua opinião, ele era, e assim o declarou em Os Quatro Grandes Cultos, publicado em 1963, no qual inclui o adventismo entre os quatro. Não teve dificuldade em fazê-lo porque seu capítulo 6, "As Características Distintivas do Culto", não é moderado nem evasivo, mas claro, direto e abrangente. Suas definições operacionais são tais que qualquer pessoa pode utilizá-las para avaliar qualquer grupo considerado culto ou não culto. Ele relaciona as seguintes características:

1. Uma fonte de autoridade extrabíblica. 2. A negação da justificação somente pela graça. 3. A desvalorização de Cristo. 4. O grupo como comunidade exclusiva dos salvos. 5. O papel central do grupo na escatologia. [8]

Em seguida, ele aplica essas cinco características aos adventistas do sétimo dia. Sua autoridade extrabíblica seria Ellen White, sua profetisa. Sua justificação diante de Deus seria alcançada por obras. Cristo seria interpretado por Ellen White mediante seus escritos. Nenhum estudioso teria permissão para apresentar qualquer ideia importante que não concordasse com alguma declaração feita por ela. Os adventistas sempre teriam ensinado que

constituem a comunidade exclusiva dos salvos e que uma pessoa deve ser adventista para entrar no reino caso tenha tido oportunidade de ouvir a mensagem da Igreja. Finalmente, o livro O Grande Conflito, novamente escrito por Ellen White, coloca o adventismo como figura central nos acontecimentos finais. [9]

Os adventistas, no passado e no presente, negaram todas as cinco características ou categorias, mas, como sempre, é a barreira linguística - ou o uso que os cultos fazem da terminologia teológica - que confunde os desavisados. Ao mesmo tempo que negam que qualquer uma dessas características exista em sua Igreja, os guardiões da imprensa adventista, os formadores do pensamento ministerial e os especialistas em relações públicas continuam vendendo aos membros, por meio da imprensa e dos programas denominacionais, uma religião que exibe as cinco.

Como ocorre na maioria das organizações conservadoras, há pouca liberdade de expressão ou de escolha para os adventistas quanto a atitudes ou ações que entrem em conflito com o pensamento ou a tradição da Igreja. Em razão da crença de que é errado casar-se fora da Igreja, há pouco influxo de ideias de outros indivíduos, grupos ou formas de expressão religiosa. Ninguém ensina em faculdades, academias ou escolas fundamentais adventistas a não ser obreiros e crentes formados pela denominação. Até a administração das faculdades escolhe pessoalmente seus professores. Assim, a livre expressão e a troca de opiniões são efetivamente controladas pelo sistema. Se o rótulo "igreja" fosse retirado da organização, ela poderia ser vista como uma organização política rigidamente controlada que utiliza o dinheiro das pessoas para controlar essas mesmas pessoas. Estudos recentes sobre a estrutura política da Igreja parecem confirmar essa visão. [10]

Essas observações foram confirmadas ao longo dos anos, mas acontecimentos recentes podem ser citados como evidência de que nem tudo vai bem dentro da estrutura. No início da década de 1970, grande quantidade de informações veio à tona a respeito dos escritos de Ellen White, profetisa da Igreja. Essas informações foram apresentadas aos leitores da Spectrum, revista adventista voltada a estudiosos, em 1980 por Donald McAdams, presidente do Southwestern Adventist College, no Texas:

> "Em 1970, 55 anos depois da morte de Ellen G. White, estudiosos adventistas começaram, pela primeira vez, a examinar criticamente seus escritos e a compartilhar suas conclusões com a comunidade de intelectuais adventistas. O trabalho acadêmico começou com um conjunto de artigos no número do outono de 1970 da Spectrum. Seguiram-se outros artigos, um livro e vários manuscritos não publicados. Dez anos depois, podemos ver que a década de 1970 inaugurou uma nova era no estudo de Ellen White." [11]

Ronald Numbers, professor da Faculdade de Medicina da Igreja em Loma Linda, Califórnia, acendeu a controvérsia que já fumegava sobre a confiabilidade e a autoridade de

Ellen com seu livro Profetisa da Saúde, em 1976. [12] O livro causou grande consternação entre os dirigentes adventistas, foi amplamente discutido por estudiosos adventistas e recebeu até alguma atenção nacional. A Igreja escreveu uma defesa contra ele e a distribuiu aos membros. Não foi o fato de o material ser tão novo que colocou Numbers em dificuldades e mais tarde levou à sua demissão. Não foi o fato de ele ter demonstrado que outras pessoas antes de White haviam escrito aquilo que ela dizia ter-lhe sido revelado por Deus em visões. Nem sequer foi o fato de ele ter descoberto que grandes partes de suas "visões" sobre saúde haviam sido retiradas de outros autores, muitas vezes palavra por palavra. O que isolou Numbers do sistema foi a atitude que expressou no prefácio:

> "Ao fazer isso, separei-me daqueles estudiosos adventistas que insistem nas seguintes pressuposições: (1) que o Espírito Santo guiou o movimento adventista desde o início da década de 1840; (2) 'que Ellen Harmon White foi escolhida por Deus como Sua mensageira e sua obra incorporava a de um profeta'; (3) 'que, como cristã sincera e dedicada e como profetisa, Ellen White não poderia e não falsificou'; e (4) que o testemunho dos companheiros de fé da Sra. White 'pode ser aceito como verdadeiro e correto segundo a melhor memória das pessoas que o relataram'. Parece-me que declarações desse tipo, particularmente as duas últimas, são mais adequadamente conclusões do que pressuposições." [13]

Isso bastou! Aqueles pensamentos e ideais poderiam constituir regras aceitáveis de raciocínio para pesquisa acadêmica, mas Numbers deveria saber que, consciente ou inconscientemente, violava a regra cardeal da erudição adventista: é preciso possuir uma pressuposição, um viés inato ou cultivado, para lidar com quaisquer fatos e ideias relativos à história denominacional. Essas pressuposições e vieses devem colorir o cenário adventista.

Havia outro elemento chocante no livro de Ronald Numbers, além da ausência de pressuposições: ele colocava em dúvida tanto a integridade quanto a credibilidade de Ellen White. A Igreja está profundamente envolvida com a saúde, e Ellen White, orientada por Deus, naturalmente, recebe o crédito. Em uma de suas mais fortes "visões" sobre saúde, ela recebeu do Céu a instrução de abster-se de alimentos cárneos de toda espécie. Tão forte foi sua posição nesse assunto que o vegetarianismo se tornou uma das marcas dos adventistas. Ela é citada em seus Testemunhos dizendo:

> "Fui instruída de que o alimento cárneo tende a animalizar a natureza, a roubar de homens e mulheres aquele amor e simpatia que deveriam sentir por todos e a dar às paixões inferiores domínio sobre as faculdades superiores do ser [...]. Não devemos fazer do uso de alimentos cárneos uma prova de comunhão, mas devemos considerar a influência que professos crentes que usam alimentos cárneos exercem sobre outros [...]. Não daremos um testemunho decidido contra a indulgência de um apetite pervertido? Será que algum dos que são ministros do evangelho, proclamando a verdade mais solene já dada aos mortais, dará exemplo retornando às panelas de carne do Egito? Aqueles que são sustentados pelo dízimo do tesouro de Deus permitirão, por indulgência própria, envenenar a corrente vivificante que flui em suas veias? Desprezarão a luz e as advertências que Deus lhes deu?" [14]

Apesar de os adventistas colocarem o vegetarianismo em plano moral e espiritual tão elevado por causa de Ellen White e de seus escritos, Numbers acusa White de ter comido carne durante grande parte da vida, acusação que o White Estate reconheceu. Numbers se refere a Willie, filho de Ellen White, quando escreve:

> "Quando começaram a circular os inevitáveis rumores de que a profetisa nem sempre vivera de acordo com seus próprios padrões, Ellen White protestou dizendo que, de fato, havia sido 'uma fiel reformadora da saúde', como os membros de sua família poderiam testemunhar. Mas até seu filho favorito, Willie, contou história diferente. Anos depois da morte da mãe, falou dos muitos retrocessos em sua luta para abandonar a carne, das dificuldades em encontrar cozinheiras vegetarianas competentes e de cestas de almoço cheias de peru, frango e língua enlatada. Contudo, apesar desses deslizes, tanto ele quanto sua mãe parecem ter se considerado verdadeiros vegetarianos - em princípio, ainda que não na prática." [15]

Esse padrão duplo levou muitos leitores do livro de Numbers a se perguntarem por que, se Deus, como White afirmava, lhe dera instruções nesses assuntos, ela não seguiu Seu conselho; ou se, desde o princípio, sabia que Deus não havia dito coisa alguma desse tipo.

Outra ruptura seguiu-se ao livro de Ronald Numbers, questionando não apenas a integridade de Ellen White e de suas ideias, mas a confiabilidade de sua teologia. Muitas pessoas conhecidas na história adventista, como A. F. Ballenger, W. W. Prescott, L. R. Conradi e W. W. Fletcher, haviam levantado no passado perguntas sobre os principais pilares da doutrina adventista, como os 2.300 dias, o santuário celestial e o juízo pré-advento. Agora era a vez de Desmond Ford. Ford, chefe do Departamento de Teologia do Avondale College, na Austrália, era professor visitante no Pacific Union College, em Angwin, Califórnia, quando aceitou convite para falar ao capítulo local do Fórum em 27 de outubro de 1979. Naquela reunião, chamou a atenção dos ouvintes para as inconsistências da posição da Igreja. Martin e Donald Barnhouse já haviam determinado e declarado, anos antes, que consideravam o juízo adventista apenas outro exemplo da linguagem dúbia usada pela Igreja para salvar as aparências, uma vez que o movimento milerita de 1844 havia fracassado em sua marcação de data para produzir a segunda vinda de Cristo. O que os adventistas haviam criado foi a teologia segundo a qual, quando Cristo não veio - e, como acreditavam então, a porta da graça se fechara para o mundo -, eles haviam compreendido mal todo o conceito. Passaram, então, a acreditar que Deus ocultara a verdade real para testar a sinceridade dos crentes e que o juízo, na verdade, estava acontecendo no santuário celestial acima, onde ninguém poderia vê-lo e, portanto, ninguém poderia provar se a ideia era certa ou errada. O resultado da revisão de Ford jamais esteve em dúvida. Ele, como Numbers antes dele, não levou suas pressuposições à comissão de Glacier View, onde ocorreu a reunião com seus pares. Exigiram sua renúncia, acompanhada de forte declaração em defesa de Ellen White e da posição da Igreja:

"(a) HILLS: Devemos dizer ao nosso povo que estivemos errados? A irmã White não usa esse argumento?

(b) STRAND: A questão crucial é como Ellen White usou esses textos [Números 14:34 e Ezequiel 4:6].

(c) WILSON: Você nunca ouve seus irmãos. Se acredita em Ellen White, e os irmãos lhe dizem o que pensam, é melhor praticar aquilo que prega. Se não estiver disposto a aceitar o conselho de seus irmãos [...].

(d) WILSON: Não é função da Review conceder igual espaço a opiniões contrárias nem promover 'nova luz' antes que essa luz tenha sido estudada por grupos responsáveis [...]. A questão fundamental, é claro, é o papel de Ellen White em assuntos doutrinários." [16]

Ficou claro naquela reunião que não haveria investigação honesta da crença ou da prática adventista. Ficou claro que Ford, apesar de todos os seus diplomas, inclusive dois Ph.D., estava fora, e que os estudiosos que participaram de sua avaliação apenas tinham permissão para estar ali a fim de dar apoio à decisão sobre ele tomada muito antes do evento. Foi também uma notável demonstração da linguagem dúbia típica de culto quando a Igreja disse ao mundo que Ellen White era uma luz menor e que a Bíblia constituía a primeira autoridade da Igreja.

Raymond F. Cottrell, ex-editor associado da Adventist Review, órgão interno adventista, protestou:

> "Uma pessoa após outra vem levantando essas [questões] há 75 anos. Como Igreja, tratamos decisivamente, uma a uma, as pessoas que fizeram isso, mas até hoje fizemos pouco ou nada para fornecer à Igreja respostas viáveis às perguntas que levantaram. Tratamos os questionadores como se fossem criadores de problemas e as perguntas como se não existissem, a não ser na imaginação pervertida de alguém. Seria difícil defender esse prolongado fracasso de nossa parte como uma maneira responsável e cristã de nos relacionarmos com aquilo que todos reconhecemos como um grande problema teológico." [17]

Mais uma vez, a Igreja Adventista foi conduzida à porta da verdade e da investigação por um ou mais de seus estudiosos, mas os dirigentes decidiram manter essa porta fechada. Mais uma vez foram confrontados com homens honestos em busca de respostas honestas, mas escolheram o caminho popular e desonesto. Como sempre, os supervendedores do sistema estavam dispostos a usar a linguagem do culto para enganar os desavisados e ignorantes. Dessa vez, porém, o preço foi muito mais alto. Os instruídos, os talentosos e os que possuíam recursos na Igreja começaram a levantar perguntas e a reter seus serviços e seu dinheiro. Surgiram perguntas não apenas sobre a integridade de Ellen White, mas também sobre sua confiabilidade em assuntos doutrinários. Afinal, em mais de 140 anos, nenhuma denominação

importante ou pequena aceitara a teoria adventista do juízo investigativo, e muitos pensavam que mais da metade dos próprios teólogos adventistas também não a aceitava.

Duas das maiores explosões para a Igreja na década de 1980 foram provocadas por Ronald Graybill e por este autor. O episódio posterior concentrou atenção mundial sobre o mau uso e o abuso dos materiais administrados pela Igreja. O caso Graybill mostrou novamente, para todos os que desejassem ver, o controle exercido pelo White Estate - os guardiões das chaves em todos os assuntos relativos à profetisa adventista Ellen White - sobre os fatos e as fábulas distribuídos desde a fundação da Igreja.

Ronald Graybill havia trabalhado por 13 anos como assistente de pesquisa e fora designado secretário associado do Ellen G. White Estate. Em abril de 1983, Graybill compareceu perante a banca da Johns Hopkins University para defender sua tese de doutorado, "O Poder da Profecia: Ellen G. White e as Fundadoras Religiosas Femininas do Século XIX". Teve sucesso na defesa, mas essa seria sua última vitória. Ele havia imposto embargo de cinco anos ao manuscrito, porém, sem seu consentimento, uma cópia do trabalho foi obtida e passou a circular por toda a Igreja, em âmbito mundial.

Os resultados foram previsíveis e imediatos. A última página da Adventist Review de novembro de 1983 anunciou aos leitores:

> "A dissertação e seu impacto sobre a capacidade do pastor Graybill de atuar como porta-voz do Ellen G. White Estate foram discutidos em uma reunião do conselho de curadores do Ellen G. White Estate em 3 de novembro. O conselho votou colocar Graybill em licença administrativa, sugerir que preparasse uma resposta escrita às perguntas levantadas a respeito da dissertação e convidá-lo a reunir-se com o conselho em sua próxima sessão (5 de dezembro), quando o assunto seria novamente discutido." [18]

Logo depois do artigo veio outro, na Christianity Today, "Outro estudioso está em risco por causa de Ellen White". [19] No artigo, apresentavam a seguinte hipótese:

> "Douglas Hackleman, editor da revista Adventist Currents, que sustenta uma visão não tradicional de White, chama a questão das violações de procedimento cometidas por Graybill de uma 'cortina de fumaça'. 'O verdadeiro problema', diz Hackleman, 'é que, para a maioria dos adventistas, a dissertação terá o efeito de desmitificar Ellen White'. Hackleman afirma que uma decisão da fundação de não manter Graybill em seu quadro demonstraria sua tendência de ocultar os fatos a respeito de White." [20]

O processo de "desmitificação de Ellen White" ganhara grande impulso nos anos anteriores, mas o trabalho de Graybill trouxe vários pontos e novos materiais em apoio a esses fatos: (1) ceticismo quanto aos dons proféticos de Ellen White; (2) dúvidas quanto ao seu caráter e sua integridade; e (3) a possibilidade de Ellen White ter produzido visões conforme estas fossem necessárias para manter sua autoridade. A dissertação também sugere que ela teria agido, em certa medida, como uma espécie de curandeira religiosa, invocando a ira de Deus sobre todos os que recusassem suas instruções ou exortações.

O verdadeiro problema de Graybill, porém, não era, como outros antes dele haviam dito, sua falta de pressuposições e sua franqueza. Era o fato de que, como membro privilegiado do White Estate, ele havia usado material que não fora liberado para exame público. Muito do que utilizou fora classificado pelo White Estate como secreto, sensível ou constrangedor para pessoas ainda vivas ou, como se fosse matéria de defesa nacional, ultrassecreto. Ele violara a regra básica do White Estate: tornar público material que Arthur White, neto de Ellen White e verdadeiro guardião das chaves desde a morte da avó, proibira de ser visto.

Neal Wilson, presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, tentou dar um tom espiritual à situação ao informar à Igreja:

> "Por outro lado, o registro mostra, segundo o Dr. Olson, do White Estate, que Graybill tem sido um obreiro produtivo e escreveu artigos, preparou documentos de arquivo e viajou extensamente em nome do White Estate, proferindo palestras que ajudaram a responder a algumas das perguntas levantadas nos últimos anos. Graybill afirma sua confiança na crença de que Ellen G. White foi divinamente inspirada. Que ela possuía o dom profético é crível porque seus ensinos são bíblicos." [21]

Até os intelectuais da Igreja tentaram salvar Graybill mediante elogios e apelos especiais:

> "1. Ron nos lembrava constantemente de que a mensageira e a mensagem não poderiam ser separadas de seu tempo e de suas circunstâncias e ainda assim ser corretamente compreendidas. Sua cuidadosa pesquisa sobre a 'vida e a época' de determinada declaração trouxe confiança à comunidade de historiadores adventistas e a dezenas de leigos reflexivos.
>
> 2. Ron Graybill deu ao Ellen G. White Estate uma credibilidade que ele jamais tivera antes, porque conseguia abordar os escritos dela de maneira muito aberta. Tornou possível que adquiríssemos maior apreço por Ellen White como pessoa, mãe e escritora, bem como mensageira. Com a saída de Ron Graybill, o White Estate perdeu grande parte de sua credibilidade.
>
> 3. Lamento muito ver Ron Graybill partir. A comunidade acadêmica confiava consistentemente nele para apresentar os fatos com franqueza.
>
> 4. Ron Graybill era uma pessoa a quem podíamos recorrer, fiel às evidências e, ao mesmo tempo, redentora. Em reuniões de obreiros em minha Associação, ele era franco, não defensivo, aberto aos fatos e, ao mesmo tempo, valorizava o papel de Ellen White." [22]

O que é fácil esquecer é que Graybill primeiro tomou o material sem permissão, atitude que criticara em outros. Depois, impôs um embargo de cinco anos ao manuscrito, mostrando que ou não queria que a Igreja soubesse o que ele sabia ou estava decidido a que ela não soubesse. Finalmente, quando ficou encurralado por circunstâncias que ele mesmo criara, procurou abrigo para preservar sua posição. Certamente essas não são ações de um herói honrado. Pareceria que Graybill se tornou menos do que honesto para preservar uma posição desonesta.

Meu telefone começou a tocar às 6 horas da manhã de quinta-feira, 23 de outubro de 1980, e, embora em menor intensidade, desde então não parou de tocar. A causa de toda essa atividade foi um artigo de John Dart, editor de religião do Los Angeles Times. John havia me entrevistado alguns dias antes a respeito do trabalho de Ellen White. Depois de tirar fotografias e examinar a pesquisa, Dart voltou ao escritório. Antes da publicação, telefonou e perguntou se eu considerava White uma plagiadora, ao que respondi que a pesquisa indicava que sim. E foi assim que o artigo saiu naquela quinta-feira, com manchetes de destaque dizendo: "Plágio encontrado nos livros da profetisa". [23]

O artigo deveria ter sido publicado na página 17 da seção de religião, mas apareceu, em vez disso, nas páginas 1, 3 e 21. Mais tarde, foi distribuído por serviço de notícias a mais de mil jornais e noticiado no rádio e na televisão em todo o mundo. Não era a primeira vez que a acusação havia sido feita, mas foi a primeira vez que a acusação e as evidências foram popularizadas ou transformadas em notícia de grande impacto. Dart fora informado de que eu era, naquele momento, a autoridade sobre o "trabalho de cópia" nos escritos de Ellen White, mas parecia que até ele ficou surpreso com a repercussão que sua matéria recebeu.

A Igreja havia sido informada das acusações em uma reunião especial em Glendale, Califórnia, naquele mesmo ano. Ali, depois de examinar parte das evidências, o comitê de dezoito estudiosos de várias partes dos Estados Unidos decidira, por votação, que as evidências eram alarmantes - isto é, eram novas e significativas e deveriam receber estudo adicional - e que os membros da Igreja deveriam ser informados. [24] Também se concordou que estudiosos deveriam trabalhar comigo para descobrir a extensão das cópias e que o comitê deveria reunir-se de tempos em tempos para comparar os fatos.

O comitê agiu, contudo, sem o consentimento ou a bênção da alta administração e de seu conselho, chamado "PREXAD". Menos de dois meses depois, este apresentou seu relatório ao comitê de estudos por meio de uma carta, que dizia em parte:

> "Que a administração, sob a orientação do White Estate, organize um estudo aprofundado dos escritos do Espírito de Profecia, buscando descobrir não somente as semelhanças entre os escritos de Ellen G. White e os de outros autores, mas também as diferenças entre esses escritores. [...] Recomendamos que esse programa seja iniciado, em primeiro lugar, por um estudo abrangente do livro O Desejado de Todas as Nações. Pode ser que esse estudo seja suficiente para estabelecer padrões e métodos aplicáveis a outras obras dela e que uma pesquisa intensiva adicional de outros livros seja desnecessária. 7. Que o estudo intensivo realizado ao longo de vários anos cumpriu, em grande medida, seu propósito e que agora a Associação Geral pedirá a outras pessoas que deem continuidade a esse trabalho na medida considerada necessária pela liderança da Igreja. [...] Isso permitirá, ao mesmo tempo, que a Igreja eduque mais plenamente os membros para que compreendam [...]." [25]

Em essência, o comitê PREXAD anulou as razões pelas quais o comitê de estudiosos fora convocado em primeiro lugar e retirou das pessoas que pagavam as contas o direito de

saber. Essa era uma prática comum, empregada em casos anteriores dessa natureza e usada mais tarde para manter os membros na ignorância a respeito do escândalo financeiro dos negócios de agências postais de Davenport e das comissões e pagamentos feitos a alguns dos principais ministros. [26] Isso realmente não surpreendeu aqueles de nós que conheciam alguns integrantes daquele grupo, especialmente seu principal conselheiro e o presidente da Associação Geral, Neal Wilson, pois ele me escrevera, numa carta já mencionada:

> "Também faz parte da política da Igreja que aqueles de nós que somos ministros do evangelho e empregados por esta Igreja não apelem a nenhum tribunal de justiça em busca de reparação. Isso é especialmente verdadeiro em áreas de governo eclesiástico, doutrina e atividade espiritual. Ao aceitar a ordenação e a designação como ministro nesta Igreja, limitamos nossa liberdade pessoal. [...]

Nossa preocupação com suas atividades não surge porque você tenha realizado estudos ou pesquisas, ou porque considere que algo deveria ser feito e que nosso povo deveria estar mais bem informado, ou porque talvez mantenha algumas ideias e convicções pessoais diferentes. Nossa preocupação surge quando você inicia uma cruzada incansável e se sente compelido a levá-la à Igreja, pública e privadamente, por meio de reuniões e da circulação de materiais. [...] Se você ouviu dizer que seria demitido, trata-se de rumor sem fundamento." [27]

Mas o rumor era verdadeiro. Um dos membros da comissão do presidente, o pastor Bradford, havia me visitado em Los Angeles meses antes e declarado que, toda vez que caminhava pelo corredor da Associação Geral, alguém saía de uma porta murmurando meu nome, tanto em relação ao caso Davenport quanto ao encobrimento de Ellen G. White. Assim, fui demitido em novembro de 1980, e a Igreja contratou tantos advogados quanto podia pagar para proteger os nomes e as posições daqueles que apoiavam os pronunciamentos da Igreja, estivessem eles certos ou errados. Para mim, estava terminado, depois de trinta e seis anos me esquivando sempre que eu dizia uma verdade que a Igreja não queria que fosse revelada. Mais uma vez, no adventismo, a verdade estava no cadafalso e o erro, no trono. Alguns meses depois, meu livro The White Lie [A Mentira Branca] foi publicado e recebeu atenção adicional da imprensa. Disse o New York Times:

"Walter Rea inflamou as questões que confrontam o culto com as evidências incontroversas que apresenta em The White Lie." [28]

A revista Time também declarou:

"The White Lie é uma bomba que abalou a Igreja." O livro também foi assunto candente dentro da Igreja, mas não da mesma maneira. [29]

Em todo o mundo, os membros foram desencorajados a lê-lo, e as livrarias adventistas recusaram-se a encomendá-lo. Na Austrália, onde proferimos palestras em favor de grupos leigos locais, disseram ao povo:

> "A liderança da Igreja, em todos os níveis, deseja que os membros saibam que não acredita que membros leais da Igreja seriam ajudados de qualquer maneira pela visita de Rea a esta Divisão. Lamenta e se dissocia das atividades de qualquer grupo que promova Walter Rea e seus ataques à Igreja." [30]

Ao mesmo tempo, e muitas vezes na mesma página, a Igreja anunciava um livro intitulado Omega, escrito por Lewis Walton:

> "Em breve, no seu amigável Centro Adventista de Livros [...]. O autor deste novo livro sugere que examinemos algumas das coisas que estão acontecendo atualmente dentro da Igreja à luz daqueles acontecimentos antigos. Este é o tipo de livro que será lido e relido muitas vezes enquanto examinamos a nós mesmos e nossa posição atual em comparação com a história." [31]

A principal tese do livro de Walton parecia ser que qualquer pessoa com alguma formação acadêmica "externa" ou com QI superior a 85 constituía ameaça à Igreja, o que deixa alguém imaginando onde isso coloca o próprio Walton e a liderança da Igreja. Meus estudos e The White Lie expuseram, para todos verem, vários problemas novos relativos à Igreja Adventista. Se os adventistas sempre usam o argumento de que um profeta e seu povo devem ser testados e julgados por seus frutos, por que os adventistas e a Sra. White haviam fracassado tão gravemente nesses testes? O caso Davenport deveria ter mostrado claramente que uma parcela da liderança e do ministério era desonesta, se não corrompida por subornos e comissões. Ellen White muitas vezes mentira sobre suas visões e sobre a fonte de seus materiais ou, ainda pior, não conseguia distinguir verdade de ficção em sua estrutura de valores. Ela havia escrito ao rebanho, justamente durante o período de seus enormes empréstimos literários:

> "Muitos que buscam preparo para a obra do Senhor julgam essencial acumular grandes volumes de escritos históricos e teológicos. Muitos supõem que o estudo dessas obras será uma grande vantagem para eles ao aprender como alcançar o povo. Isso é um erro. Quando vejo estantes repletas desses livros, alguns deles raramente examinados, penso: por que gastar dinheiro naquilo que não é pão?" [32]

"E, em grande medida, a teologia, tal como estudada e ensinada, não passa de um registro de especulação humana, servindo apenas para 'escurecer o conselho com palavras sem conhecimento'." [33]

Entretanto, mais de 1.200 volumes foram encontrados em sua biblioteca, e as obras daqueles autores "especulativos" foram copiadas por ela em nome de Deus e da visão. Se respeito pela dignidade humana, pelos direitos humanos, pelas diferenças de opinião e pela discussão aberta das questões é marca de uma sociedade saudável e viável, então o adventismo fracassou no teste. Finalmente, a credibilidade tanto de Ellen White quanto de seu povo ficou manchada, talvez para sempre. Até a admissão, em 1984, de que talvez 50% ou mais do que foi escrito em O Grande Conflito, a pedra fundamental do arco da teologia adventista, havia sido copiado de outros [34] era apenas meia verdade. Referiam-se apenas às seções históricas copiadas. Se o material não histórico, mas teológico e devocional, fosse

incluído em seu programa de cópia, a proporção seria mais próxima de 80% a 90%. Na edição de outono da Free Inquiry, Vern Bullough, decano de Ciências Naturais da State University College of New York, em Buffalo, apresenta suas ideias sobre alguns princípios da tradição humanista:

"A. Religiões dogmáticas ou autoritárias tradicionais que colocam revelação, Deus, ritual ou credo acima das necessidades e da experiência humanas não são para nós.

B. Os valores morais derivam da experiência humana.

C. Razão e inteligência são os instrumentos mais eficazes de que os seres humanos dispõem.

D. [...] rejeitamos todos os códigos religiosos, ideológicos ou morais que rebaixem o indivíduo, suprimam a liberdade, entorpeçam o intelecto e desumanizem a personalidade.

E. Enfatizamos que a sexualidade faz parte do ser humano. [...]

F. Os indivíduos precisam experimentar ampla gama de liberdades se quisermos ampliar a liberdade e a dignidade humanas.

G. Opomo-nos a barreiras erguidas com base em raça, credo, cor, sexo, idade ou outros tipos de condição minoritária." [35]

De maneira alguma os adventistas ou o adventismo poderiam qualificar-se, segundo esse padrão, como preocupados com a alma ou o espírito do indivíduo. Qualquer ideia, princípio, credo ou fé que não resista ao teste da investigação ou da discussão não deveria ser apresentada como representante de qualquer verdade, grande ou pequena. Como poderia sê-lo? Controle autoritário não é fé nem razão; é simplesmente tirania sobre a mente e o espírito humanos.

Então, quem lucra com a profetisa adventista? Certamente não o mundo em geral, que, depois de mais de 140 anos de evangelismo, propaganda e promoção, não aceitou nada do que ela escreveu ou disse. Tampouco as demais religiões do mundo, que ainda têm seus próprios interesses a cuidar e seus próprios programas a promover. Quem lucra? Os administradores, os fanáticos e o sistema. Os administradores que, sem consideração pelo amor ou pelos valores humanos, conduzem as pessoas diante de si como rebanhos para um tanque de banho de ovelhas. Os fanáticos, que se recusam a permitir que qualquer verdade ou interpretação da verdade prevaleça sobre sua própria consciência, cheia de medos e fraquezas. O sistema, cujos pronunciamentos permanecem morais, enquanto seu pensamento permanece amoral e suas ações, imorais.

Não importa o que seja escrito ou registrado a respeito de Ellen White como profetisa adventista, nem quantos jogos retóricos sejam feitos com sua "inspiração", pouquíssimos

membros seguem suas instruções em praticamente qualquer coisa. Seus conselhos são usados como poste de açoite ao qual fanáticos amarram seus irmãos, tornando mais fácil torturá-los com seus julgamentos. Tal prática também permite que administradores adotem uma postura piedosa enquanto, em grande medida, ignoram as instruções dela para a própria vida. [36] O desastre Davenport, juntamente com outros exemplos de má administração, mostra claramente que Ellen White já não controla os membros adventistas. Os administradores controlam. Mas esses mesmos administradores, abusando da confiança que lhes foi depositada e buscando liberdade para si e licença para seus amigos, lincharam a própria mulher que professam adorar.

O adventismo precisa agora ou resgatar-se do rumo fanático para o qual sua liderança o conduziu, ou perder para sempre sua viabilidade na comunidade humana. O tempo dirá se a ressuscitação chegará tarde demais.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

1. Walter Rea, The White Lie (Turlock, CA: M & R Publications, 1982).
2. Walter Rea ao pastor W. J. Blacker, 20 jun. 1969.
3. Walter R. Martin, The Kingdom of the Cults (Bethany Fellowship, edição revista, ago. 1977), p. 11.
4. Ibid., p. 360.
5. Ibid., p. 18.
6. "Currents Interview: Walter Martin", Adventist Currents (Mars Hill Publications, Inc., Loma Linda, Califórnia), v. 1, n. 1, jul. 1983, p. 15-18.
7. Ibid., p. 19.
8. Anthony A. Hoekema, The Four Major Cults (William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, nov. 1981), p. 378-385.
9. Ellen G. White, The Great Controversy (Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1888).
10. James W. Walters, "The Need for Structural Change", Spectrum, v. 14, n. 4, mar. 1984, p. 14-17. Ver também Raymond F. Cottrell, "The Varieties of Church Structure", Spectrum, v. 14, n. 4, mar. 1984, p. 40-53.
11. Donald H. McAdams, "Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s", Spectrum, v. 10, n. 4, mar. 1980, p. 27.
12. Ronald L. Numbers, Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White (Harper & Row Publishers, Nova York, 1976).
13. Ibid., prefácio, p. XI-XII.
14. Ellen G. White, Testimonies for the Church, v. 9 (Review and Herald Publishing Association, Washington, D.C., 1885-1909), v. 9, p. 159-160.
15. Ronald L. Numbers, Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White (Harper & Row Publishers, Nova York, 1976), p. 172.
16. Raymond F. Cottrell, "The Sanctuary Review Committee and its New Consensus", Spectrum, v. 11, n. 2, nov. 1980, p. 2-26.
17. Ibid., p. 23.
18. Robert W. Olson, "White Estate Staffer Explains Dissertation", Adventist Review (Review and Herald Publishing Association, Washington, D.C., 24 nov. 1983), p. 31.
19. Randy Frame, "Another Adventist Scholar Is in Jeopardy over Ellen White", Christianity Today, 16 dez. 1983.
20. Ibid.
21. Neal C. Wilson, "White Estate Staffer Reassigned", Adventist Review, 2 fev. 1984, p. 31.
22. "Responses to Graybill's Departure from the White Estate", Spectrum, v. 14, n. 4, mar. 1984, p. 4-5.
23. John Dart, "Plagiarism Found in Prophet Books", Los Angeles Times, 23 out. 1980, p. 1.
24. Glendale Committee, "Ellen G. White and Her Sources", gravações, 28-29 jan. 1980.
25. Carta do Office of Vice President, General Conference of SDA's, a Walter Blehm, presidente da Pacific Union Conference, e Harold Calkins, presidente da Southern California Conference, 20 mar. 1980.

26. Art Wong e James Nickles, "After the Fall: An Adventist's Bankrupt Empire", The Sunday Sun, San Bernardino, Califórnia, quatro artigos, 30 e 31 maio, 1º e 2 jun. 1982.
27. Neal C. Wilson, presidente da General Conference of SDA's, a Walter Rea, 2 jul. 1980.
28. Kenneth A. Briggs, "7th-Day Adventists Face Change and Dissent", New York Times, 6 nov. 1982, p. 1.
29. Richard N. Ostling, "The Church of Liberal Borrowings", Time Magazine, 2 ago. 1982, p. 49.
30. R. W. Taylor, "Statement on Walter Rea", Australasian Record, 12 out. 1981, p. 13. (Nota: publicação adventista destinada aos membros na Austrália.)
31. Ibid.
32. Ellen G. White, Testimonies for the Church, 9 v. (Review and Herald Publishing Association, Washington, D.C., 1885-1909), v. 8, p. 307.
33. Ellen G. White, The Ministry of Healing (Pacific Press Publishing Association, Mountain View, Califórnia, 1905), p. 442.
34. Robert W. Olson, "Ellen G. White's Use of Historical Sources in The Great Controversy", Adventist Review (Review and Herald Publishing Association, Washington, D.C., 23 fev. 1984), p. 5.

35. Vern Bullough, "A Personal Humanist Manifesto", Free Inquiry, v. 3, n. 4, p. 26-27. 36. Art Wong e James Nickels, "After the Fall: An Adventist's Bankrupt Empire", The Sunday Sun, San Bernardino, Califórnia, quatro artigos, 30 e 31 maio, 1º e 2 jun. 1982. (Nota: informações adicionais podem ser encontradas em Spectrum, v. 12, n. 1 e n. 3; v. 3, n. 3 e n. 4.)

IV

ENGANO, A PRIMEIRA LINHA DE DEFESA DOS ADVENTISTAS

Desde o início era óbvio, para qualquer pessoa que conhecesse os fatos, que tanto a investigação Davenport quanto meu julgamento por ter dito ao Los Angeles Times que a Sra. White havia copiado suas obras eram uma farsa e uma fraude, encenadas apenas para consumo público. Não se pretendia fazer justiça, nenhuma punição deveria ser realmente justa, e nenhum reconhecimento dos fatos produziu mudanças nem se destinava a ser seriamente considerado.

O mesmo sistema enviou alguns dos mesmos homens aos dois acontecimentos. Nesse papel duplo, esses dirigentes religiosos, muitas vezes consumidos pela ganância humana e impulsionados pela cobiça de poder, tornaram-se os piratas do privilégio, protegendo a si mesmos e ao sistema. O que de fato fizeram foi destruir efetivamente não apenas a confiança nos homens, mas até manchar o próprio Deus. Afinal, está bem gravado em pedra no edifício dos Tribunais do Condado de Los Angeles: "aquele que viola seu juramento profana a dignidade da própria fé".

A edição de 23 de janeiro do The Sunday Sun havia noticiado o que deveria ter sido o melhor momento do presidente Neal Wilson. O jornal relacionou várias coisas que ele havia dito e prometido:

1. Wilson relatou uma visita recente de agentes especiais do FBI que investigavam o império de investimentos falido de Davenport [...].

2. Wilson disse que a investigação do FBI - aparentemente a pedido da Securities and Exchange Commission, do Internal Revenue Service e de outros órgãos federais - parecia concentrar-se em acusações de falsa representação e violações das leis de usura.

3. Sobre a própria investigação da Igreja, Wilson informou que cerca de 50 altos dirigentes seriam disciplinados publicamente, talvez dentro de seis semanas. E alguns dirigentes cujas ações fossem tão "repreensíveis" seriam demitidos e teriam retiradas suas credenciais ministeriais.

4. Comprometeu-se a "limpar esta questão da melhor maneira que eu puder".

5. Na terça-feira, Wilson havia divulgado uma declaração anunciando que cerca de 95 dirigentes seriam disciplinados. [1]

Foi uma apresentação de estrela, mas na realidade não deveria ser levada muito a sério. O mesmo "reformador" Wilson havia sido citado pelo Religious News Service em outubro:

> "O Sr. Wilson disse que a Igreja não planeja, no momento, demitir ou repreender ninguém envolvido no escândalo financeiro, mas que no futuro fará 'mais do que simplesmente admoestar' dirigentes que administrem mal os recursos." [2]

E foi exatamente assim que terminou. Nenhuma das promessas drásticas se concretizou como punição aos culpados.

Ficou ainda mais claro qual seria o desfecho quando o artigo de Wilson apareceu na Adventist Review, o periódico oficial da Igreja:

> "Pedi aos 25 oficiais da Associação Geral que autorizassem um grupo especial a ser conhecido como Comissão de Revisão do Presidente. Essa comissão é composta de 15 membros, dos quais oito serão profissionais e empresários leigos. [...] Entende-se que a ação definitiva será prerrogativa expressa dos oficiais da Associação Geral. Entende-se também que os oficiais da Associação Geral poderão adotar ou revisar recomendações e encaminhá-las a comissões executivas, conselhos ou assembleias constituintes." [3]

Isso era cinismo em sua pior forma. Alguns daqueles oficiais da Associação Geral que teriam a palavra final eram justamente homens que haviam sido sócios e investidores no escândalo Davenport. Por que alguém esperaria que votassem em favor da própria punição ou que se retirassem dos cargos, como Wilson ameaçara fazer? Mas tudo soava grandioso e correto quando Wilson encerrou sua santa cruzada citando John Harris, em frase que chegara por meio de Ellen White, profetisa da Igreja: "Enfraquecida e defeituosa como possa parecer, a Igreja é o único objeto sobre o qual Deus concede, em sentido especial, Sua suprema consideração." [4] Harris não tinha a Igreja Adventista em mente quando escreveu a declaração, mas Wilson e Ellen White tinham.

Praticamente os únicos satisfeitos com as ações de Wilson e da Igreja foram aqueles que foram protegidos pela falta de ação. Talvez o advogado tenha dito isso da melhor maneira ao escrever:

> "Pensei que os editores da Review haviam oferecido um comentário editorial sutil sobre seu relatório a respeito do tratamento dado ao caso Davenport ao colocarem a história de Eric B. Hare, 'O elefante que chorou', imediatamente depois de seu relatório. Muitos de nós estamos derramando lágrimas tão grandes quanto as dos elefantes, pois seu gráfico na página 8 nos mostra o quanto nos tornamos confusos. Mais uma vez confundimos a admoestação contra julgar. Essa admoestação fala de nossa incapacidade de julgar a aptidão de alguém para o reino, porque não sabemos em que medida o caráter de Cristo substituiu o da pessoa em questão. Temos, entretanto, a responsabilidade de julgar a aptidão para continuar na liderança, e essa responsabilidade parece ter sido abandonada.

Talvez nossa Igreja não seja hierárquica coisa alguma, mas apenas uma coleção de barões feudais que se unem para manter um rei fraco no cargo.

Estamos consternados e entristecidos ao descobrir que lucro pessoal, engrandecimento próprio e grandes conflitos de interesses que causaram a perda de milhões de dólares de recursos de dízimos resultem em nenhuma mudança significativa. O poder corrompe, não é?" [5]

Em 29 de outubro de 1982, depois que os nomes da comissão haviam sido tornados públicos, senti que mais uma carta não prejudicaria meu caso e talvez ajudasse a Igreja a adotar uma abordagem sensata de justiça e integridade. Assim, escrevi aos membros da comissão de investigação o seguinte:

"Prezado membro da Comissão,

Foi amplamente divulgado que o senhor é uma das pessoas escolhidas para integrar a comissão que revisará o caso Davenport. A esperança da Igreja, conforme expressa pelo pastor Wilson, é que sua especialização assegure um exame honesto, justo e exaustivo dos registros. Assim, seu relatório final protegerá sabiamente os inocentes e, espera-se, sugerirá alguma punição para os culpados, ao mesmo tempo em que recomendará diretrizes, controles e contrapesos para impedir a repetição de desastre semelhante.

É por causa desses objetivos que lhe escrevo. Eu desejaria poder comparecer perante a comissão para apresentar material pertinente que tenho certeza não estar contido no depoimento. Entretanto, conhecendo o esforço da Igreja para minimizar meu testemunho na

questão Davenport, eu insistiria firmemente para que o senhor ouvisse o advogado Jerry Wiley, vice-decano e professor de Direito da University of Southern California, perante sua comissão.

Como mostrará uma das cartas anexas, ele foi consistentemente ignorado pelo pastor Wilson e por outros quando procurou ajudar nessas questões. Ele não fala por mim nem

necessariamente representa meu ponto de vista, mas pode acrescentar uma nova dimensão à sua investigação que tenho certeza de que os registros e os advogados da Igreja não enfatizam. Creio que sua presença seria valiosa e acrescentaria muito à esperança de que a apresentação da comissão à Igreja seja uma revisão justa e imparcial." [6]

Mas tudo foi inútil. Até hoje, nenhum dos membros da comissão manifestou, privada ou publicamente, qualquer interesse nesse contato ou em qualquer uma de minhas sugestões. Há muita encenação no adventismo, mas muito pouco avanço em direção a uma ação honesta. John Adam certamente tinha razão e alguma percepção quando registrou:

"Posso compreender a situação do irmão Wilson. Ele gostaria que os presidentes das uniões o reconduzissem ao cargo em 1985." [7]

Por que não? Aqueles mesmos homens das uniões envolvidos no caso Davenport haviam colocado Wilson na posição que ocupava desde o princípio. Se houvesse uma demissão em massa, Wilson teria de sair junto com os demais, caso eles saíssem. Assim, nenhum homem das uniões foi demitido e alguns chegaram até a ser promovidos.

Os acontecimentos que cercaram minha demissão foram ainda mais estranhos do que a investigação Davenport e se sobrepuseram ao escândalo durante todo o caminho. Nenhuma pessoa razoável e bem informada pode acreditar que a questão de E. G. White e de seu trabalho de cópia tenha sido a causa principal de minha dispensa, depois de 36 anos no ministério da Igreja. Aquilo foi apenas uma conveniente "causa santa" para encobrir um motivo e um projeto muito mais malignos.

Depois da reunião de janeiro de 1980 em Glendale, o Comitê Consultivo do Presidente havia determinado que, se algum trabalho adicional fosse realizado sobre Ellen G. White e seu plágio, deveria ser feito por outros. Esse "outro" foi Fred Veltman, do Pacific Union College, que até hoje, quatro anos depois, nada produziu para exame público. É duvidoso, à luz do histórico da Igreja, que o estudo integral de Fred e seus comentários algum dia se tornem de conhecimento público. Fui instruído a me dissociar completamente da pesquisa, tanto no presente como em relação aos futuros membros. Embora insatisfeito com esse ultimato, escrevi ao Comitê:

> "Em anexo, encontrarão mais algum material que estivemos reunindo a respeito da Sra. E. G. White. Este será o último material que enviarei, visto que o PREXAD concluiu que outra pessoa na Igreja estaria em melhores condições de lidar com o assunto e, como declararam, eu estaria em melhores condições de retornar ao ministério em tempo integral.

Na verdade, o estudo não consumia tanto tempo assim. Há muitos membros, em várias partes dos Estados Unidos, que usaram seu tempo e sua especialização para ajudar no projeto. Essas pessoas interessadas continuarão a pesquisa e a levarão a uma forma publicável. No ano

passado, tivemos 25 batismos aqui em Long Beach, realizamos um plano de cinco dias, uma classe de culinária e uma campanha de seis semanas, além de arrecadarmos cerca de setenta mil dólares para duas novas ampliações da escola local da Igreja. Nosso presidente, Harold Calkins, diz que não foram muitos os pastores anglo-americanos que fizeram mais, e a única reclamação dele foi que a oferta de liberdade religiosa havia diminuído. Esperamos elevá-la este ano.

Eu teria preferido continuar reunindo-me com a comissão escolhida pelo pastor Wilson, pois eles atribuíram o devido valor à pesquisa e havia um sentimento de confiança mútua. Além disso, poderíamos ter trabalhado em alguns dos problemas para os quais não tivemos tempo nem comissão para tratar e que, tenho certeza, permanecerão. Mas a Igreja falou; portanto, tentaremos obedecer. Quaisquer perguntas agora deveriam ser dirigidas ao PREXAD ou a Jim Cox, que, segundo entendo, foi escolhido para fazer trabalho adicional.

Restam um ou dois pensamentos a considerar. A. Metodologia: o objetivo da primeira apresentação não era organizar as coisas de modo acadêmico, mas oferecer a todos os membros uma visão geral. Creio que isso foi feito. B. Atitude ou abordagem positiva: ainda acredito que a Igreja não possui, até agora, uma visão coerente da Sra. White e de sua autoridade, inspiração ou posição. Parece que isso ainda está por vir, e, quando vier, então poderemos lidar com a questão. C. Gravações: alguns questionaram sua liberação. No início da reunião, pensei que tivéssemos um acordo de cavalheiros segundo o qual todos permitiríamos que as conclusões da comissão fossem apresentadas à Igreja pelo pastor Wilson ou pelo PREXAD. Como isso não foi feito e muitos dos membros, bem como pessoas que não pertenciam à comissão, seguiram adiante e apresentaram opiniões impressas, gravadas e escritas, algumas delas profundamente distorcidas quanto ao que aconteceu, não parecia justo nem sensato que eu fosse o único silenciado; daí a divulgação. Gravações servem para manter os homens honestos.

Foi um prazer servir à Igreja nessa função e ter o privilégio de trabalhar com cada um de vocês. Creio, com toda a minha fé, que Deus esteve comigo no estudo e que se abriram portas que jamais voltarão a fechar-se. Agradeço novamente sua ajuda nesse esforço e sua amizade." [8]

A carta foi escrita com toda sinceridade e estabelece, creio, vários pontos:

A. Que eu procurava trabalhar com a Igreja e por intermédio dela.

B. Que eu não estava desafiando nem combatendo a estrutura, como alguns alegaram posteriormente.

C. Que eu ainda queria fazer parte da estrutura e trabalhar dentro dela.

D. Que meu trabalho como pastor não havia sofrido, como alguns afirmavam. Esse assassinato de caráter tornou-se mais pronunciado à medida que meu trabalho se tornou mais conhecido.

E. Naquela ocasião, julgou-se necessário apresentar o que meu trabalho na Igreja havia sido, a fim de combater aqueles que o criticavam equivocadamente.

Ao mesmo tempo em que eu recebia tais ataques, o tesoureiro da Associação havia me escrito:

> "Basta dizer que recomendo, de todo o coração, que você não escreva um livro depreciativo no 'tempo da empresa', por assim dizer. Melhor ainda, deponha essa espada. Se quiser um trabalho mais desafiador nos próximos três ou quatro anos, para aproveitar melhor parte de sua formação anteriormente não utilizada, vejamos se conseguimos encontrá-lo. Pessoalmente, sinto que, com todos os seus talentos e energias, quer perceba isso ou não, você se viu muito pouco desafiado na região de Long Beach, e sem dúvida isso contribuiu involuntariamente para o trabalho de valor duvidoso no qual se envolveu. Suponho que eu devesse qualificar a palavra 'duvidoso' [...] essencial à minha felicidade e salvação - duvidoso, muito duvidoso." [9]

Embora na época eu tenha ficado impressionado com a preocupação de Walden, não compreendi a observação "duvidoso", visto que Wilson considerara o assunto suficientemente importante para formar uma comissão que o ouvisse e suficientemente relevante para que um Ph.D. lhe dedicasse outros anos de estudo. Agora sei que "duvidoso" significa qualquer estudo que a Igreja não queira ou não aprove.

O único outro fato importante que ocorreu antes de minha demissão, em novembro, foi a carta da Associação Geral e do pastor Wilson. (Ver capítulo 3, nota 10, e capítulo 4, nota 27.) Era uma carta ameaçadora, se alguém conhece alguma coisa sobre Wilson. Se ela for relida e se adotar a visão oposta em relação a cada item que ele menciona, inclusive a afirmação de que eu não seria demitido, o quadro se torna muito claro e também revela o verdadeiro Wilson. Com aquela intuição de que nem tudo estava bem e de que o fim se aproximava, ainda antes do artigo do Los Angeles Times, escrevi uma resposta em 26 de julho de 1980, quatro meses antes de minha demissão:

> "Agradeço sua carta de 2 de julho, que li várias vezes. É uma desvantagem para nós não podermos sentar-nos e discutir alguns dos pontos que o senhor levantou. Como o senhor é a pessoa ocupada, talvez eu possa chamar sua atenção para várias perguntas que sua carta deixou em minha mente.

Aprendi algumas coisas com a carta e não tomarei seu tempo no futuro com assuntos que envolvam questões locais. Meu plano tem sido manter minha Associação local informada sobre os acontecimentos e eu esperava que, por intermédio dela, o restante da União ou outros envolvidos fossem notificados.

Várias das perguntas que me ocorreram a partir de sua carta diziam respeito a mal-entendidos ou interpretações equivocadas de acontecimentos ou políticas. Primeiro, não tenho

conhecimento de nenhuma ação tomada por qualquer comissão da Associação local a meu respeito ou a respeito de minhas ações à qual eu tenha me recusado a obedecer ou ouvir. Se alguma ação desse tipo foi tomada ou registrada por escrito, jamais me foi enviada.

Outra pergunta surgiu de suas declarações a respeito de advogados e da lei. Foi interessante que, na mesma correspondência em que chegou sua carta, veio outra de John Adam, na qual ele enviou cópia de uma declaração feita a seu advogado. Segue cópia anexa. Se Des (Cummings) algum dia tiver de repetir aquela conversa sob juramento, isso abrirá alguns capítulos interessantes nos negócios da Igreja e de seus dirigentes. Isso também parece contrariar algumas de suas ideias sobre como um obreiro pode ou deve defender seus direitos.

Finalmente, parece que a comissão que se reuniu comigo durante dois dias em janeiro era apenas consultiva, visto que grande parte do que votou não foi levada adiante. Por exemplo, eles sentiram, se o senhor ouvir a gravação, que meu trabalho era de natureza tal que eu poderia ajudar a Igreja e que deveria receber auxílio para colocar o material por escrito, a fim de que pudesse ser lido, estudado e discutido. Agora chega a informação de que eu não apenas não deveria escrever coisa alguma, mas também não deveria dizer coisa alguma, se o senhor recebeu a carta do presidente Harold Calkins. Pareceria que qualquer conclusão deles a respeito das gravações não teria mais peso ou validade do que algumas das outras ações que não foram executadas.

Agradeço novamente seu tempo. Tenho certeza de que qualquer outra comunicação necessária pode vir por intermédio da Associação local, como o senhor sugeriu." [10]

Muito mais importantes e significativos do que a carta de Wilson foram os acontecimentos de setembro de 1979. Naquele momento, eles não pareceram tão importantes, mas talvez, mais do que qualquer outra semana, aqueles acontecimentos moldariam a história futura do adventismo e deixariam sua impressão para sempre.

Havíamos marcado uma reunião em setembro de 1979, na Igreja de Long Beach, para tornar públicos, pela primeira vez, fatos e novos materiais que provavam que Ellen White copiara a maior parte de suas obras. Na verdade, as informações indicavam que ela mesma não fizera grande parte desse trabalho, mas que outros o fizeram em seu nome, muitas vezes sem seu conhecimento. Um painel de ministros com títulos acadêmicos avançados fora escolhido para responder às perguntas da audiência que pudessem surgir da pesquisa e da apresentação. O presidente da Associação, Harold Calkins, também fora convidado para fazer as observações finais, desde que permanecesse dentro do tempo que lhe fora concedido. Houve várias tentativas oficiais de impedir a reunião, e até Bradford, vice-presidente da Associação Geral, veio de avião para acrescentar pressão a uma ordem de "cessar e desistir".

Foi convocada uma reunião no gabinete do presidente, em Glendale, para a qual fui chamado e, por insistência minha, Jerry Wiley, meu amigo advogado e a pessoa que presidiria a futura reunião de Long Beach, também foi convidado a comparecer. Somente depois de várias horas de discussões e golpes no vazio, e de uma declaração de Wiley, a reunião pôde terminar com a condição de que, no sábado seguinte, a apresentação prosseguiria na Igreja de Long Beach. Jerry prometeu que, como presidente da reunião, certamente não permitiria que ela saísse do controle e que, com Robert Olson, do White Estate, e Harold Calkins, representando a Associação, presentes, certamente seriam capazes de lidar com quaisquer perguntas ou problemas que surgissem. A observação final de Jerry foi que o Los Angeles Times talvez se perguntasse publicamente por que um pastor adventista não tinha permissão para falar sobre Ellen White em uma igreja adventista, no sábado adventista, caso a reunião fosse cancelada.

Mas os acontecimentos que espantaram tanto o advogado quanto a mim foram os movimentos da Igreja apenas dois dias antes daquela reunião no gabinete do presidente. Harold Calkins havia sugerido que eu me reunisse com ele e Bradford em Loma Linda, a Faculdade de Medicina Adventista. Declarou que Bradford estava interessado em minha pesquisa e queria saber mais sobre ela. Convidei os dois homens a se reunirem em minha casa, pois, como a maior parte do material com que eu vinha trabalhando estava ali, ambos poderiam compreender melhor a extensão e a importância do projeto pelo que vissem.

Harold garantiu-me que tempo e circunstâncias simplesmente não permitiriam que Bradford fizesse a viagem até minha casa e que, de qualquer maneira, Bradford havia voado de Washington, D.C., justamente para conversar e nos conhecermos melhor. Assim, marcou-se o encontro para o dia seguinte, em Loma Linda.

Tarde naquela noite, recebi uma ligação interurbana de um amigo com contatos na sede da Igreja em Washington, D.C. Ele me disse que algumas pessoas sabiam que eu estaria em Loma Linda pela manhã e que havia planos para, na reunião marcada, me demitir sem julgamento e sem oportunidade de recurso; que a Associação local, a União e a Associação Geral estariam representadas como uma só naquela reunião. No mínimo, depois do que o pastor Calkins me havia dito sobre o encontro, fiquei estarrecido e, em minha ignorância e ingenuidade, disse à pessoa que me telefonara que isso simplesmente não poderia ser verdade.

Depois de chegar ao centro médico no dia seguinte, achei que a prudência recomendava verificar o rumor. Era verdade, disseram-me alguns amigos; sabiam que eu viria, sabiam que uma reunião estava sendo realizada e que eu seria demitido sem assistência, nem consideração pelos fatos e pelas evidências. Para confirmar os fatos que acabara de saber, atravessei o campus até o prédio indicado e perguntei se o pastor Calkins estava em

algum lugar. Disseram-me que, de fato, ele estava no andar superior em uma reunião com outros e que aguardavam minha chegada. Com a mente acelerada e entorpecida pelo engano que se praticava contra mim, disse à recepcionista que não participaria daquela reunião e que dissesse a Harold Calkins que ele havia mentido para mim. Virei-me, fui até meu carro e segui para Los Angeles, onde minha primeira ligação foi para o advogado, a fim de informá-lo dos acontecimentos. Naquele momento ele se tornou meu advogado, e, desde então até o presente, todos os contatos oficiais da Igreja foram e têm sido encaminhados por intermédio dele. No dia seguinte, antes da reunião de Glendale no gabinete de Harold, pedi a Bradford que levantasse a mão direita e jurasse que o rumor não era verdadeiro e que ele não havia sido enviado numa missão de "ataque". Bradford, sempre o leal mentiroso do sistema, disse piedosamente que não se envolvia em questões políticas locais. Harold, que mais tarde foi confrontado com evidências esmagadoras, como Pilatos antes dele, lavou as mãos sobre o assunto, declarando que sim, sabia da reunião, mas não conhecia sua natureza.

Olhando para trás, fica muito claro que, se eu tivesse comparecido àquela reunião armada com mentiras e engano, teria sido demitido e me tornado apenas mais um entre dezenas de mártires sem nome que cobrem o caminho do adventismo. Se esses mártires alguma vez exumaram um corpo que a Igreja queria deixar no silêncio dos túmulos do passado, os membros da Igreja e o mundo não foram informados de que aqueles crimes eram cometidos em nome de Deus e da inspiração de Ellen White.

Também é muito claro que aqueles mesmos homens e líderes da Igreja cometeriam qualquer crime, contariam qualquer mentira e destruiriam qualquer pessoa que tentasse comunicar qualquer informação que lhes fosse inaceitável, e que censurariam as informações que o público ou a Igreja receberiam. Como Wilson havia dito em sua carta, ele não se importava com o que eu acreditasse, descobrisse ou suspeitasse, desde que eu não o comunicasse aos outros. Era igualmente claro que o juiz e o júri já haviam decidido meu caso, considerado-me culpado e determinado que eu deveria ser enforcado, da maneira mais piedosa e religiosa possível. Com o quadro do futuro tão claro, foi fácil colocar em movimento aquilo que eu sabia que precisava fazer e que ninguém ainda havia conseguido fazer: transformar em notícia de grande repercussão e popularizar aquilo que estudiosos e teólogos sabiam havia anos, mas haviam sido impedidos de dizer.

Quando o artigo de Dart foi publicado no Los Angeles Times, não havia nele nada que já não tivesse sido dito antes na privacidade dos círculos adventistas. Não era um ataque à Igreja nem sequer uma acusação contra sua história passada. O verdadeiro problema era que a própria Igreja sempre censurara aquilo que seus membros liam. Como escrevi em The White

Lie: "O sucesso e a genialidade de qualquer movimento religioso consistem em dizer aos membros aquilo que eles querem ouvir e assegurar-se de que não ouçam aquilo que você não quer que ouçam." [12] Aquilo que os estudiosos sabiam no adventismo e eram obrigados a silenciar era completamente diferente daquilo que a Adventist Review sempre alimentava à força seus leitores. Mesmo depois de quatro anos de pesquisa intensiva e de dezenas de pronunciamentos de estudiosos e dos próprios periódicos da Igreja, a Review podia dizer:

> "O uso de fontes por Ellen White foi mais amplo do que muitos haviam percebido, tanto na extensão de seus escritos quanto na quantidade de 'empréstimos'. Ao mesmo tempo, tornou-se claro que seus livros são muito mais do que compilações, que o material proveniente de outras fontes é, na maioria dos casos, uma parte menor de sua obra e frequentemente é adaptado por ela em seu uso. A comparação com o uso de fontes pelos escritores bíblicos foi estabelecida de maneira convincente." [13]

Contudo, nada havia sido convincentemente estudado, dialogado, pesquisado ou estabelecido, exceto aquilo que a Igreja estava disposta a permitir que seus membros soubessem. A censura fizera parte do adventismo desde o início e havia sido defendida como necessária e apropriada na reunião de Glendale de janeiro de 1980. [14]

A composição da comissão que me demitiu era interessante. Bradford estava ali representando a Associação Geral e o mesmo Wilson que, apenas alguns meses antes, escrevera que eu não seria demitido. E era o mesmo Bradford que havia escrito sobre o esquema Davenport:

> "Não temos aqui, na Associação Geral, conhecimento de quaisquer negócios escusos da Georgia-Cumberland com o Dr. Davenport. A Associação Geral possui políticas bem definidas referentes a investimentos, e a Associação Geral tem consistentemente incentivado nossas instituições e associações a seguirem essas diretrizes. Além disso, insistimos que todas as associações e instituições exijam de seus empregados a assinatura de declarações de conflito de interesses.

Não tenho como saber o que o pastor Cummings recebeu pessoalmente de seus investimentos. Não houve nenhuma iniciativa para retirar-lhe as credenciais ministeriais, e o convite para ingressar na Sunbelt Hospital Association foi feito na condição de conselheiro espiritual e diretor de capelães." [15]

Esse mesmo Bradford que, apenas alguns meses antes, dissera que toda vez que caminhava pelo corredor da Associação Geral alguém saía de uma porta murmurando meu nome; Bradford, que usava o "poder impressionante da Associação Geral" para ajudar a encobrir seus amigos e colegas no sistema. Ali estava o presidente da União, Blehm, cujas ligações e lucros com Davenport estavam bem documentados e mais tarde me foram enviados por alguns participantes do processo de falência. Ali estava Harold Calkins, meu próprio presidente, que fizera tudo o que podia para livrar a Associação de mim e de quaisquer outros que encontrassem falhas em sua administração financeira e que havia ajudado Davenport a estabelecer uma linha de crédito por intermédio do Glendale Adventist Hospital. Ele negou

que tal linha de crédito tivesse sido concedida até ser confrontado com as evidências e então disse que ela havia sido cancelada. Perguntei-lhe como uma linha de crédito poderia ser cancelada semanas depois de ter sido concedida e depois de Davenport tê-la usado em todo o país. Sua resposta não deu muita segurança e talvez explique parte dos problemas financeiros que aquele hospital enfrenta atualmente. Era o mesmo Harold que, meses antes, Robert Olson citara como tendo dito:

> "Os administradores do sul da Califórnia estão incomodados com Rea; Calkins poderia levar a Comissão da Associação consigo se fosse tomada a decisão de dispensar Rea. Ele está sendo mantido na esperança de salvá-lo, pois possui muitos talentos úteis." [16]

Harold, que depois foi recompensado por Wilson, foi enviado à Inglaterra para salvar o Império Britânico como presidente da União Adventista. Felizmente para a Grã-Bretanha, fracassou e voltou aos Estados Unidos para aposentar-se. Também estava ali, com seu voto, meu primeiro ancião de Long Beach, Widen Burkett; Burkett, que era um dos melhores amigos de Davenport, tinha US$ 185.000 investidos com ele e relatava a Davenport cada declaração que me ouvia fazer a respeito de seu império. Grande parte do restante da Comissão era formada por homens que, de uma forma ou de outra, deviam seus empregos ou posições na Obra a Calkins ou Blehm. Não me foi permitido ter assistência jurídica, e estava claro que apenas uma decisão seria tomada. Eles não estavam interessados em saber por que o artigo havia aparecido nem o que nele havia de útil ou positivo. Desde o início, com a ajuda de Bradford, vindo da cabeça do sistema, sua atitude era "dar-me uma audiência justa e enforcar-me" o mais rapidamente possível, e foi isso que fizeram. Poderia qualquer pessoa razoável duvidar de que Davenport também estivesse presente naquela sala por meio de sua influência e controle? Afinal, ele não havia escrito e pedido seriamente que eu fosse demitido por criticá-lo, suas ações e as ações de todos os supervendedores desonestos do ministério que eram seus cúmplices? Há muito mais evidência do que mera especulação de que tudo isso era verdadeiro. A Igreja me afastou concedendo apenas o pagamento de desligamento previsto na política, retirou meu seguro médico sabendo que minha esposa era diabética e não poderia obter outro seguro e nos obrigou a mudar da região de Los Angeles para recebermos as despesas-padrão de mudança destinadas a qualquer obreiro com nossos anos de experiência. Esperávamos chegar a algum tipo de acordo pelos anos de serviço e havíamos trabalhado tempo suficiente no sistema para que tal consideração nos fosse concedida automaticamente. As negociações caminhavam nessa direção quando o advogado da Igreja nos escreveu, depois da publicação de The White Lie e da atenção que recebeu na imprensa mundial:

> "Esta carta confirma nossa conversa telefônica da manhã de 2 de agosto de 1982, na qual informei que a Southern California Conference não considera possível chegar a um acordo com Walter Rea, pelo menos neste momento.

Os oficiais da Associação ficaram consternados ao saber, pelo artigo da revista Time de 2 de agosto de 1982, que o Sr. Rea planeja uma segunda edição de seu livro, na qual pretende acusar que os últimos livros da Sra. White foram fabricados por outras pessoas enquanto ela estava senil. Declarações desse tipo apenas convencem a Igreja de que estava certa quando encerrou o emprego do Sr. Rea.

Como as negociações de acordo já não estão em andamento, o senhor está livre para fazer o que julgar apropriado em relação às audiências que discutimos anteriormente." [17]

Essa carta foi um choque e mostrou quanto realmente valem a Igreja e sua palavra, pois apenas alguns dias antes o mesmo advogado da Igreja nos escrevera o seguinte:

"Segue anexo um rascunho do acordo proposto entre a Southern California Conference e o Sr. Rea. Por favor, examine-o e telefone-me com quaisquer comentários que possa ter.

O senhor se lembrará de que também houve discussão sobre uma carta a ser escrita a respeito da situação eclesiástica do pastor Rea. Anexo cópia de uma carta datada de 10 de maio de 1982, assinada pelo pastor Paytee e enviada ao pastor Robert Cowan sobre esse assunto. A carta foi redigida e enviada sem meu conhecimento prévio. Gostaria de seus comentários sobre se essa carta é aceitável para o senhor e para o pastor Rea.

Aguardarei seu contato, na esperança de que este assunto possa ser concluído em breve." [18]

A carta a que o advogado se referia era uma que havíamos solicitado a respeito de nossa situação perante a Igreja. Embora não tivéssemos negado nenhuma doutrina, não tivéssemos recebido disciplina em nossa linha de dever e ainda fôssemos membros praticantes, e embora a política da Igreja determinasse que deveríamos receber transferência de membresia onde quer que fôssemos, as igrejas de nossa nova região não transferiam nossa membresia. Um detalhe secundário desse processo foi que, embora eu fosse ordenado havia mais de trinta e cinco anos e nunca tivesse sido "despojado" dessa condição, agora eu era tratado como Sr. Rea, em vez de "pastor", como é costume no adventismo. Lorenzo Paytee, secretário da Southern California Conference, havia deixado claro em sua carta que não estávamos sob qualquer censura:

"Meu escritório foi solicitado a esclarecer a decisão da Comissão Executiva referente a Walter Rea.

Os procedimentos envolvendo Walter Rea e a Comissão Executiva, que resultaram no voto da Comissão de encerrar o emprego de Walter Rea e retirar suas credenciais ministeriais, não trataram da questão de sua membresia na Igreja, apenas de seu emprego.

Como o senhor sabe, a situação de um membro da Igreja é assunto da igreja local. No que diz respeito à Associação, um membro está em situação regular e de boa reputação até que a igreja da qual é membro decida corretamente o contrário. A Igreja Adventista do Sétimo Dia de Long Beach, da qual Walter Rea é membro, é o órgão adequado para julgar sua condição como membro da Igreja. Nossa Comissão Executiva julgou apenas a questão de sua aptidão para ser empregado pela denominação.

Portanto, na ausência de qualquer julgamento contrário da Igreja de Long Beach, este escritório pode declarar que Walter Rea é membro da Igreja em situação regular e de boa reputação." [19]

Outro conceito interessante surgiu a respeito do pensamento da Igreja sobre as mulheres. Minha esposa nunca foi mencionada nem considerada separadamente de minha situação. Seus sentimentos jamais foram considerados, suas posições doutrinárias nunca foram consultadas e seus desejos quanto ao futuro na Igreja nunca pareceram importar aos que examinavam meu problema.

Foi por causa dessa falta de boa-fé por parte da Igreja e de seus oficiais que decidi que somente uma medida era possível para obter reparação por aquilo que eu considerava uma situação injusta. Eu havia pedido uma nova audiência de meu caso perante a Comissão da União, direito meu segundo a política, e ela fora negada. Eu havia solicitado os benefícios de aposentadoria a que tinha direito conforme a política, e haviam sido recusados. Não havia quebrado nenhuma regra ou lei da Associação ou da Igreja e fora demitido com base em acusações que eu considerava fraudulentas e enganosas. Por causa desses fatos, escrevi ao pastor Walter Blehm, presidente da União, o seguinte:

"Estou anexando algum material que creio que o senhor deveria ler. Ele estabelecerá o tom para o restante desta carta.

Sempre procurei ser aberto e honesto com os homens com quem servi enquanto estive na Obra da Igreja. A partir do material anexo a respeito do senhor e do Dr. Davenport, eu concluiria que o senhor não foi igualmente aberto e honesto em seus negócios. Entre os homens que julgaram meu trabalho e me demitiram por minha 'influência negativa', pelo menos quatro sabiam do caso Davenport ou estavam pessoalmente envolvidos nele, o que certamente criava conflito de interesses no que dizia respeito ao meu envolvimento.

Apesar desse envolvimento, ainda assim negociei e assinei um acordo de compromisso com a Igreja por intermédio da Southern California Conference. Esse acordo era, em essência, embora não chamado assim, minha sustentação, à qual, como o senhor sabe, a política dizia que eu tinha direito aos 60 anos de idade e com 35 anos de serviço. Como também sabe, esse acordo, elaborado de boa-fé com seu advogado, foi revogado e cancelado.

Portanto, o senhor não me deixou alternativa a não ser processá-lo, processar alguns membros da Associação Geral e outras partes interessadas perante o Tribunal Federal em busca de reparação. Tenho certeza de que, quando a imprensa, a Igreja, o público e os tribunais souberem do envolvimento de pelo menos cinco presidentes, incluindo homens como Pierson, Willis Hackett, Cree Sandefur e o senhor, perceberão que, diante da confissão publicada na Ministry Magazine de junho de 1982, minha descoberta a respeito da Sra. White teve papel muito pequeno em minha demissão. Entretanto, os advogados o informarão dos detalhes. A propósito, eu teria interesse em conhecer as declarações de Ellen G. White que o senhor estava usando para orientar suas atividades pessoais quando se envolveu com o Dr. Davenport enquanto servia como oficial da Igreja." [20]

Também lhe enviei as informações adicionais.

VEJA AS 23 PÁGINAS SEGUINTES - DOCUMENTOS A A W:

Nota do editor: o manuscrito original apresenta fotocópias dos documentos originais, incluindo recibos e correspondências. Para manter um documento de texto com tamanho de arquivo menor, optei por fornecer um resumo do recibo ou uma redigitação da correspondência.

DOCUMENTO "A" - DAVENPORT A BLEHM - 15 DE MAIO DE 1978

15 de maio de 1978

W. D. Blehm 5294 Peacock Lane Riverside, CA

Prezado pastor Blehm:

Tenho em mãos sua carta datada de 12 de maio de 1978 e fiquei muito satisfeito e disposto a quitar sua participação na conta corrente de empréstimos com rendimento.

Essa conta é estruturada de modo que as datas de resgate sejam 10 de abril, 10 de agosto e 10 de dezembro. Entretanto, nunca me prendo a isso quando a pessoa precisa do dinheiro, e desejo informá-lo de que reunirei os recursos e os enviarei ao senhor em breve.

Para sua informação, essa conta é administrada de maneira muito especial, e os investimentos são feitos em instrumentos estruturados de modo que as datas de pagamento

dos juros SEJAM CONVENIENTEMENTE FIXADAS em 10 de abril, quando a maioria das pessoas precisa do dinheiro para o imposto de renda, ou em 10 de agosto, quando precisam do dinheiro para férias, e em 10 de dezembro, quando precisam do dinheiro para presentes de Natal, dízimos, ofertas, despesas de fim de ano etc.

Foi um prazer tê-lo em nossa conta de empréstimos e enviaremos esses recursos ao senhor muito em breve.

Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Donald J. Davenport, M.D.

DJD:pk

DOCUMENTO "B" - FOLHA DE RAZÃO

Nota do editor: as informações do Documento B vêm de uma folha de razão aparentemente proveniente do escritório do Dr. Davenport, indicando depósitos da Oregon Conference e os juros pagos. O manuscrito original contém uma fotocópia dessa folha de razão, e parte das informações está cortada na parte superior e no lado direito. Os centavos dos valores em dólares correspondentes aos juros pagos não estão visíveis:

5394 Peacock Lane, Riverside, CA 91500

DATA DA NOTA | NOTA | CÓDIGO | VALOR | Nº DE REFERÊNCIA | JUROS | PRINCIPAL | SALDO
13/05/1975 | SIM | 212dr | 8.000 | CR7 | | | 8.000,00
23/09/1975 | SIM | 99da | 2.000 | CR15 | | | 10.000,00

Permitir que os juros se acumulem.

JUROS AUFERIDOS - FIM DO ANO | VALOR | PAGO | SALDO
31/12/1975 | 844,11 | 15% | 844,10
31/12/1976 | 2.067,19 | 16% | 2.911,30

Recomendado pelo pastor Massengill Presidente da Southwestern Calif. Conf. (inclui a Igreja de Garden Grove)

DOCUMENTO "C"

W. D. e/ou Shirley L. Blehm 4-Peacock Lane, Riverside, CA 92505

DATA | (DESCRIÇÃO) | REF. | DÉBITO | CRÉDITO | SALDO
16/02/1978 | Franale 203 (ilegível) | $26,81 | | | $20.000,00
16/04/1978 | | $32,06 | $300,00 | | $20.000,00
23/06/1978 | Quitado integralmente $20.365,00 | $39,04 | $365,00 | $20.000,00 | $0,00
| | | $665,00 | |

DOCUMENTO "D"

US$ 2.000,00 23 de setembro de 1975

Em 31 de dezembro de 1977, sem prazo de tolerância, prometemos pagar à ordem de W. D. Blehm e/ou Shirley T. Blehm, no endereço 829 N.E. 168th Pl., Portland, Oregon 97230, a quantia de dois mil dólares e 00/100, por valor recebido, com juros a partir desta

data à taxa de 10% ao ano até o pagamento. Principal e juros pagáveis em moeda legal dos Estados Unidos, com juros de dez por cento ao ano em 31 de dezembro, começando em 31 de dezembro de 1975 e continuando até 31 de dezembro de 1977; nessa data, todo o saldo de principal e juros ainda não pago vencerá e será exigível. Caso seja ajuizada ação para cobrar esta nota ou qualquer parte dela, prometemos pagar a quantia adicional que o Tribunal considerar razoável a título de honorários advocatícios na referida ação.

Donald J. Davenport

Patricia A. Davenport

Testemunha: Sylvia Ramer

DOCUMENTO "E"

US$ 5.000,00 30 de maio de 1976

Em 31 de dezembro de 1977, sem prazo de tolerância, prometemos pagar à ordem de S. D. Blehm e/ou Shirley T. Blehm, no endereço 5294 Peacock Lane, Riverside, Califórnia 92505, por valor recebido, com juros a partir desta data à taxa de dez por cento ao ano até o pagamento. Principal e juros pagáveis em moeda legal dos Estados Unidos, com juros de dez por cento ao ano em 31 de dezembro, começando em 31 de dezembro de 1976 e continuando até 31 de dezembro de 1977; nessa data, todo o saldo de principal e juros ainda não pago vencerá e será exigível. Caso seja ajuizada ação para cobrar esta nota ou qualquer parte dela, prometemos pagar a quantia adicional que o Tribunal considerar razoável a título de honorários advocatícios na referida ação.

Donald J. Davenport

Patricia A. Davenport

Sylvia Ramer

Testemunha

DOCUMENTO "F"

US$ 8.000,00 13 de maio de 1975

Em 31 de dezembro de 1977, sem prazo de tolerância, prometemos pagar à ordem de W. D. Blehm e/ou Shirley L. Blehm, ou à ordem destes, no endereço 829 N.E. 168th Pl., Portland, Oregon 97230, a quantia de oito mil dólares e 00/100, por valor recebido, com juros a partir desta data à taxa de dez por cento ao ano até o pagamento. Principal e juros pagáveis em moeda legal dos Estados Unidos, com juros de dez por cento ao ano em 31 de dezembro, começando em 31 de dezembro de 1975 e continuando ATÉ 31 de dezembro de 1977; nessa data, todo o saldo de principal e juros ainda não pago vencerá e será exigível. Caso seja ajuizada ação para cobrar esta nota ou qualquer parte dela, prometemos pagar a quantia

adicional que o Tribunal considerar razoável a título de honorários advocatícios na referida ação.

Donald L. Davenport

Patricia A. Davenport

Sylvia Ramer

Testemunha

DOCUMENTO "G" - COMPROVANTE BANCÁRIO DO CHEQUE Nº 2681

Cheque nº 2681 90-2669 1222

Donald J. Davenport, M.D. Escritório de Long Beach
Conta do escritório American City Bank
P.O. Box 7037 213-427-7458 5199 E. Pacific Coast Highway
Long Beach, Calif. 90807 Long Beach, California 90804
Pagar - novecentos e quarenta e cinco dólares e 06/100 - US$ 945,06

Pagar à ordem de:

W. D. Blehm ou Shirley L. Blehm

NÃO NEGOCIÁVEL

1222-2669: 592014580

Donald J. Davenport, M.D. Long Beach, Calif.

DATA | DESCRIÇÃO | VALOR | DISTRIBUIÇÕES - Nº DA CONTA/VALOR
| Principal e juros, 31/12/77 | 20.598,00 |
| Juros até 10/02/78 | 347,06 |
| | 20.945,06 | Débito 203
| | 20.000,00 | Crédito 213 - US$ 945,06
| Transferência para conta a 9% em 10/02/78 | |

Funcionário: favor devolver 3 notas pagas.

DOCUMENTO "H" - CARTA DA PACIFIC UNION CONF. AO DR. DAVENPORT - 22 DE JULHO DE 1977

22 de julho de 1977

Pacific Union Association of Seventh-day Adventists 2686 Townsgate Road Westlake Village, California 91361

Donald J. Davenport, M.D. P.O. Box 7037 Long Beach, California 90807

Prezado Don:

Em harmonia com minha conversa com você, a Comissão de Investimentos votou nesta manhã utilizar a conta poupança conjunta do Union Bank apenas em conjunto com um empréstimo aprovado por nós, com os recursos da conta poupança a serem sacados à medida que a construção avançasse.

Lamento que a Comissão não tenha considerado possível abrir as contas poupança conjuntas em nenhuma outra base.

Enquanto isso, gostaria que mantivéssemos aqui os cartões de assinatura do banco, caso nossa política percentual para empréstimos garantidos por primeira hipoteca nos permita financiar outro de seus projetos?

Temos apreciado fazer negócios com você ao longo dos anos, Don, e esperamos trabalhar com você no futuro.

Passe para nos ver sempre que tiver ocasião de estar em nossa região. Há bons lugares nas proximidades para almoçar!

Atenciosamente,

Ernest L. Herr Gerente de Fundos

ELH:glb

DOCUMENTO "I" E DOCUMENTO "J"

25 de julho de 1977

Ernest L. Herr Gerente de Fundos Pacific Union Association of SDA 2686 Townsgate Village, CA 91361

Prezado Ernie:

Foi bom receber sua carta datada de 22 de julho de 1977.

Depois que falei com você na semana passada, fui de fato ao Union Bank e abri quatro contas poupança, como havíamos feito anteriormente, e depositei US$ 10,00 em cada uma, que era o mínimo necessário para iniciar essas contas.

Você se recorda de que eu tinha um propósito muito específico para isso. A saber, eu deveria tornar-me sócio neste projeto de condomínios de US$ 47.000.000 em Century City. Isso exigia que eu aportasse US$ 1.000.000 em dinheiro ou US$ 1.000.000 em cartas de crédito.

Ernie, você sabe que não sou de esperar até o último minuto, por isso fui ao Union Bank, mesmo antes de você depositar quaisquer recursos, pedir uma carta de crédito de US$ 1.000.000, e eles a estavam processando; mas também fui à George Elkins Company, que conheço muito bem, e falei com o próprio George Elkins. Ele me disse que eu deveria ir ao Lloyds Bank, em Westwood, e que faria uma apresentação para mim.

Fui ao Lloyds Bank, e o Sr. Elkins estava lá e me apresentou aos principais executivos, que concordaram em emitir imediatamente a carta de crédito. Passei, então, a ter a possibilidade de duas cartas de crédito e já não estava sob qualquer urgência para criar essas contas poupança bancárias conjuntas, que teriam representado para mim alguma vantagem material, embora mínima, na obtenção da carta de crédito.

Recebi na semana passada um telefonema do Sr. Larry Eisele, vice-presidente regional do Union Bank, pedindo que eu fosse vê-lo. Na ocasião, ele me disse que haviam aprovado minha carta de crédito independentemente de qualquer outra coisa que eu tivesse de fazer.

Ernie, eu sugeriria que, por enquanto, você mantivesse os cartões de assinatura do banco. Entretanto, neste momento eu não o incentivaria a enviar qualquer dinheiro para essas contas poupança bancárias conjuntas.

Sei que ajo com bastante rapidez, mas essa é uma das razões do meu sucesso e, quando lhe telefonei, esperava que você pudesse depositar US$ 1.000.000 em poupança, ou alguma parcela desse valor, sobre a qual obteria retorno de 9%, e isso me daria algum "peso" em minhas negociações com o Union Bank. Entretanto, aparentemente isso foi desnecessário, porque o Union Bank aprovou minha carta de crédito sem que eu precisasse fazer nada, o que considero positivo.

Ernie, isso não significa que você não deva enviar dinheiro posteriormente. Mas, aparentemente, segundo a política de sua comissão, parece que você teria de ter mais investimentos comigo e, no momento, os investimentos telefônicos são muito poucos e muito espaçados entre si.

Eu costumava apresentar uma ou duas propostas por mês. Agora apresento uma a cada dois ou três meses.

Eu preferiria que você simplesmente mantivesse os cartões de assinatura do banco e, caso sua política percentual para empréstimos garantidos por primeira hipoteca mude, poderemos retomar nossa conversa. Mas, neste momento, não haveria motivação de minha parte para pagar-lhe retorno garantido de 9% sobre uma conta poupança. Eu receberia apenas 5%, e haveria um custo diferencial de 4% que não me traria qualquer vantagem material.

Tenho certeza de que você sabe tão bem quanto sua comissão, ou melhor do que ela, que investimentos e finanças constituem um programa muito dinâmico e que descobri que preciso tomar minha decisão de agir rapidamente, dentro de duas ou três horas, caso contrário as oportunidades se perdem.

Hoje estou apresentando proposta para um grande prédio de telefonia em Michigan e provavelmente saberei dentro de uma semana se o conseguirei ou não. Não o estou apresentando a você porque ficará na faixa de US$ 3.000.000 e sei que isso não se enquadraria em suas exigências percentuais.

Já tenho compromisso de empréstimo de uma companhia de seguros de vida no valor de 8-3/8% por 25 anos, se eu conseguir o projeto, e isso é inferior ao retorno que ofereci a qualquer grupo da Igreja em muitos, muitos anos.

Por favor, mantenha contato comigo, Ernie, e farei o mesmo com você.

Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Donald J. Davenport, M.D.

DJD:pk

DOCUMENTO "K" E DOCUMENTO "L"

DONALD J. DAVENPORT, M.D. Empreiteiro Geral Investimentos Imobiliários

9501 Wilshire Blvd.
Suite 812
Beverly Hills, CALIF 90210

3711 Long Beach Blvd.
Suite 804
Long Beach, CALIF 90807

8 de março de 1979

Dr. J. W. Cassell, Jr., presidente PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508

Prezado Jack:

Sua carta de 2 de março de 1979 não exigia resposta, mas foi bom conhecer todos vocês. Fiquei satisfeito por conseguir pensar em um plano que poderia representar grande fonte de renda para vocês.

Confirmei com dois bancos depois que falei com você, de modo que, se um banco não cumprir por qualquer razão, teremos uma alternativa. Em tempos de dinheiro escasso, as pessoas podem fazer promessas - especialmente os bancos - e depois demorar muito para liberar os recursos.

Não posso enfatizar com força suficiente que não existe política aplicável ao que estou ajudando vocês a realizar. Qualquer ação de comissão interpretaria isso como se eu estivesse desesperado e tentando levantar dinheiro. Isso é 100% errado. Quero, sim, levantar dinheiro para ajudar a faculdade; quero, sim, levantar dinheiro para empréstimos estudantis. Este plano fará isso.

Não conheço nenhuma norma nos regulamentos da Igreja que diga que vocês não podem colocar dinheiro em uma conta poupança. Sua única obrigação é colocar esse dinheiro numa conta poupança em um banco que eu lhes indicar. Farei com que o banco me entregue a ficha de retirada declarando que será necessária minha assinatura e quaisquer duas assinaturas de vocês para retirar o dinheiro. Foi exatamente assim que fizemos com o dinheiro da Pacific Union Conference Association que estava sob responsabilidade do Sr. Ernest Herr.

A razão pela qual o Sr. Herr sugeriu duas assinaturas da Associação foi que, caso ele estivesse fora da cidade, o presidente, o tesoureiro ou outro oficial pudesse retirar o dinheiro. Uma vez que vocês coloquem o dinheiro na conta poupança e eu lhes envie a ficha de retirada

- o que ocorrerá no mesmo dia -, vocês terão controle de 100% do dinheiro. Eu não poderei tocá-lo. Sempre que quiserem retirar o dinheiro, bastará enviar a ficha de retirada e o dinheiro será enviado imediatamente.

Estou sempre procurando maneiras criativas de ajudar a Igreja. Este programa ajudou a Pacific Union Conference Association, também conhecida como PUC Fund; eles chegaram a ter até US$ 3.000.000 nele. No momento, a North Pacific Union possui uma pequena conta sob este programa e a Montana Conference mantém dois fundos fiduciários de maneira semelhante. Portanto, o programa não é irregular - apenas benéfico.

Dr. J. W. Cassell, Jr. PACIFIC UNION COLLEGE 8 de março de 1979

Página dois

Eu agradeceria se você não discutisse isso de maneira muito ampla. Como administro dinheiro para 22 entidades diferentes da Igreja, todas elas desejariam que eu fizesse algo assim por elas. Não tenho dinheiro, disposição nem negócios suficientes para atender 22 organizações. Posso, entretanto, fazê-lo para quatro organizações.

Espero que, quando fizer sua visita às reuniões do conselho da Pacific Union Conference, tenha a gentileza de me avisar com um dia de antecedência e passar em meu escritório, para que possamos colocar tudo em dia.

Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Donald J. Davenport, M.D.

DJD/nh

DOCUMENTOS "M" E "N"

DONALD J. DAVENPORT, M.D. EMPREITEIRO GERAL INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS

9501 WILSHIRE BLVD.
SUITE 812
BEVERLY HILLS, CALIF 90210
213-275-5142

3711 LONG BEACH BLVD.
SUITE 804
LONG BEACH, CALIF 90807
213-427-7458

15 de março de 1979

J. W. Cassell, Jr., Ph.D.; presidente PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508

Prezado Dr. Cassell:

Fiquei satisfeito em reunir-me com o senhor e com os quatro cavalheiros que vieram acompanhá-lo. Considerei a reunião informativa e proveitosa.

Nesse meio-tempo, entrei em contato com o First Los Angeles Bank e o United California Bank para confirmar que eu obteria "benefício" com os depósitos que lhes levaria e colocaria em seus bancos. Embora eu soubesse o tempo todo que funcionaria dessa maneira, confirmei.

Estou disposto a colocar por escrito, nesta carta, que, para cada US$ 100.000 que vocês depositem numa conta poupança conjunta em um banco sobre o qual concordemos mutuamente, pagarei a diferença entre a taxa da caderneta e dez por cento. Dessa forma, vocês sempre receberão não menos que dez por cento.

Se depositarem US$ 200.000 e deixarem o dinheiro por dois anos, farei uma contribuição de US$ 50.000 para uma construção ou fundo de sua escolha. Se depositarem a mesma quantia por um ano, farei uma contribuição de US$ 25.000. Também farei o máximo possível para tentar gerar algumas bolsas de estudo, assunto que discutimos detalhadamente e que seria realizado mais facilmente se trabalhássemos com o American City Bank. Entretanto, por enquanto, até que essa "Lei Bert Lance" seja plenamente compreendida, eu preferiria direcionar as contas poupança ao United California Bank e ao First Los Angeles Bank.

Mesmo que minhas chances de conseguir uma bolsa de estudos no valor de US$ 20.000 provavelmente não sejam tão grandes quanto seriam com o American City Bank, isso significa apenas que trabalharei duas vezes mais para tentar conseguir US$ 20.000. Posso ter sucesso, ou não. Eu também poderia - e vocês não podem me cobrar isso, mas podem pensar a respeito - contribuir pessoalmente para as bolsas, caso não consiga gerar os recursos junto aos bancos. Todos entendemos que a bolsa é um bônus, ou benefício adicional, mas a outra questão mencionada acima constitui compromisso definido de minha parte.

Sinto-me muito bem com esse arranjo. Ele dará à Igreja máxima segurança, máxima liquidez e máximo controle e, ainda assim, permitirá que eu me beneficie dos recursos. Isso, por sua vez, me ajudará em meus dízimos, ofertas e contribuições. Obviamente, contribuirei para as áreas que me ajudam

J. W. CASSELL, JR. 15 DE MARÇO DE 1979

PÁGINA DOIS

ainda mais.

Por favor, traga a qualquer momento seus amigos ou membros do Conselho para me visitar, e poderemos fazer um "pequeno lanche" no restaurante La Scala. Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Donald J. Davenport, M.D.

DJD/nh

DOCUMENTO "O"

NOTA DO EDITOR: na fotocópia original do manuscrito, este documento é uma reprodução de difícil leitura de duas partes de um cheque do Pacific Union College ao Dr. Davenport no valor de US$ 200.000 - primeiro, o comprovante indicando a finalidade do pagamento, seguido do próprio instrumento, aparentemente fotocopiado antes que o cheque fosse destacado do comprovante:

12-04-79 Cheque nº 88240 01-00-000-0-01-0163-00 200.000,00 Para investimento.

Pacific Union College Angwin, California 94508 Bank of America Angwin, CA 94508

Donald J. Davenport, M.D.

Data: 12-04-79 88240 **200.000,000 068240-1210-0035-07989-00020

DOCUMENTOS "P" E "Q"

PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508 / Telefone (707) 965-6211

12 de abril de 1979

Gabinete do Presidente

Donald J. Davenport, M.D. P.O. Box 7037 Long Beach, CA 90807

Prezado Don:

Como discutimos por telefone, apresentei sua proposta nesta manhã à Comissão Executiva de nosso Conselho de Curadores. O conselho votou por unanimidade prosseguir conforme discutimos, o que procurarei resumir brevemente da seguinte maneira:

Entendemos que a conta deverá ser uma conta poupança conjunta no United California Bank, em seu nome e no da Pacific Union College Association. Serão exigidas duas assinaturas para retiradas. Uma assinatura seria a sua e a segunda, a de um dos oficiais do Pacific Union College.

Entende-se que a caderneta de poupança ficará em poder da Faculdade e que o senhor assinará uma ou mais fichas de retirada, de modo que, na prática, a escola possa retirar os recursos a qualquer momento.

Entendemos que os recursos depositados na conta conjunta continuarão sendo recursos do Pacific Union College e que esta transação não deverá ser considerada um empréstimo. Trata-se de uma acomodação pelas razões que discutimos juntos, mediante a qual estamos

depositando recursos no United California Bank na conta conjunta e mantendo o controle dos recursos por meio da caderneta de poupança e das fichas de retirada assinadas.

Entendemos que esse esclarecimento é necessário para que não haja qualquer dúvida quanto à propriedade dos recursos no improvável caso de seu falecimento ou de alguma outra situação em que a propriedade dos recursos possa ser questionada.

Nossa intenção neste momento é deixar os recursos depositados por dois anos ou mais; entretanto, entende-se que, caso em nossa opinião se torne necessário, os recursos poderão ser retirados a qualquer momento, mediante a cortesia de avisá-lo.

Em consideração ao nosso depósito dos recursos na conta conjunta conforme sua orientação, o senhor gentilmente concordou em pagar a diferença

Donald J. Davenport, M.D.

Página 2

da taxa de juros de modo que o retorno líquido para a Faculdade seja de 10% ao ano sobre os recursos depositados.

A terminologia sugerida por nosso advogado é que o senhor concorde, em seu próprio nome e em nome de herdeiros, cessionários ou beneficiários, em não fazer qualquer reivindicação direta ou indireta sobre os recursos.

Creio, Don, que isso coloca por escrito o acordo a que você, Bob, Tom Hopmann e eu chegamos durante nossa conversa telefônica aproximadamente uma semana atrás.

Quero novamente dizer o quanto apreciamos seu interesse no Pacific Union College e o papel tão ativo e importante que desempenha na educação cristã.

Meus melhores votos a você e à Sra. Davenport.

Atenciosamente,

J. W. Cassell

J. W. Cassell, Jr.

Presidente

JWC/eh

Esta carta confirma meu acordo.

Donald J. Davenport

Donald J. Davenport

DOCUMENTOS "R" E "S"

DONALD J. DAVENPORT, M.D. EMPREITEIRO GERAL INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS

9501 Wilshire Blvd.
Suite 812
Beverly Hills, CALIF 90210
213-275-5142

3711 Long Beach Blvd.
Suite 904
Long Beach, CALIF 90807
213-427-7458

15 de março de 1979

J. W. Cassell, Jr., presidente PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508

Prezado Jack:

Espero que a maneira como Tom Hopmann e eu tratamos o depósito inicial de US$ 200.000 tenha sido satisfatória para você. Senti que fizemos exatamente da maneira como havíamos apresentado, e sempre quero fazer as coisas corretamente.

Estou lhe escrevendo esta carta para que a coloque em seu arquivo e complemente aquilo de que estamos tratando. Como você sabe, precisamos mantê-lo a uma "distância de plena independência" do programa bancário. Isso é para que não se possa interpretar que o banco está me contratando para fazer depósitos bancários.

Em 13 de abril de 1979, você depositou duzentos mil dólares em uma conta conjunta de Donald J. Davenport, M.D., e Pacific Union College. Doze meses a partir dessa data, ou em ou antes de 13 de abril de 1980, enviarei a você dois cheques. Um cheque será no valor de US$ 20.000, o que representa retorno de 10% sobre US$ 200.000 por um período de um ano. Também lhe enviarei uma contribuição de US$ 25.000, que representa uma contribuição de 12,5% sobre duzentos mil dólares. Isso perfaz um total geral de US$ 45.000 e resulta para você em retorno líquido de 22,5% ao ano.

Também estou tentando desenvolver algumas ideias para um programa de bolsas de estudo, mas não sei exatamente como isso funcionará, visto que os US$ 200.000 foram depositados no United California Bank, e não no American City Bank. Eu lhe disse que trabalharia arduamente nisso por você e assim farei.

A mecânica disso é a seguinte:

A cada período de pagamento de juros, retirarei os juros do United California Bank, que são pagos trimestralmente, e os colocarei em meu capital operacional. Será algo entre 5% e 5-1/4%. Não tenho certeza neste momento, mas sei que não será superior a 5-1/4%.

Isso é totalmente independente dos cheques que você receberá em 13 de abril de 1980.

É perfeitamente concebível, embora eu não queira ficar obrigado a isso, que, ao me aproximar do fim de 1979, eu considere vantajoso, por razões fiscais,

fazer minhas contribuições naquela ocasião. Se esse for o caso, depois de consultar meu contador, enviarei pelo correio dois cheques totalizando US$ 45.000 em ou antes de 31

de dezembro de 1979. Se não houver vantagem fiscal para mim, então os enviarei em ou antes de 13 de abril de 1980.

Esses recursos não estão dados em garantia, não possuem garantia cruzada e não me foram emprestados. São recursos que vocês depositaram no United California Bank como parte de uma operação conjunta. Os recursos pertencem integralmente a vocês em todos os momentos.

Será de seu interesse saber que o gerente do United California Bank, Sr. Paul Roth, já me informou que minhas taxas de juros de empréstimos começarão a cair. Isso é bastante benéfico para mim.

Creio que esta será a última correspondência que preciso escrever a respeito dos mecanismos desta transação. Agradeceria se colocasse esta carta em seu arquivo, para que tenha fácil acesso a ela. Estou registrando em meu arquivo de datas que, em ou antes de 13 de abril de 1980, enviarei os dois cheques, totalizando US$ 45.000, e eles serão identificados como contribuições.

Também estou enviando uma cópia desta carta para meu escritório de Long Beach, onde minha gerente de escritório, Sylvia Ramer, trabalha com meu contador em todas as minhas transações.

Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Don

Donald J. Davenport, M.D.

DJD/nh

c/c: Sylvia Ramer

DOCUMENTO "T"

PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508 / Telefone (707) 965-6304

Escritório de Relações e Desenvolvimento da Faculdade 19 de maio de 1981

Donald J. Davenport, M.D. 9501 Wilshire Boulevard, Suite 812 Beverly Hills, CA 90210

Prezado Don:

Estivemos verificando nossos registros referentes aos juros sobre os recursos que depositamos no Imperial Bank.

Já se passaram 14 meses desde sua última doação para nós, completando a diferença entre os juros da caderneta de poupança pagos pelo banco e 25%.

Como você se recorda, seu compromisso de doação de US$ 25.000 qualificou o Pacific Union College para o BECA Challenge Fund de US$ 79.000 neste ano. Sei que isso não deveria representar valor adicional, mas sim a diferença de juros. Os ex-alunos cumpriram esse desafio com contribuições ao fundo anual no valor de US$ 145.000, com participação de 16%, ou 1.200 ex-alunos.

Agora precisamos comprovar ao conselho da BECA que sua parte da doação foi recebida; então eles nos pagarão a parte deles. Assim, mais uma vez estamos obtendo benefício em dobro de sua consideração.

Creio que Bob Strickland já lhe escreveu indicando que a Faculdade precisará retirar os US$ 200.000 do Imperial Bank em 30 de junho.

Don, não consigo dizer o quanto isso me faz sentir mal. Quero acrescentar recursos a esse fundo, não retirá-los. Na verdade, tenho trabalhado com nosso Comitê dos 100 tentando encontrar alguma solução, mas, até agora, ainda não a desenvolvi.

De qualquer maneira, queria que soubesse o quanto apreciamos tudo o que você fez pelo PUC e o que está fazendo agora.

Aguardarei notícias suas em breve.

Atenciosamente,

Don Coles Don J. Coles, Ed.D. Vice-presidente de Desenvolvimento da Faculdade

DJC:j

DOCUMENTO "U"

DONALD J. DAVENPORT, M.D. EMPREITEIRO GERAL INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS

9501 Wilshire Blvd.
Suite 812
Beverly Hills, CALIF 90210
213-275-5142

3711 Long Beach Blvd.
Suite 904
Long Beach, CALIF 90807
213-427-7458

22 de maio de 1981

Dr. Don J. Coles Vice-presidente de Desenvolvimento da Faculdade Pacific Union College Angwin, CA 94508

Prezado Don:

Recebi sua carta datada de 19 de maio de 1981 e fiquei satisfeito em comunicar-me com você, mas lamentando que não pudesse aproveitar aquilo que considerei uma oportunidade incomum. Às vezes, a vida é assim e precisamos aceitá-la dessa maneira.

Sou grande defensor de canalizar dinheiro de volta para a Igreja, mas especialmente para as áreas que me ajudaram a ganhar o dinheiro. Essa é uma das razões pelas quais procurei vocês.

Recebi a adjudicação para construir estas três novas agências postais, com preços variando de US$ 90.000 a US$ 387.000, e já as vendi para entrega após a conclusão. Elas me proporcionarão bom lucro. Também estou apresentando propostas para cinco novos prédios de telefonia, totalizando mais de seis milhões de dólares, e para outras dez agências postais. Portanto, você pode ver que estou muito, muito ocupado e procurando dinheiro de todas as maneiras.

Meu dinheiro chega quando os edifícios são construídos e vendidos.

Don, por favor, mantenha contato comigo e, sempre que estiver na região de Los Angeles, avise-me com antecedência e almoçaremos juntos.

Com as mais cordiais saudações pessoais.

Atenciosamente,

Don

Donald J. Davenport, M.D.

DJD/pjr

c/c: Sra. Sylvia Ramer, gerente do escritório de Long Beach

DOCUMENTOS "V" E "W"

PACIFIC UNION COLLEGE Angwin, California 94508 / Telefone (707) 965-6304

Escritório de Relações e Desenvolvimento da Faculdade 6 de julho de 1981

Donald J. Davenport, M.D. Empreiteiro Geral 9601 Wilshire Boulevard, Suite 812 Beverly Hills, CA 90210

Prezado Don:

Acabo de falar com sua secretária e tentarei ligar novamente, mas, enquanto isso, escreverei uma carta.

Apreciei sua carta de 22 de maio em resposta à minha. Escrevi-lhe a respeito dos juros sobre os recursos que havíamos depositado no Imperial Bank. Mas, como você não mencionou um pagamento ao PUC referente à diferença de juros, pensei que deveria entrar em contato novamente.

Receberemos do Imperial a taxa da caderneta, que certamente é muito inferior ao que poderíamos ter recebido com certificados; mas sua oferta para nós superava até mesmo a taxa

dos certificados, por isso ficamos felizes em depositar o dinheiro, de modo que isso representasse vantagem para você e para nós.

Do nosso ponto de vista, era um acordo perfeito. Agora precisamos saber quando podemos esperar um cheque seu, que será uma doação e totalmente dedutível para fins fiscais. É muito importante para nós receber esse dinheiro o mais rapidamente possível, uma vez que nosso desafio do BECA Fund se baseou nessa doação, e nós cumprimos o desafio, o que nos qualifica para receber recursos da BECA, desde que, naturalmente, você, o principal promitente que nos qualificou, cumpra seu compromisso.

Também achei que isso era um arranjo inteligente, já que você faria essa doação de qualquer maneira em razão de nosso depósito no Imperial Bank. Naturalmente, a outra razão pela qual estamos interessados em receber o cheque é que teríamos obtido muito mais renda de juros se tivéssemos depositado nosso dinheiro em certificados ou títulos do Tesouro. Creio que você compreende nossa preocupação e, como não mencionou isso em sua carta, quero acompanhar a questão. Não pretendo incomodá-lo com isso, mas é muito importante para nós aqui.

Não sei se já ouviu, mas estou me transferindo para o Glendale Adventist Medical Center em meados de agosto. É difícil deixar o Pacific

Assunto: doação dedutível de impostos

Union College, pois estou aqui há 22 anos e realmente acredito na escola e em todos os seus projetos, mas tenho uma oportunidade incomum no Glendale Adventist Medical Center, trabalhando com Don Prior, e sinto que este é o momento de me transferir.

Don me assegurou que continuarei trabalhando com você em Glendale; isso fará parte de minhas responsabilidades e estou ansioso por isso.

Com os melhores votos, permaneço

Atenciosamente,

Don Coles Don J. Coles, Ed.D. Vice-presidente de Desenvolvimento

DJC:j

Fim dos documentos.

Veja a página seguinte para continuar a leitura.

A carta produziu efeito. É preciso lembrar que o caso Davenport e a Igreja ainda não haviam chegado plenamente às notícias nacionais nem aos membros da Igreja, e todos esses homens estavam se movimentando para adotar uma postura pública e colocar a maior

distância possível entre si e o escândalo que haviam ajudado a criar, mas que ainda esperavam que, de algum modo, pudesse ser contido. Depois de meses e meses de negociação, atraso e frustração, e de muitas cartas e reuniões contraditórias, menos de três semanas depois chegou de meu advogado, James Wagner, a seguinte carta de acordo:

"Segue anexo o Acordo de Transação e o cheque. Também segue anexa cópia de uma carta de Bob Paterson que ajuda a explicar o entendimento da Igreja sobre o acordo.

A melhor linha de conduta para você é evitar expressamente comentários sobre sua demissão e quaisquer comentários negativos a seu respeito feitos por líderes da Igreja antes de 2 de novembro de 1982.

Um exemplo importante seria até mesmo reconhecer que Blehm participou da demissão e era investidor de Davenport. Isso sugere uma conexão e viola o espírito do acordo.

Também não fique paranoico. Embora a violação do acordo o tornasse responsável por quebra de contrato, é necessário que haja violação expressa. Tive o cuidado de fazer com que a Igreja preparasse o documento porque, em um caso duvidoso, qualquer ambiguidade será interpretada contra a parte que preparou o documento.

Enquanto isso, eles sabem que acreditamos que você está livre para comentar sobre EGW e Davenport.

Agora que sua tese dos supervendedores está publicada e agora que reconhecemos operacionalmente que você foi demitido pelo motivo eclesiástico de que eles consideravam que você exercia influência negativa sobre uma importante doutrina da Igreja, recomendo que seja particularmente escrupuloso em manter-se concentrado nas questões.

Como estou feliz que este capítulo tenha terminado." [21]

A referência do advogado aos comentários negativos dos dirigentes da Igreja a meu respeito foi verdadeiro obstáculo para que eu assinasse qualquer acordo. A história da Igreja, de qualquer igreja, mostrará que, quando os fatos não podem ser refutados, a instituição recorrerá a difamações e mentiras sobre aquele que considera seu oponente. As coisas que começamos a ouvir a respeito de nossa vida e de nosso trabalho na Igreja ficaram tão ruins que, na Austrália, em 1981, senti-me obrigado a escrever a Robert Olson, do White Estate, e à Associação Geral a seguinte carta:

> "Como o senhor sabe, estou seguindo seu percurso pela Austrália nos fóruns adventistas. Não é possível expressar o choque que experimentei diante de algumas das declarações que o senhor deixou registradas a respeito de minha personalidade e de meu trabalho anterior na Igreja. O senhor não apenas revelou a superficialidade de seu cristianismo, mas também rebaixou e continua rebaixando sua posição na Igreja. O senhor tem todo o direito de discordar de minhas conclusões, mas não tem o privilégio de difamar meu caráter.

Portanto, a partir da data desta carta, se chegar ao meu conhecimento, sob qualquer forma, que o senhor continuou essa prática, instruirei o advogado a mover ação contra o senhor, o White Estate e a Igreja Adventista do Sétimo Dia por dano malicioso e difamação de caráter. O senhor deveria ter a oportunidade de provar, em um tribunal, as falsidades perversas que afirma conhecer a meu respeito e sobre meu passado.

Foi interessante descobrir que a Igreja Adventista sempre recorreu à difamação e às mentiras contra aqueles que não consegue controlar ou silenciar. O próprio senhor fez isso tanto com Ford quanto comigo. Também é interessante ouvi-lo começar a fazer isso com o pastor Cottrell e agora iniciar o mesmo com Fred Veltman. O senhor não tem vergonha?

Não deve haver qualquer dúvida quanto aos limites a que chegou minha paciência. Se não deseja ser exposto à imprensa mundial e à Igreja que professa amar e procurar proteger como alguém irresponsável, então, para seu próprio bem e para o bem deles, por favor, tente exercer algum autocontrole sobre sua boca." [22]

Sempre sustentei que eu era amigo e membro da Igreja. Nos casos Davenport e Ellen G. White, ambos os problemas poderiam ser ajudados, e não prejudicados, por uma exposição honesta e franca dos fatos e por um plano determinado e sincero de mudar o registro daquele passado em direção a um futuro mais avançado e verdadeiro. Afinal, os membros da Igreja haviam sido ensinados a perdoar e, se nós, como líderes, fôssemos honestos quanto a nossos erros ou à má administração dos detalhes do passado, só poderíamos ser perdoados e merecer confiança no futuro se reconhecêssemos essas falhas e tomássemos medidas para corrigi-las e assegurar que os abusos não se repetissem. Se eu estivesse errado, ou tivesse estado errado, nos dois casos, então um tribunal deveria ter decidido isso, e eu deveria e poderia ter sido exposto como o canalha que seria. Poderia ter sido e ainda seria muito simples resolver ambas as questões em favor da honestidade e da justiça. Se a Igreja me tivesse levado, ou me levasse, a um tribunal federal, então todos os registros dos depoimentos do caso Davenport poderiam, por meio da Freedom of Information Act, ser retirados à força de seus arquivos e os membros da Igreja poderiam ver se a punição fora ajustada ao crime. Se as evidências mostrassem que alguns críticos da Igreja, como eu, estavam errados, então também seríamos expostos por aquilo que eles diziam que éramos.

O mesmo método poderia ser usado para resolver a questão de Ellen G. White. Se o comitê que se reuniu comigo em Glendale tivesse recebido permissão do PREXAD para continuar seu trabalho comigo e tivéssemos seguido salvaguardas e cronogramas razoáveis para a divulgação do material, a Igreja poderia ter conhecido aquilo que a maioria dos estudiosos já sabia e que logo aprenderia, apesar da proibição imposta pela Igreja às

informações. Mas não seria assim, pois a Igreja sempre acreditou em censura e encobrimento, como detalhado na edição de outono da Free Inquiry. Sua primeira linha de defesa parece ser o engano. Mas o que o público poderia esperar de mentes assombradas pela crença de que serão odiadas por todos os parentes que não compartilham seu complexo de perseguição e seu sábado; de que serão torturadas por todos os católicos; martirizadas por todos os protestantes; abandonadas por todos os governos; e, finalmente, por causa de toda essa atenção, exaltadas a algum céu elevado e distante, onde estarão sozinhas ao lado de Deus, partilhando a bem-aventurança com outros 144.000? [24]

Uma última observação de um capítulo longo e triste. Quando o cheque do acordo foi recebido, escrevi pedindo que, por razões tributárias, para que o valor total não fosse consumido por honorários advocatícios e impostos, me fossem concedidas as considerações ministeriais de que eu havia desfrutado por quase quarenta anos; isto é, situação de isenção fiscal sobre auxílio-moradia pastoral, despesas médicas, viagens, educação etc. Embora eu tivesse recebido garantias do I.R.S. de que esses privilégios ainda estavam disponíveis para mim, a questão só foi resolvida quando voltei a tratar com a Igreja por meio do advogado, em memorando do escritório jurídico de fevereiro de 1983:

> "Em 24 de janeiro de 1983, telefonei para Relious Walden, da Southern California Conference of Seventh-day Adventists, e disse-lhe que, com base em minha pesquisa e na opinião de um de nossos professores de tributação, não havia razão para que a Southern California Conference emitisse um formulário 1099 para Walter Rea. Apontei ainda que, à luz do acordo, a emissão de um 1099 pela Associação seria incompatível com a posição que ela mantivera durante toda a negociação, a saber, que o acordo não era pagamento de remuneração devida, mas se devia a outras razões. Assim, expliquei, se emitissem um 1099, estariam admitindo que deviam a Walter Rea a remuneração que haviam negado durante todo o processo que lhe deviam.
>
> A conclusão da conversa foi que a Associação não emitiria um 1099 para Walter Rea."

Mais tarde naquela semana, reafirmei essa posição com o presidente Ralph Watts, e ele disse que ele e Relious Walden haviam discutido a questão e que concordava plenamente com minha recomendação.

Tudo isso deixa alguém imaginando: com o caso Davenport ainda não tendo chegado à imprensa e ao público e com o material sobre Ellen White vindo à tona por meio de outros pesquisadores e confirmando todas as minhas descobertas, se eu estava tão errado nos dois assuntos, por que afinal me demitiram?

NOTAS DO CAPÍTULO V

1. Art Wong, "Adventist Chief Lays Out Davenport's Case", The Sunday Sun, San Bernardino, Califórnia, 23 jan. 1983.
2. Melinda Gipson, "Tumult in Adventist Ranks Doesn't Worry the Church, Says Its Leader in Interview", Religious News Services, 20 out. 1981, p. 5.

3. Neal Wilson, "A Report to the Church", Adventist Review, 29 ago. 1982.
4. Ibid., p. 23.
5. Advogado Jerry Wiley a Neal C. Wilson, 7 abr. 1983.
6. Walter Rea à President's Review Commission, 29 out. 1982.

7. "Currents Interview: John Adam", Adventist Currents, v. 1, n. 4, p. 22. 8. Walter Rea aos membros do Glendale Committee, 25 maio 1980. 9. R. L. Walden a Walter Rea, 19 set. 1980. 10. Walter Rea a Neal C. Wilson, 28 jul. 1980. 11. John Dart, "Plagiarism Found in Prophet's Books", Los Angeles Times, 23 out. 1980, p. 1. 12. Walter Rea, The White Lie (Turlock, CA: M&R Publications, 1982). 13. Editor's Viewpoint, "Ellen White in Perspective", Adventist Review, 16 ago. 1984, p. 3. 14. Glendale Committee, "Ellen G. White and Her Sources", gravações, 28-29 jan. 1980. 15. C. E. Bradford a Louise e Otto Newmann, 20 nov. 1980. 16. Dr. Robert Olson, "E. G. White Writings", palestra, Andrews University, turma do Dr. Roy Graham, anotações de aula, 26 fev. 1980, p. 2. 17. Advogado R. M. Peterson ao advogado James Wagner, 3 ago. 1982. 18. Peterson a Wagner, 15 jul. 1982. 19. Lorenzo W. Paytee a Robert Cowan, 10 maio 1982. 20. Walter Rea a Walter Blehm, 7 out. 1982. 21. James Wagner a Walter Rea, 2 nov. 1982. 22. Walter Rea a Robert Olson, out. 1981. 23. Free Inquiry, "Censorship in the Seventh-day Adventist Church", dois artigos: Douglas Hackleman, "Ellen White's Habit", e Walter Rea, "Who Profits From the Prophet", outono de 1984, v. 4, n. 4, p. 16-29. 24. Ellen G. White, The Great Controversy (Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1888), "God's People Delivered", p. 635-652. (Ver também os últimos capítulos de Early Writings.) 1. Memorando, Jerry Wiley a Walter Rea, arquivo, 4 fev. 1983.

CAPÍTULO VI

O PREÇO DA REFORMA

É um estudo estranho e fascinante que, nos 150 anos desde a elaboração das ideias adventistas, nenhuma tentativa séria tenha sido feita por estudiosos de fora da Igreja para analisar, criticar ou destruir os conceitos promovidos pela organização. Nenhum católico, a quem os adventistas odiaram desde o início, jamais dedicou tempo ou esforço para enfrentar algumas das distorções de sua história promovidas pelo adventismo. Nenhum historiador ou teólogo protestante sério considerou necessário gastar tempo corrigindo as afirmações incorretas sobre o passado protestante que evangelistas adventistas promovem em seus ataques ao mundo protestante. Nenhum historiador ou geólogo reconhecido ou notável tentou corrigir todas as suposições, hoje comprovadamente falsas, que foram enfatizadas por Ellen White ou pela Igreja que ela fundou.

A longa lista de críticos, desde o início até os dias atuais, é composta por nomes de homens que trabalharam e ocuparam altos cargos, alguns muito elevados, na estrutura da Igreja. À medida que esses homens adquiriam conhecimento e informação, tanto sobre os antecedentes de Ellen White quanto sobre a estrutura da Igreja, ou deixavam a Igreja e desapareciam de vista, ou empregavam algum ou grande esforço para informar os membros sobre aquilo de que haviam tomado conhecimento e sobre o qual não lhes era permitido falar. Por esse esforço, foram criticados sem misericórdia, condenados sem justa causa e difamados sem preocupação com sua reputação ou pessoa. Até 1975, quando o governo tornou isso obrigatório, até a aposentadoria era usada como arma contra reformadores da Igreja. Todos os anos, o General Conference Working Policy Book, cujo acesso era negado tanto ao ministério quanto aos membros, continha a declaração:

> "Nenhum obreiro pode considerar o fundo uma provisão arbitrária da qual se possa reivindicar auxílio como direito pessoal, independentemente das condições segundo as quais o fundo é provido por ação voluntária das organizações que para ele contribuem. O emprego de um indivíduo pela denominação Adventista do Sétimo Dia, portanto, não garante de maneira alguma assistência de sustentação a essa pessoa, visto que os auxílios do fundo são concedidos por ação voluntária da Associação Geral e de suas organizações subsidiárias." [1]

Assim, esse fundo frequentemente era distribuído ou negado pelos líderes da Igreja conforme a pessoa se comportasse ou não de acordo com os padrões que eles consideravam aceitáveis. Ainda consigo lembrar a primeira vez em que percebi que a Igreja podia controlar um obreiro até o túmulo, negando-lhe renda de sobrevivência caso ele não aceitasse ser controlado em suas atitudes, estilo de vida ou declarações.

Apesar dos esforços da Igreja para fazê-los submeter-se pela fome ou manchar-lhes a reputação até que obedecessem, não existe evidência séria de que todos ou quaisquer dos reformadores do passado fossem homens maus. Não há registro de que tivessem problemas com o mundo exterior por má conduta moral, ética ou financeira. Nenhum FBI questionava seu envolvimento, nenhum I.R.S. examinava seus registros, nenhuma S.E.C. se preocupava com seu cumprimento das normas e nenhuma acusação criminal ameaçava surgir em razão de má administração de recursos da Igreja. Ainda assim, apesar de tudo isso, a Igreja está mais disposta a aceitar e confiar numa liderança manchada por escândalo, apanhada com a mão no caixa, investigada por todos os órgãos acima mencionados e até censurada pela própria Igreja, do que conceder qualquer credibilidade às informações que, ao longo dos últimos cem anos, vieram de reformadores dentro de suas próprias fileiras.

Esses pensadores, estudiosos, ministros e médicos do passado possuíam boas mentes. Devem ter sabido o preço que teriam de pagar por suas investigações e estudos. Não desconheciam o registro do passado dentro da Igreja nem o preço que muitos haviam pago por

seus esforços e tentativas de oferecer aos membros um quadro mais verdadeiro de Ellen G. White. Aqueles que haviam trabalhado dentro do sistema viram parte da corrupção nos altos escalões e viram como ela era ignorada e até tolerada. Por que escolheriam o caminho certo para a autodestruição e o isolamento? Sabendo que, mais tarde na vida, sem nada além de experiência e educação denominacionais em que se apoiar, não seriam profissionalmente aproveitáveis em nenhuma posição razoável fora da Igreja, por que anteciparam a própria ruína? Nem todas as respostas jamais serão dadas, mas acreditar que todos eram homens maus, movidos pelo ódio à Igreja que serviam, ou todos famintos por posição e poder, ou empenhados em destruir o sistema ao qual haviam dado uma vida inteira de serviço, é resposta fácil demais até para os simplórios.

Existem algumas respostas, contudo, e elas deveriam ser examinadas. Uma delas foi expressa muito bem pela Spectrum de 1984:

> "A diferença não estava na capacidade intelectual. Não é necessário aplicar testes de QI para observar que os dois lados tinham sua cota de mentes brilhantes e medianas. A diferença não estava na formação científica. Muitos progressistas sentiam que, uma vez que seus irmãos conservadores - cientistas, administradores ou educadores - vissem os dados, seguiriam o único caminho aberto a homens razoáveis e reavaliariam suas posições tradicionais. Essa suposição era ingênua. Tampouco a diferença estava na lealdade à Igreja. Embora o registro histórico mostre que é mais difícil para os progressistas manter sua lealdade à Igreja - muitas vezes por causa dos obstáculos colocados em seu caminho pelos conservadores -, é importante reconhecer que muitos progressistas eram profundamente leais à Igreja." [2]

Embora o artigo trate de assunto diferente, ele não está desligado do tema de Ellen e de seu registro e autoridade. Certamente não existe prova de que Numbers, Graybill, Ford ou Rea não fossem leais à Igreja, a menos que lealdade seja definida como não resistir ao controle de alguns daqueles que nela estavam. Que regras violaram? Que procedimentos transgrediram?

Pode ser verdade que alguns dos métodos utilizados pelos reformadores do passado pudessem ter sido aperfeiçoados. Mas o mesmo poderia ser dito dos métodos da própria estrutura da Igreja. A história não é muito gentil em seu registro das ações dos homens que sempre se apresentaram como os "santos dentro da estrutura", em oposição aos "pecadores" fora do sistema, especialmente quando esses pecadores muitas vezes haviam sido abusados, maltratados e excomungados por alguns daqueles "santos". Métodos são matéria de diálogo e consulta. Métodos surgem da experiência, da tentativa e do erro; somente assim podem ser aperfeiçoados ou mudados por homens honrados. Muitas vezes, métodos são apenas reações a outros métodos ruins, e não um modo coerente de operação.

Há outras razões pelas quais a mudança ocorre com tanta tortura no adventismo. Muitas vezes, a liderança da Igreja depende de homens velhos, usados, cansados e sem

formação, que ascenderam ao sucesso sobre os ombros de seus superiores, e não por esforços inteligentes próprios. Por isso, tais homens dependem do sistema e dos ombros desses superiores, pois sem o apoio deles não seriam coisa alguma, nem em lugar nem em posição. Muitos não leem, não estudam, não pensam, apenas reagem a qualquer ameaça, venha da direita ou da esquerda. Seu último desejo é movimento em qualquer direção; portanto, opõem-se a qualquer pensamento ou ação que possa "balançar o barco". Têm uma situação boa para si, sabem disso e não querem que ela seja exposta ou ameaçada.

Outro problema mais maligno no sistema adventista é a própria Ellen White. Crendo como cria e ensinando como ensinava que era ou inteiramente de Deus ou de modo algum, não há escolha. Por isso, tudo o que ela fez, escreveu ou tocou, até sua lista de compras, muitas vezes é considerado santo e inviolável ou "inspirado". Qualquer pessoa que tente atravessar esse pântano certamente será derrubada. Tentar livrar a Igreja de seu dilema mediante jogos semânticos com a palavra "inspiração" não é apenas insatisfatório, mas puramente desonesto. A incoerência dessa posição continuará assombrando o adventismo para sempre, a menos que ele alcance terreno mais elevado. A prova dessa declaração encontra-se nas obras da própria Ellen. Ela mesma incentivou, promoveu e fez avançar a ideia de reforma em tudo o que escreveu. Ouçam suas palavras e obras:

> "Ao recusarem a advertência do primeiro anjo, rejeitaram os meios que o Céu havia providenciado para sua restauração. Desprezaram o gracioso mensageiro que teria corrigido os males que os separavam de Deus." (The Great Controversy, p. 380.)
> "O Redentor do mundo jamais desprezou o verdadeiro arrependimento, por maior que fosse a culpa, mas lançou ardentes denúncias contra fariseus e hipócritas. Há mais esperança para o pecador declarado do que para essa classe [...]. Como um povo que professa ser reformador, que entesoura as mais solenes e purificadoras verdades da Palavra de Deus, devemos elevar o padrão muito acima do que está atualmente. O pecado e os pecadores na Igreja devem ser tratados prontamente, para que outros não sejam contaminados." (Testimonies, v. 4, p. 185.)
> "Há muitos falsos profetas nestes dias, aos quais o pecado não parece especialmente repulsivo. Queixam-se de que a paz do povo é desnecessariamente perturbada pelas repreensões e advertências dos mensageiros de Deus. Quanto a eles, embalam as almas dos pecadores numa tranquilidade fatal por meio de seus ensinos suaves e enganosos [...]. Aqueles que procuram encobrir o pecado e fazê-lo parecer menos grave à mente do transgressor estão fazendo a obra dos falsos profetas e podem esperar que a ira retributiva de Deus siga tal curso [...]. Deus não tem simpatia pelo malfeitor. Não concede a ninguém liberdade para disfarçar os pecados de Seu povo nem para clamar: 'Paz, paz', quando Ele declarou que não haverá paz para os ímpios. Aqueles que suscitam rebelião contra os servos a quem Deus envia para transmitir Suas mensagens estão se rebelando contra a palavra do Senhor." (Testimonies, v. 4, p. 185.)
> "A indignação frequentemente se acende no coração do pecador contra o agente que Deus escolhe para transmitir Suas repreensões [...]. Os servos escolhidos por Deus devem enfrentar com coragem e paciência quaisquer provações e sofrimentos que lhes sobrevenham por causa de censura, negligência ou falsas representações, porque cumprem fielmente o dever que Deus lhes deu. Devem lembrar-se de que os profetas antigos e o Salvador do mundo também suportaram abuso e perseguição por causa da Palavra [...]. Aqueles que, por simpatia imprudente, encorajam homens na rebelião quando seu amor-próprio dói sob merecida repreensão não são amigos de

> Deus, o grande Repreensor. Deus enviará repreensão e advertência a Seu povo enquanto continuarem sobre a Terra." (Testimonies, v. 4, p. 180.)
> "Tratem fielmente o erro. Advirtam toda alma de que está em perigo. Não deixem ninguém enganar a si mesmo. Chamem o pecado pelo nome correto. Declarem o que Deus disse a respeito da mentira, da violação do sábado, do roubo, da idolatria e de todo outro mal. 'Os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.' Se persistirem no pecado, o juízo que vocês declararam a partir da Palavra de Deus será pronunciado sobre eles no Céu." (Gospel Workers, p. 502.)
> "O Senhor repreende e corrige o povo que professa guardar Sua lei. Aponta seus pecados e expõe sua iniquidade porque deseja separar deles todo pecado e maldade, para que aperfeiçoem a santidade em Seu temor." (Testimonies, v. 5, p. 662.)
> "As repreensões sempre ferem a natureza humana. Muitas são as almas destruídas pela simpatia imprudente de seus irmãos; pois, porque os irmãos simpatizaram com elas, pensaram que realmente haviam sido maltratadas e que o repreensor estava totalmente errado e possuía um espírito mau. A única esperança para os pecadores em Sião é ver plenamente e confessar seus erros e abandoná-los. Aqueles que se colocam no caminho para tirar o fio da repreensão cortante que Deus envia, dizendo que o repreensor estava parcialmente errado e que conseguem planejar uma maneira de tornar as repreensões ineficazes, realizarão seu propósito. Alguns colocarão a culpa sobre aquele a quem Deus enviou com uma mensagem de advertência, dizendo: Ele é severo demais; e, fazendo isso, tornam-se responsáveis pela alma do pecador a quem Deus desejava salvar [...]." (Testimonies, v. 3, p. 329.)
> "Os ministros de Deus devem erguer a voz como trombeta e mostrar ao povo suas transgressões. Os sermões suaves tantas vezes pregados não produzem impressão duradoura. Os homens não são atingidos no coração porque as verdades claras e cortantes da Palavra de Deus não lhes são ditas [...]. Quando se ouvirá novamente na Igreja a voz da fiel repreensão: 'Tu és o homem'? Se essas palavras não fossem tão raras, veríamos mais do poder de Deus. Os mensageiros do Senhor não deveriam queixar-se de que seus esforços são infrutíferos até se arrependerem de seu amor pela aprovação, de seu desejo de agradar aos homens, que os leva a suprimir a verdade e a clamar paz quando Deus não declarou paz." (Gospel Workers, p. 149-150.)
> "Ele [Deus] nos mostra que, quando Seu povo é encontrado em pecado, deve imediatamente tomar medidas decididas para afastar de si esse pecado, para que Seu desagrado não repouse sobre todos. Mas, se os pecados do povo forem ignorados por aqueles que ocupam posições de responsabilidade, Seu desagrado estará sobre eles, e o povo de Deus, como corpo, será considerado responsável por esses pecados [...]. Se erros são evidentes entre Seu povo e se os servos de Deus passam por eles indiferentes, na realidade sustentam e justificam os pecadores, são igualmente culpados e com igual certeza receberão o desagrado de Deus; pois serão responsabilizados pelos pecados dos culpados." (Testimonies, v. 3, p. 265-266.)

Este é um mandato bastante forte para qualquer reformador, por isso encerro minha argumentação. O problema é que os adventistas nunca sentiram que essas declarações se aplicassem a eles, mas que eram dirigidas aos outros; o clube, o clube deles, a Igreja deles, estava acima até de sua própria profetisa. O Estado permitiu que a Igreja, qualquer igreja, poluísse, pervertesse e contornasse todas as leis aprovadas para ajudar a manter os homens honestos. Eles estão literalmente acima da maioria, se não de todas, as leis humanas. Não conheço nenhum dos Dez Mandamentos que uma pessoa não possa violar e sobreviver no adventismo. Mas eu havia violado o décimo primeiro mandamento da Igreja, que sempre se mostrou maior do que os outros dez. Era: "Não estenderás a mão contra o ungido do Senhor" - neste caso, a estrutura e o ministério adventistas. Ninguém jamais violou esse mandamento e sobreviveu no adventismo, e eu também não poderia. Simplesmente não se pode denunciar o

sistema e esperar sua bênção, mesmo que as informações se revelem corretas. Poderíamos continuar indefinidamente registrando as palavras de Ellen dessa maneira.

Se essas são palavras "inspiradas" por Deus, como posso ser condenado pelo que fiz? Se são "inspiradas", por que a Igreja tão obviamente as rejeitou quando aplicadas a si mesma, embora venham de sua profetisa? Se são "inspiradas", quem está condenado: aqueles que as utilizaram na tentativa de promover reforma ou os líderes que continuam suas práticas obscuras e contam suas mentiras brancas? Se são "inspiradas", por que a Igreja voltou a acomodar-se como se nada tivesse acontecido e o relógio tivesse parado em 1844? Ainda assim, Wilson, na Review de outubro, podia continuar citando Ellen em Christ's Object Lessons, p. 69: "Quando o caráter de Cristo estiver perfeitamente reproduzido em Seu povo, então Ele virá para reclamá-los como Seus." Se essa declaração é "inspirada", então a vinda do Cristo adventista está realmente muito, muito distante, se os caracteres dos investidores de Davenport forem levados em consideração.

É muito mais fácil acreditar, à luz de todas as novas evidências, que nem tudo o que ela disse era "inspirado" ou relevante para o mundo ou para a Igreja. Na verdade, agora reconheço a origem de algumas das declarações dela citadas neste capítulo, e não foi Deus, mas outros autores dos quais foram copiadas. Elas ainda podem ser declarações boas e úteis, com significado, mas, tendo passado por outras mãos, oferecem alguma compreensão de por que lhes falta a força de Deus para converter a mente ou o coração da liderança adventista. Se o poder que possuímos, e que sempre afirmamos realmente vir das Escrituras e do Espírito Santo, tivesse recebido permissão para operar em algumas daquelas vidas em lugar de declarações de segunda mão copiadas de outros em nome de Ellen G. White, talvez Davenport e os dirigentes religiosos jamais tivessem acontecido e The White Lie jamais tivesse sido escrito. Mas os acontecimentos de Piratas do Privilégio nos dizem claramente que, onde não há visão da parte de Deus, o povo de fato perece.

Quais são algumas das lições a aprender com essa triste experiência?

A. Para ser verdadeiramente livre no sentido moral e manter uma relação viva e correta com Deus, o ser humano precisa ter livre acesso à verdade. Essa verdade, ou esses fatos, devem estar intactos, livres de supressões, exclusões, correções, interpretações ou manipulações por parte de outros. Na medida em que qualquer informação esteja errada, deturpada ou torcida por outros, nessa mesma medida as decisões baseadas nessa informação falsa acabarão ferindo e prejudicando aqueles que as tomam.

B. Cuidado com qualquer supervendedor, qualquer dirigente religioso ou sistema que tente vender a você qualquer ideia religiosa como "única" ou como "a verdade" para todos os

tempos. Lembre-se de que a "verdade" em religião existe há milênios e há muitos testes que podem ser aplicados para descobrir o que é "verdade". Ninguém jamais teve monopólio sobre ela.

C. É muito difícil, se não impossível, para pessoas com mente sectária em religião compreender que outras pessoas que não concordam com elas também podem estar certas. Afinal, ambas podem concordar com a "verdade", mas interpretá-la de maneiras diferentes. Não há evidência apresentada nas Escrituras de que divisões na interpretação da verdade sejam pecaminosas ou prejudiciais, a menos que nossas ações as tornem assim.

D. Confiança não é um direito nem uma comissão divina. Deus conquistou nossa confiança ou não; o mesmo se aplica aos líderes de qualquer organização, religiosa ou não. Se a liderança não é digna de confiança, não merece nossa confiança. Não se trata de direito divino. Talvez seja nessa área que a liderança do adventismo tenha seu maior problema. Esses líderes acreditam, alguns sinceramente, que Deus lhes deu sua posição e que, portanto, o povo deve dar-lhes sua confiança, independentemente do que façam ou do que suas ações revelem. Nada poderia estar mais distante da verdade da questão.

Nota do editor. No manuscrito original há duas subseções identificadas pela letra "D". Mantive essa disposição para facilitar a referência ao manuscrito original. - KW

D. Amor e Lei não são impostos separadamente nem separados no cristianismo. Caminham lado a lado. A lei de Deus é amor e, se a Igreja Adventista, que tanto prega a lei, realmente acreditasse naquilo que prega, seria conhecida em sua comunidade como um povo de amor. Isso apareceria no modo como seus membros tratam uns aos outros. Como pode uma comunidade acreditar que o adventismo é uma mensagem do amor de Deus quando tantas vezes observa o mal que os membros fazem uns aos outros? Se odiamos e destruímos uns aos outros por causa de interpretações, como se pode esperar que amemos aqueles que não pertencem à nossa fé e têm dificuldade em compreender nossas crenças, talhadas na pedra do dogmatismo e não nas tábuas de carne do coração de amor?

E. Se não existe juízo final nem lugar final de arbitragem, então fui de fato um dos maiores tolos do adventismo, não porque se tenha provado que eu era falso - muito pelo contrário -, mas porque o sistema pode destruir seus críticos e recompensar seus fiéis. Mas, crendo como creio que existe um tribunal celestial, eu não poderia fazer outra coisa senão aquilo que fiz, que foi chamar o pecado por seu nome correto.

F. Há uma linha tênue entre ganância humana e prudência. A maioria das personalidades que representavam a Igreja ocupava as faixas superiores da Obra. Recebiam mais do que a maioria das outras pessoas em benefícios de sua profissão. Até a aposentadoria

era estruturada a seu favor, e ainda assim frequentemente alegavam, como Pierson fez, que estavam apenas sendo prudentes. Na realidade, estavam sendo gananciosos.

G. Uma vez que fique claro para alguém que ninguém no adventismo se assenta na comissão que decide onde terminaremos no além, torna-se muito mais fácil ajustar-se ao mundo real ao redor e começar a retornar aos fundamentos do cristianismo, que são amor, paz e boa vontade para com todos os homens. É VERDADE QUE O ADVENTISMO NOS ENSINOU TODA A LEI. QUE TRAGÉDIA HUMANA O FATO DE QUE, POR SUAS AÇÕES, NÃO NOS ENSINOU A AMAR ESSA LEI.

A CORRIDA DA VIDA

Quando você se senta completamente só ao fim de um dia
E as sombras que caem são todas cinzentas,
E você sabe que as provações que tem pela frente
São aquelas que não irão embora.
E você conta suas perdas e soma seus ganhos,
E pesa tudo na balança da vida,
E confia que a balança, ao inclinar-se para seu fim,
Mostre que a paz superou toda a luta.
Pois você sabe que houve o bem, e percebe que houve o mal,
Numa mistura condicionada pelo tempo.
Mas você ora enquanto se senta sozinho com suas lembranças.
Pois os atos que você pratica, com os motivos a eles presos,
São revistos por uma multidão impaciente,
Pois muitas vezes as coisas que você julgou bem feitas
Foram os atos em grande parte ignorados.
Assim, os sábios e sensatos, enquanto percorrem a vida,
Devem cuidar daquilo que as pessoas procuram
E percorrerão seu caminho com uma visão em mente
Que por fim os conduzirá ao cume.